

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Carla Silveira Pereira

**A PECUÁRIA EM CAÇAPAVA DO SUL/RS: DE ATIVIDADE  
TRADICIONAL A ALTERNATIVA FRENTE À EXPANSÃO DA  
SOJA E DO EUCALIPTO**

Santa Maria, RS  
2016

**Carla Silveira Pereira**

**A PECUÁRIA EM CAÇAPAVA DO SUL/RS: DE ATIVIDADE TRADICIONAL  
A ALTERNATIVA FRENTE À EXPANSÃO DA SOJA E DO EUCALIPTO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do  
Programa de Pós-Graduação em Geografia, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)  
como requisito básico para obtenção de grau de  
**Mestre em Geografia**

Orientador: Prof. Dr. Cesar de David

Santa Maria, RS  
2016

**Carla Silveira Pereira**

**A PECUÁRIA EM CAÇAPAVA DO SUL/RS: DE ATIVIDADE TRADICIONAL  
A ALTERNATIVA FRENTE À EXPANSÃO DA SOJA E DO EUCALIPTO**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do Grau de **Mestre em Geografia**.

**Aprovado em 15 de agosto de 2016:**

---

**Cesar de David Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Eduardo Schiavone Cardoso, Dr. (UFSM)**

---

**Clécio Azevedo da Silva, Dr. (UFSC)**

Santa Maria, RS  
2016

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que sempre confiaram em mim, desde sempre.

Primeiramente agradeço a Deus, por me presentear com o dom da vida; agradeço também por me proporcionar corpo e mente saudável, dos quais não poderia desfrutar deste momento sem eles.

Aos meus pais, por me terem dado educação, valores e por me terem ensinado a andar. A meu pai, meu amor eterno. À minha mãe, amor incondicional. A vocês que, muitas vezes, renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento.

A todos os meus familiares, irmãos, primos, tios, sobrinhos. Não citarei nomes, para não me esquecer de ninguém. Mas há aquelas pessoas especiais que diretamente me incentivaram.

Aos meus verdadeiros amigos que me desejaram sorte, força e sucesso em minha caminhada nos estudos.

Aos professores, funcionários e colegas do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFSM, em especial ao Prof. Cesar de David, do qual me orientou desde sempre na vida acadêmica; e também em especial aos meus colegas de laboratório, dos quais compartilhamos muitos momentos de estudos e entreterimento juntos.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

À Instituição pelo ambiente criativo e confiável que proporciona. A Universidade Federal de Santa Maria pela oportunidade de fazer o curso.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e sabe pelo menos de onde vens”  
(Provérbio africano).*

***Ainda Existe um Lugar***

***Wilson Paim***

*Venha sentir a paz que existe aqui no campo  
O ar é puro e a violência não chegou  
O céu bem limpo e muito verde pela frente  
E uma vertente que não se contaminou*

*Pela manhã o sol nascente vem sorrindo  
E os passarinhos cantam hinos no pomar  
O chimarrão tem um sabor de esperança  
E a criança traz um futuro no olhar*

*(De tardecita tem os banhos de riacho  
Jogo de truco junto à sombra do galpão  
Uma purinha que faz rima com outro mate  
E um cão que late contra o gaúcho no oitão)*

*O anoitecer nos apresenta mais estrelas  
Entre o silêncio que da paz para o luar  
De vez em quando um cometa incandescente  
Se faz presente prá um pedido repontar*

*Aqui a verdade ainda reside em cada alma  
Se aperta firme quando alguém estende-lhe a mão  
Se dá exemplo de amor, fraternidade  
Aos na cidade que não sabem pra aonde vão*

**Composição: Ivo B. Brum / Miguel Marques**

## RESUMO

### **A PECUÁRIA EM CAÇAPAVA DO SUL/RS: DE ATIVIDADE TRADICIONAL A ALTERNATIVA FRENTE À EXPANSÃO DA SOJA E DO EUCALIPTO**

AUTORA: Carla Silveira Pereira

ORIENTADOR: Cesar de David

Este trabalho constitui-se no estudo das transformações e dinâmicas de um dos mais tradicionais sistemas agrários do Rio Grande do Sul (RS): a pecuária ou bovinocultura de corte, desenvolvida em unidades de produção no espaço rural do município de Caçapava do Sul/RS. Desenvolvida em pequenas, médias e grandes propriedades, algumas delas de característica familiar, essa atividade exerce forte influência na dinâmica econômica e política do município. Assim, torna-se importante entender a evolução desse sistema em particular, em um ambiente em que as transformações da paisagem agrária vêm ocorrendo de forma acelerada, em decorrência da expansão do sistema capitalista explorador e acumulador de capital, destacando-se, nesse sentido, a expansão das culturas de soja e de eucalipto mais intensamente nos últimos dez anos. Com isso, torna-se fundamental, nesta pesquisa, conhecer a visão dos pecuaristas sobre seu modo de produção para o futuro, pois, assim, pode-se entender as significativas mudanças socioespaciais em curso no espaço agrário do município. A pesquisa está ancorada no método dialético, em uma metodologia configurada em quatro etapas, de forma a abranger os objetivos propostos na pesquisa: revisão bibliográfica; pesquisa de dados secundários; pesquisa de campo no município; e análise dos resultados, tendo como produto a elaboração deste texto. Com isso, este estudo pretende, por meio da análise da dinâmica do espaço rural, identificar os fatores responsáveis pelas transformações em curso no espaço rural de Caçapava do Sul/RS, onde predominavam os sistemas pecuaristas tradicionais do tipo extensivo, com forte influência nos aspectos culturais e econômicos, e onde, atualmente, mesclam-se outras atividades dinâmicas, tais como a soja e a silvicultura, com fortes impactos sobre a paisagem.

**Palavras-Chave:** Espaço rural. Pecuária. Paisagem.

## **ABSTRACT**

### **THE LIVESTOCK IN CAÇAPAVA DO SUL/RS: FROM TRADITIONAL ACTIVITY TO ALTERNATIVE TOWARDS THE EXPANSION OF SOY AND EUCALYPTUS**

AUTORA: CARLA SILVEIRA PEREIRA  
ORIENTADOR: CESAR DE DAVID

This work constitutes the study of transformations and dynamics of one of the most traditional agrarian system of Rio Grande do Sul (RS): the livestock or beef cattle, developed in production units in the rural areas of Caçapava do Sul/RS city. Developed in small, medium and big properties, some of them familiar, this activity has a strong influence in the economic and political dynamic of the city. Thus, it's important to comprehend the evolution of this particular system, in an environment that the transformations of the agrarian panorama are occurring in an accelerated way, as a result of expansion of the explorer and capital accumulator capitalism system, highlighting, in this way, the expansion of soybean and eucalyptus cultivation, intensified during the last ten years. Thereby, it's fundamental, in this research, to know the ranchers's point of view about their production mode to the future, so, this way, it can be understood the significant sociospatial ongoing changes in the agrarian area of the city. The research is in dialectical method, in a methodology configured in four steps, to embrace the research's proposed objectives: bibliographic revision; secondary data research; field research in the city; and results analysis, having as product this text elaboration. Thereby, this study intends, through the analysis of the dynamic of rural area, identify the responsible factors for the ongoing transformations in the rural area of Caçapava do Sul/RS, where used to predominate the traditional livestock systems of extensive type, with strong influence in the cultural and economic aspects, and where, currently, combine other dynamic activities as soy and forestry, with strong impacts over the landscape.

**Keywords:** Rural area. Livestock. Landscape.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO .....	17
FIGURA 2 – MAPA HIPSOMÉTRICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL .	18
FIGURA 3 – MAPA DAS PROVÍNCIAS GEOMORFOLÓGICAS DO RIO GRANDE DO SUL.....	20
FIGURA 4 – PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE CAÇAPAVA DO SUL, COM DESTAQUE AS FORMAS DE RELEVO .....	21
FIGURA 5 – CAMPOS LIMPOS E CAMPOS SUJOS .....	22
FIGURA 6 – CAMPO NATIVO.....	23
FIGURA 7 – CAÇAPAVANOS DO SÉCULO XX .....	25
FIGURA 8 - GRÁFICO DA DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAÇAPAVA DO SUL .....	26
FIGURA 9 - REBANHO BOVINO CRIADO DE MODO EXTENSIVO.....	32
FIGURA 10 - EXPRESSÃO DA CULTURA GAÚCHA EM CAÇAPAVA DO SUL	38
FIGURA 11 – GRÁFICO IDENTIDADE DAS FAMÍLIAS .....	39
FIGURA 12 - A PRESENTE FAUNA E FLORA ENRIQUECENDO A PAISAGEM	42
FIGURA 13 – PAISAGEM REPRESENTATIVA DO REBANHO NO PASTO .....	43
FIGURA 14 – PAISAGEM DA PECUÁRIA FAMILIAR.....	45
FIGURA 15 – PAISAGEM DO INÍCIO DA “CAMPEREADA” .....	46
FIGURA 16 – ÉGUA EM CUIDADOS COM SUA CRIA .....	48
FIGURA 17 – PECUARISTA FAMILIAR NO PREPARO DA LAVOURA PARA O PLANTIO DE MANDIOCA .....	49
FIGURA 18 – PAI E FILHO NO TRABALHO COM O REBANHO BOVINO – DIA DE CASTRAÇÃO .....	51
FIGURA 19 – DOSAGEM DO REBANHO EM UMA UNIDADE DE PRODUÇÃO FAMILIAR.....	52
FIGURA 20 – LIDA DO PECUARISTA NO CAMPO COM O AUXÍLIO INDISPENSÁVEL DO CAVALO E DO CACHORRO (FIÉIS AJUDANTES)...	53
FIGURA 21 – BOVINOS A SEREM TRANSPORTADOS PARA O ABATE .....	54
FIGURA 22 – MAPA DA PRODUÇÃO DE SOJA NO RS DISTRIBUÍDA POR MUNICÍPIO NO PERÍODO DE 2001-2003 .....	62
FIGURA 23 - MAPA DA PRODUÇÃO DA SOJA NO RS DISTRIBUÍDA POR MUNICÍPIO NO PERÍODO DE 2004-2006.....	63
FIGURA 24 - MAPA DA PRODUÇÃO DE SOJA NO RS DISTRIBUÍDA POR MUNICÍPIO NO PERÍODO DE 2009 A 2011 .....	64
FIGURA 25 – GRÁFICO DA COMPARAÇÃO EM PORCENTAGEM DO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E ÁREA DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO NO RS.....	70
FIGURA 26 – GRÁFICO DAS ÁREAS INAPROVEITÁVEIS.....	74
FIGURA 27 – GRÁFICO DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO CLASSIFICADAS POR TAMANHO.....	75
FIGURA 28 – GRÁFICO DA MÃO-DE-OBRA .....	77
FIGURA 29 – GRÁFICO DO ACESSO A CRÉDITOS .....	77



FIGURA 30 – GRÁFICO DO TAMANHO DAS UNIDADES NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS .....	78
FIGURA 31 – GRÁFICO DA RENDA DAS FAMÍLIAS .....	79
FIGURA 32 - CULTIVO DE SOJA EM CAÇAPAVA DO SUL .....	80
FIGURA 33 - PLANTAÇÃO DE SOJA, OCUPANDO ESPAÇOS DA PECUÁRIA .	81
FIGURA 34 - PLANTAÇÃO DE EUCALIPTO EM CAÇAPAVA DO SUL.....	84
FIGURA 35 - ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA E CAMPOS SULINOS .....	90
FIGURA 36 – MUDANÇAS RECENTES NO SISTEMA DE PRODUÇÃO.....	93
FIGURA 37 – POSSÍVEIS MUDANÇAS DE ATIVIDADE NA UNIDADE DE PRODUÇÃO.....	94

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - MORADORES NO CAMPO.....	47
QUADRO 2 – MOTIVO DE PRATICAR A PECUÁRIA BOVINA .....	73
QUADRO 3 – OBTENÇÃO DAS TERRAS .....	76
QUADRO 4 – APROVEITAMENTO DA TERRA .....	82

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CAÇAPAVA DO SUL: A PECUÁRIA NA HISTÓRIA</b> .....	<b>30</b>
2.1	O BOI NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL .....	30
2.2	A PECUÁRIA COMO FORMADORA DA IDENTIDADE GAÚCHA CAÇAPAVANA .....	34
<b>3</b>	<b>A PAISAGEM CONTEXTUALIZANDO AS FORMAS DE VIDA E DE TRABALHO</b> .....	<b>40</b>
3.1	A PAISAGEM COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO .....	40
3.2	AS PAISAGENS DOS CAMPOS E A CRIAÇÃO DE GADO .....	43
3.2.1	A lida do gado .....	49
3.2.2	Formas de reprodução e melhoramentos .....	54
3.3	GESTÃO DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO NA PERSPECTIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR .....	56
3.4	OS CAMPOS CEDEM LUGAR AS LAVOURAS .....	58
3.4.1	Origem da soja no Brasil .....	58
3.4.2	A demanda internacional por soja e sua expansão no território.....	59
3.4.3	Faces do eucalipto: como se apresenta a planta .....	65
<b>4</b>	<b>PAISAGENS RURAIS CAÇAPAVANAS</b> .....	<b>69</b>
4.1	ESTRUTURA FUNDIÁRIA.....	69
4.2	AS PAISAGENS DA PECUÁRIA .....	72
4.3	A SOJA E A SILVICULTURA AVANÇAM NOS CAMPOS .....	80
<b>5</b>	<b>MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM RURAL CAÇAPAVANA</b> .....	<b>85</b>
5.1	CONFLITO ENTRE A PECUÁRIA E AS NOVAS CULTURAS DA SOJA E DO EUCALIPTO .....	85
5.2	OS IMPACTOS AMBIENTAIS .....	88
5.3	PERSPECTIVAS PARA O FUTURO .....	92
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>96</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>98</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO</b> .....	<b>103</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente (2009), nas últimas décadas, cerca de metade da superfície originalmente coberta com campos no estado do Rio Grande do Sul foi transformada em outros tipos de cobertura vegetal. Esse processo aconteceu sem que limites tenham sido efetivamente estabelecidos e aplicados, nem pelo poder público, nem pela sociedade. Não foi diferente em outras regiões do campo brasileiro, onde Boldrini (2009) enfatiza que a introdução de culturas como a soja e a silvicultura modificaram grandemente a fisionomia dos espaços rurais.

Emerge uma nova e diferenciada organização socioespacial no campo de Caçapava do Sul, o que tem provocado transformações significativas na paisagem, embora de uma forma mais lenta que em outros municípios, porém, de forma bastante acentuada.

Caçapava do Sul é um município em que a cultura específica dos povos da região sul do estado do Rio Grande do Sul, fortemente influenciada pela atividade da pecuária, mais precisamente a pecuária familiar, se manteve ao longo dos tempos com poucas alterações, contudo, nos últimos anos, houve sensíveis transformações de ordem econômica, social e cultural, em função da dinâmica da soja e da silvicultura.

É inegável que a globalização, juntamente com seu aparato tecnológico, tenha sido responsável pelas modificações sofridas em alguns lugares, mesmo distantes territorialmente de centros mais modernos e dinâmicos, no entanto, essas transformações incidiram de forma diferenciada em lugares onde as “tradições” são mais intensamente valorizadas.

Essa pesquisa tem por **objetivo geral** compreender as transformações da atividade pecuarista, predominante no município de Caçapava do Sul–RS, decorrente da reorganização socioeconômica do espaço agrário do município, a partir do avanço recente das culturas de soja e eucalipto e seus impactos sobre a paisagem rural.

São objetivos específicos:

- Conhecer o processo de formação do espaço rural de Caçapava do Sul, destacando a importância histórica da pecuária no contexto socioeconômico e cultural do município;
- Descrever os sistemas produtivos da agropecuária municipal, caracterizando a pecuária de corte, a sojicultura e a silvicultura, sobretudo;

- Conhecer as causas do avanço da sojicultura e da silvicultura no município, reconhecendo seus principais agentes;

- Caracterizar a paisagem rural de Caçapava do Sul no que se refere as mudanças e permanências decorrentes da dinâmica do espaço rural.

O espaço rural sul-caçapavano será abordado na perspectiva de sua transformação constante, síntese sempre renovada das sucessivas atividades nele desenvolvidas, desde a pecuária tradicional, de cunho extensivo, até as lavouras e criações modernas, intensivas em capital e tecnologias. Desses processos e dinâmicas, configuram-se paisagens rurais que trazem as marcas do passado, porém renovam-se constantemente.

Para o melhor entendimento dos processos analisados e descritos no trabalho, se torna fundamental a abordagens de alguns conceitos-chave, tais como a paisagem e a pecuária familiar.

A respeito do conceito de paisagem, sobre um olhar geográfico, este aparece inicialmente ligado à paisagem natural, entendida através da composição dos elementos naturais (clima, vegetação, relevo, solo, entre outros) e, posteriormente, a paisagem humanizada compreendida como resultado das relações homem/natureza. Conforme Suertegaray (2001, p. 5), a paisagem é “um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sobre uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais”.

A paisagem é uma representação fiel das diversas formas que expressam as marcas deixadas por esta sociedade no espaço. É o conjunto entre a relação do homem com a natureza, podendo essa ser uma herança de muitos diferentes momentos, pois a paisagem não se cria de uma só vez, mas, sim, por um conjunto de evoluções e acréscimos.

Santos explica:

Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai se tornando cada vez mais complexo, exigindo mudanças correspondentes as inovações. Através das novas técnicas, vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra. Por isso o entendimento do fato geográfico depende tanto do conhecimento dos sistemas técnicos (SANTOS, 2008a, p. 74).

Pode-se também interpretar a paisagem como o resultado da relação sensível das pessoas com seu entorno percebido, vivenciado ou apenas visitado. Por isso, a paisagem

é elemento de afinidade e identidade territorial, e manifestação dos variados lugares do espaço geográfico.

Para uma melhor compreensão do “pecuarista familiar”, buscou-se em Claudio Ribeiro (2009), algumas hipóteses que explicam sua gênese e especificidade:

A primeira hipótese é de que realmente há agricultores familiares que se dedicam a bovinocultura de corte em pequenas áreas utilizando-se mão-de-obra majoritariamente familiar. Parte-se do pressuposto de que o comportamento e a lógica dos pecuaristas familiares, sejam, na sua essência, semelhantes á lógica dos agricultores familiares. Isto é, são agricultores familiares que se dedicam a bovinocultura de corte.

A segunda hipótese é que os pecuaristas familiares são oriundos de processos diferentes de formação que estabeleceram diferentes tipos de produtos. A origem dos pecuaristas familiares, se supõe, sejam, através das divisões das estâncias das sesmarias, através da aquisição ou por indenização dos patrões.

A terceira hipótese é de que os pecuaristas familiares, mesmo quando localizados em ambientes diversificados (solos, vegetação, topografia) tem comportamentos semelhantes a partir de seu modo de vida.

E a última hipótese é a de que os pecuaristas familiares tem contribuição importante nos processos de desenvolvimento rural (RIBEIRO, 2009, p. 25).

Já na concepção da EMATER (2000<sup>a</sup>) o “pecuarista familiar” seria aquele produtor que:

- a) Tem como sua principal fonte de renda a criação de bovinos de corte-ovinos ou que tenha estas atividades ocupando a expressiva parcela da área do seu estabelecimento rural;
- b) Atenda cumulativamente os seguintes critérios:
  - resida na propriedade rural ou em aglomerado urbano próximo
  - tenha no mínimo 80% da renda gerada na atividade agropecuária
  - use mão-de-obra familiar, considerando-se os critérios normalmente adotados para caracterizar a agricultura familiar (adotados pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura PRONAF)
  - tenha renda bruta anual não superior a \$ 40.000 excluídos os benefícios previdenciários decorrentes das atividades rurais
  - seja proprietário ou arrendatário de estabelecimento (área contínua ou não) com área não superior a 300 hectares.

No Rio Grande do Sul há um total de 45.000 famílias de pecuaristas familiares, contabilizando 10 % dos proprietários rurais do estado, conforme dados da EMATER (2000a, p. 64)

Os conceitos descritos acima embasarão o trabalho, pois são importantes para uma melhor compreensão dos assuntos abordados.

Afim de alcançar os objetivos propostos e a necessidade de reunir informações sobre a área de estudo, os procedimentos metodológicos desenvolvidos na pesquisa foram divididos em quatro eixos:

- Levantamento bibliográfico para caracterizar a área de pesquisa; as análises apresentadas na revisão bibliográfica foram extraídas de documentos como livros, teses, dissertações e outras publicações que abordam assuntos relacionados ao tema tratado. Junto ao mesmo incluíram-se imagens obtidas a campo.

- Construção do referencial conceitual para subsidiar a análise da realidade;

- Levantamento de dados secundários; sistematização dos mesmos sobre a área e as temáticas de interesse; no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censos agropecuários e demográficos, e Fundação de economia e Estatística (FEE), órgãos municipais, tais como: Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento, Secretaria da Fazenda, INCRA, EMATER, Biblioteca Pública, Inspetoria Veterinária e Secretaria de Planejamento. Foram realizadas também, análise dos dados de fontes secundárias e relacionados de forma a obter informações concisas e relevantes para a interpretação e compreensão do estudo, relacionando-as com o referencial teórico obtido na revisão bibliográfica.

- Pesquisa de campo na área de estudo, levantamento de dados qualitativos, registros e armazenamento das informações através de diários de campo.

A pesquisa a campo se deu em duas etapas:

- a primeira que ocorreu no final do ano de 2014, meses de novembro e dezembro e início de 2015, no mês de janeiro; mais precisamente, três dias de saída no espaço rural e três dias na cidade, onde foram visitados os escritórios, secretarias e bibliotecas que se encontram no espaço urbano de Caçapava do Sul; com o intuito de certificar e enriquecer o conteúdo teórico obtido através das leituras realizadas até o momento a respeito da temática.

- a segunda etapa ocorreu com a aplicação de uma pesquisa exploratório-descritiva por amostragem, com variáveis quantitativas e qualitativas. Utilizar-se-á a técnica da entrevista semi-estruturada por meio de entrevistas. Foram realizadas visitas em algumas unidades de produção do município as quais exercem a atividade da pecuária bovina de corte. (veja em apêndice)

A escolha da amostra foi baseada em Gil (2008) que fala em amostragem por tipicidade ou intencional:

Constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população. Entretanto, requer considerável conhecimento da população e do grupo selecionado (GIL, 2008, p. 94).

O número de entrevistas feitas foi estipulado de maneira que contemplasse todos os distritos do município, para obter informações abrangentes de todas as regiões físicas e territoriais, obtendo assim, uma caracterização e análise de estudo concreta e mais fiel possível. Também foi pensado em um número de entrevistas que fosse viável para os dias possíveis destinados a este trabalho.

O trabalho de campo, que teve como proposta realizar entrevistas com os pecuaristas do município de Caçapava do Sul se realizou nas datas de 21, 22, 23, 24 e 25 do mês de setembro de 2015 e nos dias 12, 13 e 14 do mês de outubro de 2015.

Esta data foi escolhida, pois entendeu-se como sendo uma época que melhor se adequava para obtermos bom desempenho na atividade.

Nestes dias foram visitados na cidade três estabelecimentos político-administrativo, sendo estes: Sindicato dos Trabalhadores Rurais; Sindicato Rural; Cooperativa “Cotrisul”. Também na cidade foram entrevistados mais 22 pecuaristas; e no campo foram mais 6 entrevistas. Os distritos visitados foram: Seival Carajá, Serro do Martim e Forninho.

Quanto ao endereço dos entrevistados era de conhecimento prévio.

As dificuldades encontraram-se nos aspectos da distância nas localidades no espaço rural; pois o município conta com uma grande área territorial; também encontrou-se dificuldades quanto a qualidade das estradas, eram ruins (esburacadas); o meio de transporte foi de domínio próprio. Quanto a recepção dos entrevistados, não ocorreu problemas, foram acessíveis e bem abertos quanto as respostas.

O município de Caçapava do Sul está localizado no sudeste do estado do Rio Grande do Sul, próximo a importantes vias, sendo que seu sítio urbano está próximo a BR- 392, conhecida por “estrada da produção” que inicia em Porto Xavier, próximo aos limites com a Argentina e se estende até o porto de Rio Grande. O município também é servido pela BR-290, que liga Uruguaiana a Porto Alegre e, também, pela BR-153 que se estende de Marabá (Pará) até Aceguá (RS), divisa com o Uruguai. O município tem 3.047 Km<sup>2</sup> de dimensão territorial.

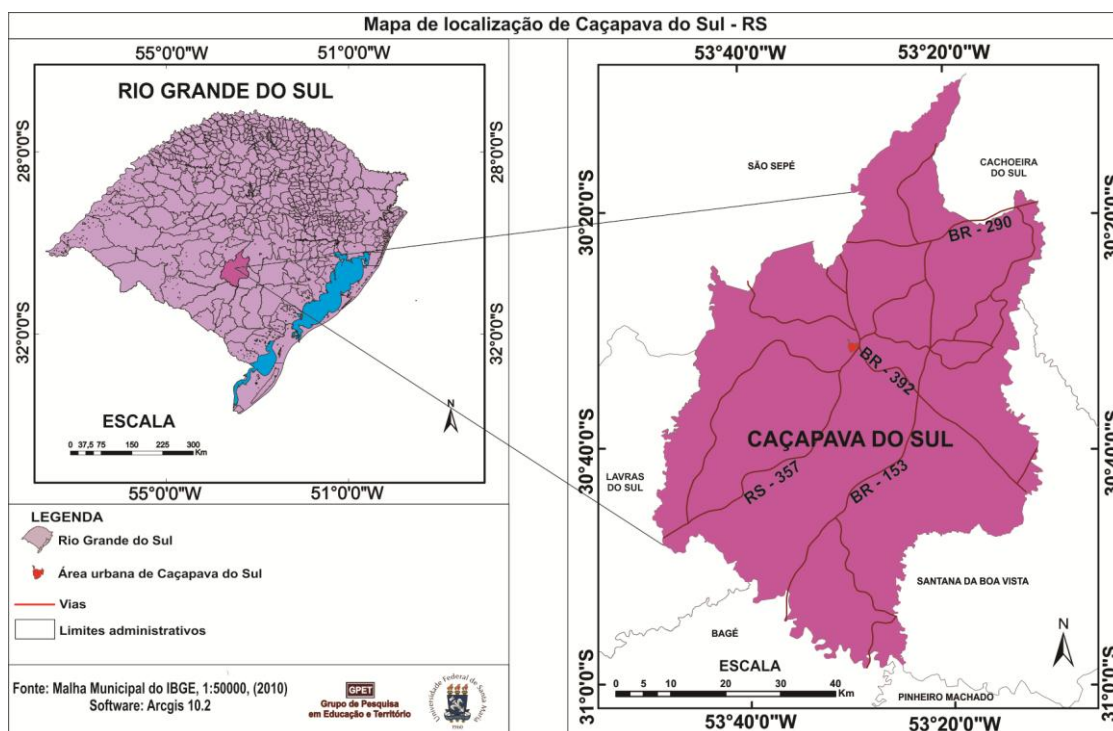
A localização da cidade é um dos fatores importantes para o desenvolvimento econômico do município, já que possui vias de acesso rodoviário que passam pelo



território do município, sendo servida pela BR 392, ligando a região das Missões ao Porto de Rio Grande, fazendo a ligação norte/sul, BR 290, de Uruguaiana a Porto Alegre- leste /oeste, BR 153, ligando a BR 290 a cidade de Bagé, privilegiando o município com a entrada via Uruguai e outra via Argentina, o que torna a cidade uma rota obrigatória aos caminhos do Mercosul.

Caçapava do Sul tem como limítrofes os municípios de Cachoeira do Sul e São Sepé a norte, Lavras do Sul a leste e sul, ainda a sul faz divisa com Bagé e Pinheiro Machado e a leste com Santana da Boa vista. Veja-se na figura 1, mapa de localização a seguir:

Figura 1 – Mapa de localização do município

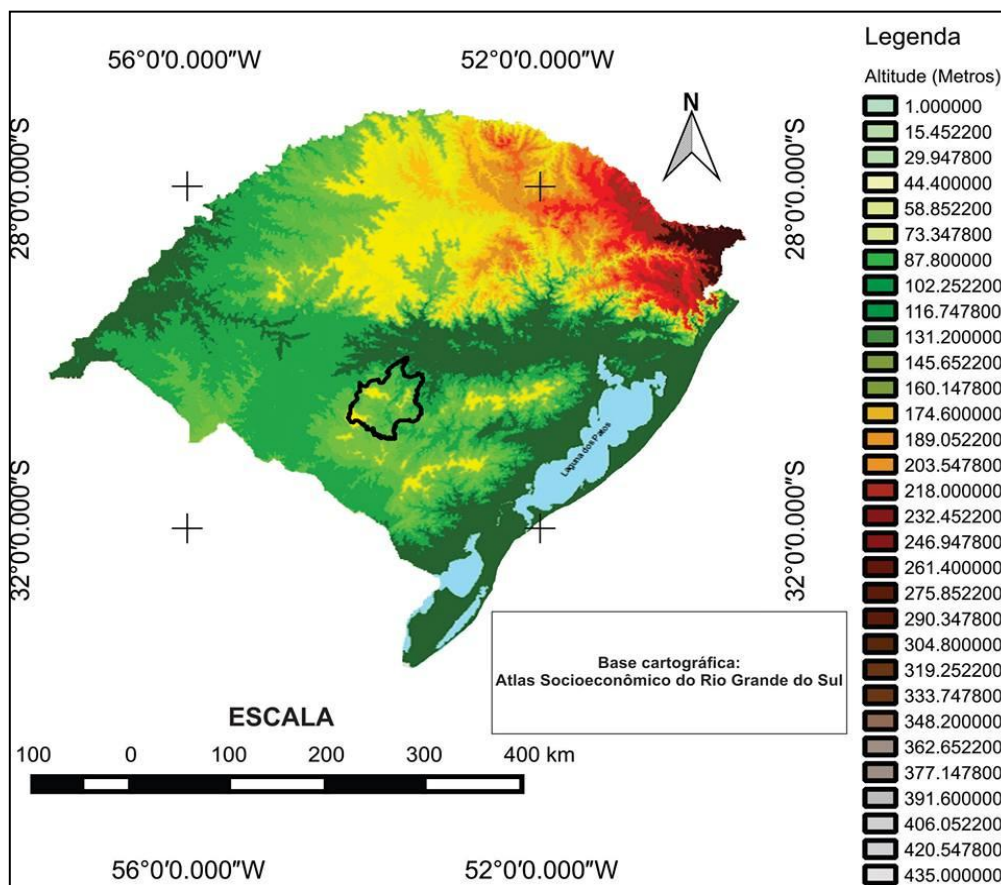


Fonte: Malha digital do IBGE, 1:50000, 2010. Organização: Zanon, J. S; Pereira, C. S.

Possui uma rede hidrográfica com dois afluentes do Rio Jacuí que correm ambos no sentido SO-NE, que são os arroios Santa Barbara, mais ocidental, e Irapuã mais oriental. E tem em seus domínios municipais a nascente e um bom trecho do leito superior do Rio Camaquã.

Localizada na Serra do Sudeste também conhecida como Serra da Encantada. Incrustada no Escudo Sul-riograndense<sup>1</sup>, sua litologia predominante é granítica, mas é uma área de grandes perturbações como falhas e dobramentos. Veja-se na figura 2 a seguir a hipsometria da localização de Caçapava do sul.

Figura 2 – Mapa hipsométrico do estado do Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE (2015).

No município há ocorrência do minério de cobre e jazidas de rocha sedimentar calcárea, onde nove mineradoras realizam o trabalho e extração, industrialização e comercialização; o que é bem significativo para a economia do município. A indústria calcárea emprega uma porcentagem significativa da população local. São elas:

<sup>1</sup> O Escudo Sul-Riograndense abrange os municípios de Caçapava do Sul, Encruzilhada do Sul, Lavras do Sul, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista. Tendo como sua Área Total: 12.734 km<sup>2</sup>. Faz parte da chamada Serra do Sudeste e, principalmente devido à variação geológica muito rica em formações vegetais, ocorrendo pelo menos onze tipos de vegetação. Chama a atenção a presença das formações rochosas denominadas guaritas, Pedra do Segredo, entre outras. Segundo o IBGE, predomina a formação Savana Gramíneo-lenhosa formada por campos finos e campos mistos. Os morros são cobertos de plantas características da região, endêmicas, podendo-se citar principalmente cactáceas e petúnias.

**CALCÁRIO CRUZEIRO S/A:** A empresa Sangali & Cia Ltda, foi fundada em 1976, pelo empresário Iduino Luiz Sangalli, seu ramo de atividade é a produção de Cal e Calcário, sua fábrica está sediada no Distrito das Caieiras no município de Caçapava do Sul, na BR 392 km 248.

**DAGOBERTO BARCELLOS S/A:** Fundada em 1918, faz parte do Grupo DB, que compreende as empresas DB Empreendimentos e Participações S/A e Fazenda Santa Helena Ltda. A Dagoberto Barcellos S/A, localizada na BR 392 - Km 252,5 é uma das pioneiras na produção de cal para construção e calcário agrícola. Seu parque industrial abriga duas fábricas com capacidade de produção de 900 mil toneladas/ano de calcário, uma moderna fábrica de cal para construção com capacidade de produção anual de 144 mil toneladas e uma fábrica de argamassa com capacidade de produção anual de 40.000 toneladas. Atualmente, a empresa detém 70 % do mercado gaúcho de cal e 25% do mercado de calcário, gerando mais de 900 empregos diretos e indiretos.

**FIDA - Irmãos Ciocari & Cia. Ltda:** Em 2012, Fida completa 58 anos da fundação pelos irmãos Firmino e Dary. Inicialmente atuou na indústria agrícola e há mais de 10 anos no ramo da construção civil.

**INDUCAL - Indústria de Calcários Caçapava Ltda.:** fundada em 1959 através de um projeto pioneiro no Estado, a Inducal possui duas Unidades Industriais em operação, produzindo Calcário Agrícola, Caulim, e Argila. Além da mineração e processamento, a Inducal atua nas áreas de pecuária e reflorestamento.

**INDÚSTRIA DE CALCÁRIO VIGOR LTDA:** fundada em 1969, atividade no ramo da mineração, indústria, transporte e aplicação de Calcário Agrícola. Uma das empresas mais antigas de Caçapava do Sul, mantém até hoje seu principal objetivo, que é de produzir corretivo de solos, capaz de aumentar a fertilidade do solo.

**MINERAÇÃO MÔNEGO:** Há mais de 30 anos no mercado da construção civil e na agricultura possui três unidades de produção Caçapava do Sul, Hulha Negra e Vila Nova do Sul, e três de distribuição em Cruz Alta, São Luiz Gonzaga, Santa Barbara do Sul.

**MÁRIO RAZZERA & CIA. LTDA.:** A meta da empresa Mário Razzera & Cia Ltda é dedicar a atenção e o atendimento em Cal para o município e Estado.

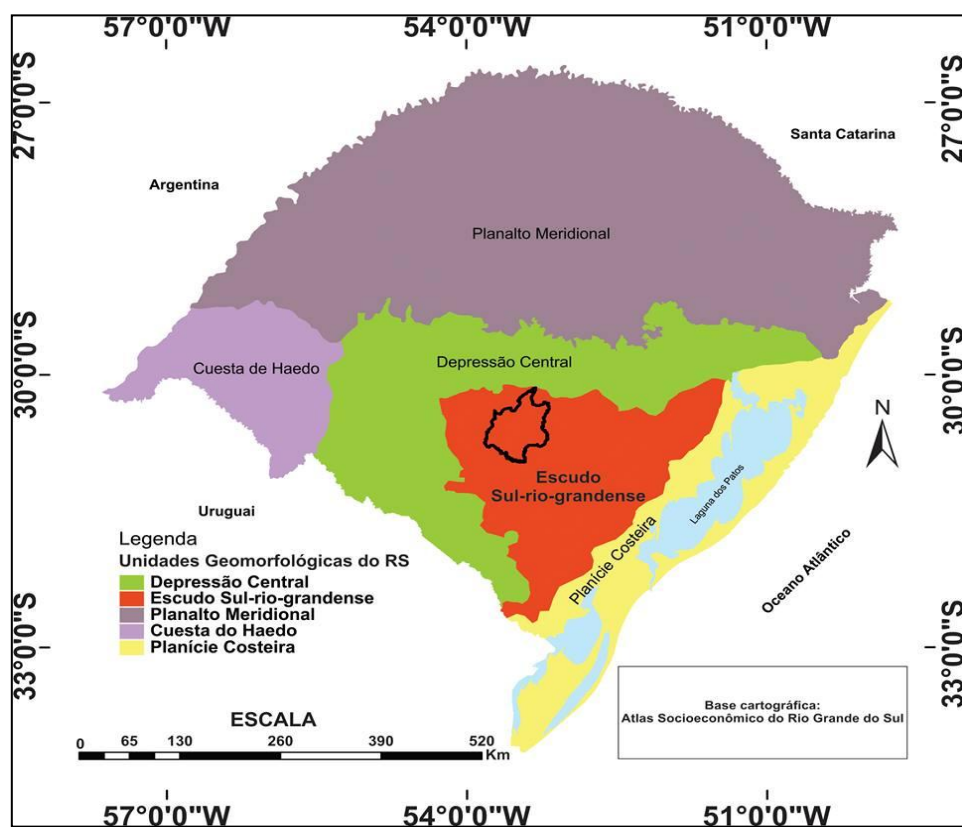
O setor industrial é considerado de relevância econômica para o município. Comparado ao estado, o setor de Indústria Extrativa Mineral equivale a 23,72 % de participação, enquanto que no estado a média é de 0,31 %. A produção em Caçapava do Sul é responsável por 80 % do calcário produzido no Rio Grande do Sul.

Este setor só não é mais significativo do que o de Produção e Extração animal e vegetal; ficando em primeiro lugar como atividade mais participativa no município com 25,61 %, em comparação com a média do estado que se coloca com 17,36 %; dados de 2012 da Secretaria da Fazenda-Receita Estadual, publicado no ano de 2013.

Em sua configuração topográfica observam-se belos campos e serras imponentes, com terras escuras e solo silicioso, prestando-se à agricultura e principalmente, à criação de gado.

O relevo apresenta uma grande heterogeneidade geomorfológica com o predomínio de paisagens com declividades acentuadas. Geologicamente essa região apresenta a litologia mais antiga do Rio Grande do Sul, sendo por isso também denominada Escudo Cristalino Sul-rio-grandense ou Planalto Sul-rio-grandense. Veja-se a figura 3 a seguir:

FIGURA 3 – Mapa das províncias geomorfológicas do Rio Grande do Sul



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (1998).

As rochas, que datam do período Cambriano (542 Milhões de anos) ao Arqueano (mais de 2500 MA), além de antigas, são também geologicamente complexas, sendo

formadas principalmente pela composição granítica com associações de rochas metamórficas (STRETCH et al, 2008), além de inusitadas geoformas<sup>2</sup> desenvolvidas sobre uma matriz arenítica e dispostas ao longo de mosaicos de campo-floresta em solos rasos e cobertos de afloramentos.

Figura 4 – Paisagem do município de Caçapava do Sul, com destaque as formas de relevo



Fonte: Arquivo pessoal (dez. 2010).

Sobre esse aspecto, Vieira (1984) ao descrever a configuração geológica do Escudo Sul-rio-grandense, salienta que é possível distinguir nessa área vários tipos de rochas como Ígneas (granitos, pegmatitos, gabro, riolitos e ultrabásicas), metamórficas (gnaisses, migmatitos, calcários e xistos) e Sedimentares (arenitos, folhelhos, conglomerados).

Para Overbeck et al (2009), a vegetação predominante pode ser caracterizada como mosaicos de campo-floresta, sendo as florestas mais desenvolvidas junto às faixas ciliares de rios e arroios. Os campos predominam e podem se apresentar em duas categorias, os campos limpos, sem componentes lenhosos (estrato baixo e contínuo de gramíneas e herbáceas) e campos sujos, campos com arbustos e subarbustos.

---

<sup>2</sup> Geoforma é toda e qualquer forma de superfície produzida por processos geomorfológicos e geológicos, dotadas de alguns valores. Esses valores podem ser intrínsecos à geoforma, cultural, estético, funcional, educativo ou turístico (BRILHA, 2005).

Figura 5 – Campos limpos e campos sujos



Esta imagem mostra campos sujos com predomínio de arbustos. E mais ao fundo, á direita, mostra campos considerados mais limpos, conforme descrito acima. Imagem da vista de cima da “Pedra do Segredo” (ponto turístico).

Fonte: Arquivo pessoal (dez. 2010).

Entretanto, existem diversas propostas de classificação para a vegetação do estado do Rio Grande do Sul, em especial do Bioma Pampa, gerando diversas discussões sobre a denominação adequada para os campos sulinos, repercutindo, conseqüentemente sobre a classificação da vegetação adotada para esta microrregião (Serra do Sudeste).

No município, a cobertura vegetal predominante é campestre; porém há a presença de plantas “invasoras”, como é o caso da espécie exótica “capimannoni” (*Eragrostis plana*<sup>3</sup>); estas causam problemas no ambiente, pois desarmonizam a flora endógena e também causam modificações no aspecto cultural e econômico, pois os agropecuaristas precisam aprender a trabalhar com este tipo de espécie em seus campos ou procurar informações a respeito da melhor forma de manejo, e/ou aplicar capital para eliminar estas espécies.

---

<sup>3</sup> No caso específico dessa invasora, suas conseqüências envolvem a perda de qualidade na dentição do rebanho por se tratar de uma planta de difícil apreensão e corte (cisalhamento), causando desgaste e afetando a vida útil da dentição animal.

No município a principal exploração do meio agrário está centrada na pecuária de corte extensiva, em grandes extensões de campos nativo. Em se tratando de cultivos, os principais desenvolvidos no município são: as pastagens cultivadas, soja, milho, eucalipto e em pequena proporção, as oliveiras.

O Rio Grande do Sul possui em seu território dois biomas distintos: Mata Atlântica, que compreende os campos que estão localizados a nordeste, e o Pampa, que inclui os campos localizados na metade sul e oeste do estado. Segundo (Brasil, 2009) os campos do Pampa são ecossistemas naturais muito antigos, considerados testemunhos de um clima frio e seco, que já existiam antes mesmo da expansão florestal no Rio Grande do Sul.

O Bioma Pampa ocupa uma área total de aproximadamente 700.000 km<sup>2</sup>, englobando terras da Argentina, Brasil e Uruguai. Em território brasileiro se distribui pela Metade Sul do RS, abrangendo 176.000 km<sup>2</sup>, equivalendo a 64 % do território gaúcho e a 2,07 % do território do país. (CHOMENKO, 2007).

Pensa-se que os campos do Pampa são formações simples, dominadas por um mesmo tipo de “capim”, entretanto trata-se um bioma bastante complexo, formado por várias formações vegetais, cada uma delas sustentando suas peculiaridades (BOLDRINI, 2009). Veja-se a seguir uma representação de campo do Bioma Pampa.

Figura 6 – Campo nativo



Campos do Bioma Pampa. Localidade do Guarda Velha, distrito de Cerro do Martins, Caçapava do Sul. Fonte: Trabalho de campo (dez. 2014).

Os campos do Pampa cobrem grandes extensões, cujo relevo varia de ondulado suave e moderado na porção central e oeste do estado a fortemente ondulado na Serra do Sudeste.

O projeto desenvolvido pelo Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2006, que elaborou o mapeamento da cobertura vegetal do Bioma Pampa, segundo Neske (2009), revelou que entre os tipos de formações vegetais ocorrentes nos municípios que constituem o território do Alto Camaquã, há o domínio fisionômico de uma estrutura de vegetação em transição. Ou seja, conforme, Weber & Hasenack (apud NESKE, 2009) “são áreas de tensão ecológica com presença de formação herbáceo-arbustiva nativa com uso pecuário e floresta nativa (p.74)”, o que caracteriza uma paisagem típica da Serra do Sudeste (FIGUEIRÓ et. al. 2011).

As paisagens da Serra do Sudeste têm um forte apelo cultural na configuração da imagem do gaúcho e no seu modo de vida, influenciando, por exemplo, nossa música e literatura. Veja-se a seguir uma letra de música tradicionalista, sendo uma de muitas outras apreciadas pela cultura regional.

*Rio Grande Véio (Erlon Péricles)*

É coisa linda encilhar bem um cavalo  
 Largar pro campo ao trote firme do basto  
 Conforme a volta dá gosto meter um pealo  
 Pra exercitar a destreza e a força do braço  
 É coisa boa uma costela de novilha  
 Pingando graxa num fogo grande de angico  
 Ver um ginete preparando uma tropilha  
 Lida bonita pra quem gosta do ofício  
 Coisa gaúcha é ver um índio desdobrado  
 Pontear o pinho numa tarde de garoa  
 Sentir o gosto de um amargo bem cevado  
 E o trago largo de uma cachaça bem boa  
 São os costumes dos campeiros do meu pago  
 O dia a dia destes homens de alma rude  
 Que vão no tempo sobre o lombo de um cavalo  
 Firmando o passo e pedindo que Deus ajude  
 Rio Grande véio, jeito de campo  
 Me leva ao trote, cavalo manso  
 Rio Grande véio, solto das patas  
 A lida é bruta, paisano, mas me garanto!

Pode-se analisar a cultura local como resultante de duas vertentes: a primeira com raízes nos povos indígenas que habitavam o Pampa; a outra vertente é formada por colonos portugueses, espanhóis, mestiços originários de outras regiões do Brasil-Colônia bandeirantes e africanos vindos para o Brasil como escravos até o século XIX. (ABRÃO, 1992)



A miscigenação inicial entre portugueses e indígenas dá origem ao que seria denominado no século XIX como Gaúcho. O Gaúcho era mestiço de índio, português e espanhol e também africano, e a sua cultura foi bastante influenciada pela cultura dos índios Guaranis, Charruas e pelos colonos hispânicos.

A primeira vertente é marcada pela vida no campo e pela criação bovina. A cultura gaúcha, resultado da miscigenação destes elementos, nasceu na fronteira entre a Argentina, o Uruguai e o Sul do Brasil. De acordo com Haesbert (2004) o Gaúcho é uma figura construída a partir de um espaço claramente definido e se referia ao “espaço latifundiário das grandes estâncias de pecuária extensiva” da Campanha Gaúcha. O contexto econômico, político, social e geográfico contribuiu nas relações sociais que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e na identidade regional que se mantém até hoje.

Os primeiros colonos gaúchos viviam em uma sociedade seminômade, baseada na pecuária. Mais tarde, com o estabelecimento das fazendas de gado, acabaram por se estabelecer em grandes estâncias espalhadas pelos Pampas. A seguir vê-se imagens dos caçapavanos no início do século XX.

Figura 7 – Caçapavanos do século XX



Imagens da cidade em 1929. Imagem a esquerda mostra a chegada de Honório Lemos na cidade em 1929. Imagem da direita mostra a vestimenta do Gaucho Guapo<sup>4</sup>.

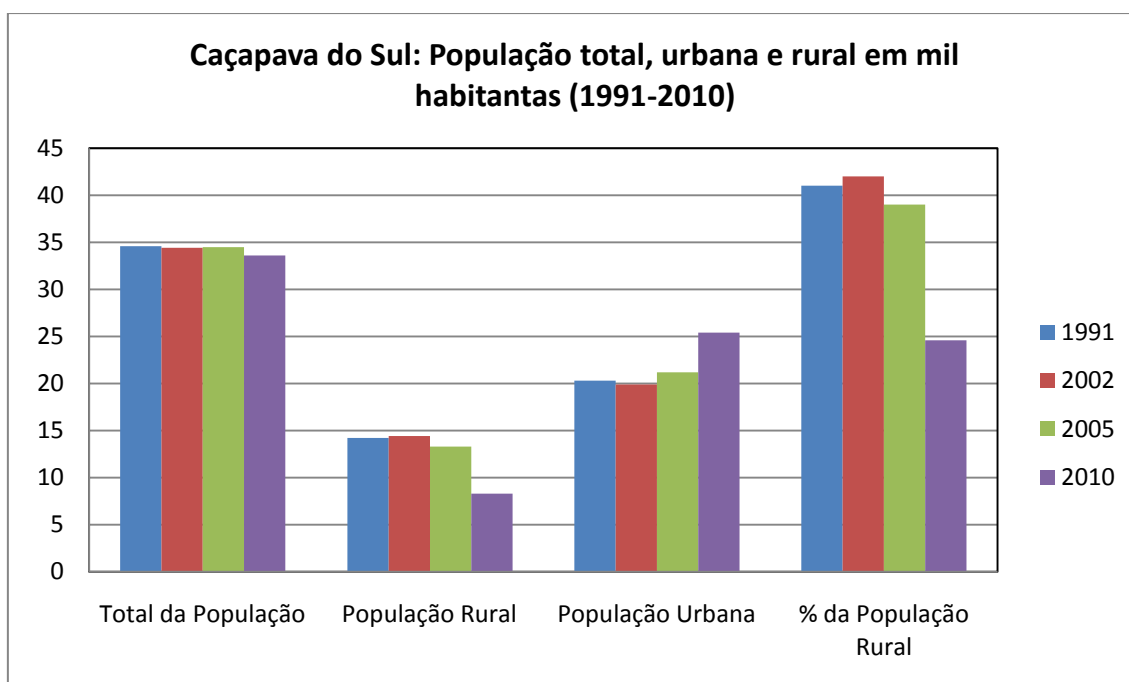
Fonte: Trabalho de campo. Biblioteca municipal de Caçapava do Sul.

Para destacar a população do município, deve-se mencionar que, durante as primeiras décadas do século XX, a sociedade brasileira era amplamente rural. Com base no arquivo histórico do município, por volta do ano de 1960, o município contava com a população rural de 35.500 habitantes e a população urbana com 5.500 habitantes, totalizando 41.000 habitantes. Nesta época a população rural era de 86,6 % rural e 13,4 % urbana.

Já no final da década de sessenta no Brasil, em decorrência do expressivo crescimento da população, houve um grande avanço na modernização e no desenvolvimento da agricultura, ocasionados pela implantação de setores industriais voltados a beneficiar a produção de bens direcionados a atender as necessidades do agricultor, provocando uma inversão da distribuição populacional entre as áreas rurais e urbanas.

Veja-se no gráfico a seguir, a distribuição da população de Caçapava do Sul classificada conforme a área rural e a urbana nos últimos anos:

Figura 8 - Gráfico da distribuição da população do município de Caçapava do Sul



<sup>4</sup> Expressão regionalista utilizada no sul do Brasil, que significa ser rápido, esperto, exímio em qualquer arte ou tarefa. A palavra tem origem castelhana, onde é usada como termo positivo.

Fonte: Emater/RS. Projeto área Piloto. IBGE (2000).

Na análise do gráfico, percebe-se que a população rural no município não obteve mudanças significativas, pois permaneceu razoavelmente constante; percebe-se também, que possui uma porcentagem expressiva de pessoas que moram no campo.

Durante o período de cinco anos, de 2005 até 2010, a diferença de percentual de moradores no campo diminuiu consideravelmente, de 39 % para 24,6 %.

Dados do IBGE de 2010 nos mostram que a população total do município é de aproximadamente 33.690 habitantes; destes, 25.409 são moradores urbanos e 8.281 são moradores rurais, onde a porcentagem de moradores rurais é de aproximadamente 24,6 %. Ainda que esta porcentagem é bem significativa, se compararmos as influências que esta população exerce no município, tantos nos aspectos culturais, sociais e econômicos.

A constatação de que houve uma queda da taxa de 14,4 %, da população rural, permite-nos observar que nos últimos anos várias mudanças ocorreram no cunho econômico, do qual se refletiu diretamente e indiretamente na taxa populacional do campo e da cidade em Caçapava do Sul.

Contextualizando a história do município, destacamos inicialmente o seu território do atual município; este parece ter nascido de um aldeamento de índios, cuja denominação, no Tupi-Guarani, significa “Clareira na Mata”, segundo Abrão (1992). Foi desmembrado dos de Rio Pardo e Cachoeira do Sul. Nas lutas que ensanguentaram o continente de São Pedro, entre portugueses e espanhóis, nos séculos XVII, XVIII e princípios do XIX, o território de Caçapava foi trilhado pelas forças de Castela e Portugal.

Os dragões de Rio Pardo, que eram a favor de Portugal, vinham de São Paulo em direção a Bagé para observar, buscando os mais altos pontos dos contrafortes da Serra de Santa Tecla. Pararam para acampar no Cerro do Vivia, ponto mais alto pelo qual estavam passando. De lá avistaram um lugar rodeado de mata e com um descampado no centro. Resolveram ir até o local e lá encontraram um aldeamento de índios Charruas que chamavam de Cassapava (na língua Tupi Guarani significava Clareira na Mata).

Fácil aos dragões reconhecer a importância militar da privilegiada fortaleza natural. Estabeleceram ali, um acampamento militar e deram-lhe o nome de Sentinela dos Serros; que mais tarde deu origem a vila de Caçapava.

O início do povoamento começou em terras do capitão Francisco de Oliveira Porto, adquiridas a 30 de janeiro de 1792 de Vicente Venceslau Gomes de Carvalho.

Em 5 de julho de 1800, sob o orago<sup>5</sup> de Nossa Senhora da Assunção, foi criada uma capela curada. A incipiente povoação logrou, a seguir, um progresso bastante acentuado, colimando pela resolução de 25 de outubro de 1831, em sua elevação à categoria de vila. Em 19 de janeiro de 1834 deu-se a instalação do município. E, finalmente, a 9 de dezembro de 1855, foi a vila de Caçapava elevada à categoria de cidade.

Pela Lei de 28 de junho de 1848, a capela curada de Nossa Senhora de Assunção de Caçapava tornava-se a 45ª freguesia da província. Durante a revolução farroupilha eclodida em Porto Alegre a 20 de setembro de 1835, grandes acontecimentos se desenrolaram em seu território. Em 8 de abril de 1837, a cidade foi cercada pelas forças revolucionárias, em número de 1500 homens, sob os comandos de João Antônio, David Canabarro e Antônio Neto

Quando a capital do Rio Grande foi mudada de Piratini para Caçapava, a idéia republicana se espalhava, e de todos os recantos do Estado surgiam guerreiros para o campo de luta. Quem dominasse Caçapava estava praticamente dono da campanha e da fronteira da província.

A capital republicana não durou muito em Caçapava, pois a sorte das armas farroupilhas em 1840 começou a declinar. Em 22 de março de 1840, as forças do império entraram triunfalmente na segunda capital republicana, que se muda para Alegrete. A partir daí, o sonho da república, arquitetado por Bento Gonçalves da Silva, Onofre Pires, Gomes Jardim e outros, começou a declinar de maneira acentuada até a paz gloriosa de 1845.

Terminada a revolução, o povoado de Caçapava começa a progredir, tanto no setor econômico, como no populacional. Em 31 de dezembro de 1913 a população estava calculada em 20.321 habitantes. Durante a revolução de 1923<sup>6</sup> diversos combates foram travados em seu território.

Pelo decreto-lei estadual nº 720, de 29-12-1944, passou a denominar-se Caçapava do Sul. Distrito criado com a denominação de Caçapava, pela lei provincial nº 129, de 2806-1848, subordinado ao município de Cachoeira. Elevado à categoria de vila com a denominação de Caçapava, pelo decreto de 2510-1831, desmembrado de Cachoeira. Constituído de 5 distritos: Caçapava, Seival, Minas,

---

<sup>5</sup> O santo que dá nome a uma capela, um templo ou uma freguesia.

<sup>6</sup> A Revolução de 1923 luta ocorrida no Rio Grande do Sul teve a duração de onze meses e foi o último conflito armado entre elites estaduais. Opuseram-se novamente maragatos e chimangos, alcunha pejorativa em alusão à ave de rapina, e que, outrora denominados pica-paus.

Lagoão e Santana da Boa Vista. Instalado em 19-01-1834. Elevado à condição de cidade com a denominação de Caçapava, pela lei provincial nº 1535, de 09-12-1885.

Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o município é constituído de 6 distritos: Caçapava do Sul, Bom Jardim, Carajá Seival, Cerro do Martins, Forninho e Santa Bárbara. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. Alteração toponímica municipal Caçapava para Caçapava do Sul, alterado, pelo decreto-lei estadual nº 720, de 29-12-1944.

A seguir apresentam-se os quatro capítulos em que está organizado o trabalho:

O primeiro capítulo tratará da importância do gado no processo de colonização do estado do Rio Grande do Sul e do município de Caçapava do Sul e o papel da pecuária na formação da identidade gaúcha e caçapavana; o segundo capítulo, será tratado uma parte conceitual referente a paisagem e as formas de trabalho exercidas pela paisagem rural no município, bem como sua configuração atual no espaço agrário; o terceiro capítulo constitui-se do levantamento de dados quantitativos e qualitativos para a devida caracterização das paisagens rurais caçapavanas contemporâneas sobre a influência da atividade pecuária e também descrever como se apresenta as culturas de soja e eucalipto na perspectiva de seu avanço no espaço agrário do município e por último, o quarto capítulo, tratará dos impactos e conflitos deixados nos espaços da produção de soja e de eucalipto no município, os impactos ambientais sofridos nos campos e as perspectivas da população para o futuro de suas unidades de produção.

Estes procuram abranger a caracterização da área de estudo e a estruturação teórico/empírica da pesquisa, juntamente com a minuciosa análise das informações quantitativas e qualitativas resultantes dos trabalhos de campo, proposta no projeto inicial.

## 2 CAÇAPAVA DO SUL: A PECUÁRIA NA HISTÓRIA

Este capítulo tratará da importância do gado no processo de colonização do estado do Rio Grande do Sul e do município de Caçapava do Sul e o papel da pecuária na formação da identidade gaúcha e caçapavana.

### 2.1 O BOI NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Ao longo do século XVII ocorreram diversos enfrentamentos entre jesuítas e portugueses, pela ocupação do território gaúcho. Resultado disso foi à escravidão de muitos índios, levados ao estado de São Paulo para trabalhar na agricultura, enquanto outros conseguiram fugir. Essa situação levou ao abandono de inúmeras cabeças de gado que se alastraram pelos campos do Pampa e ali se reproduziram.

De acordo com Pesavento (1985) os índios que fugiram da escravidão buscaram refúgio em regiões de difícil acesso, as quais representavam pouco interesse dos europeus, vindo a ocupar a região compreendida como Serra do Sudeste.

A reprodução do rebanho bovino é favorecida pela ausência de caça e pela “exuberância das pastagens rio-grandenses, condições mais que favoráveis à sua sobrevivência e proliferação” (REVERBEL, 1986, p. 22), formando, assim, uma imensa reserva de gado. Na mesma medida em que o tamanho do rebanho de gado solto e selvagem aumentava, crescia também o interesse por parte da coroa portuguesa em comercializá-los, em virtude do grande potencial econômico desses animais.

Nessa ocasião, o que atribuía valor a esses animais era o couro, utilizado e comercializado pelos índios e portugueses, sendo esse período então denominado de “idade do couro” (REVERBEL, 1986, p. 19).

Ao final do século XVII a conjuntura nacional sofre transformações por conta, principalmente, do surgimento de minas no centro do país e da decadência do açúcar, despertando um novo olhar sobre o sul o país (PESAVENTO, 1985; REVERBEL, 1986). O interesse, então, recai no gado xucro disponível no sul do estado do Rio Grande do Sul, que, a partir desse momento, passa a ser levado para o centro do país para a região de Minas Gerais, com o intuito de atender a demanda por alimento para os escravos e para tração.

Campos do Sul – Na campanha Gaúcha, os bovinos soltos pelos jesuítas proliferaram a lei da natureza, chegando a formar um rebanho superior a quatro milhões de cabeças. A abertura do caminho do sul em 1730, ligando os campos de Viamão com Sorocaba, permitiu a organização da feira de nuars nesta cidade e o transporte de bovinos a pé. A referida estrada concorreu para unificar o Brasil, incentivar o comércio de carne entre o sudeste e o sul e, por fim, garantir a expansão meridional dos luso brasileiros muito além do meridiano de Tordesilhas (VALVERDE, 1967, p. 249).

Assim, verifica-se um novo direcionamento no uso do gado influenciado por uma nova conjuntura nacional, caracterizado pelo povoamento do território, subdivisão dos campos e intensificação da exploração rural, dando início às estâncias de criação extensiva de gado.

Desse modo, com o objetivo de ocupar o território gaúcho, tentando impedir a invasão dos espanhóis e, sobretudo, domesticar o gado selvagem que poderia contribuir com a economia da nação, tem início a distribuição de sesmarias por parte da Coroa Portuguesa, surgindo, então, as estâncias de criação de gado (PESAVENTO, 1985; REVERBEL, 1986).

Conseqüentemente, em função das condições naturais existentes, teve início a difusão espacial do criatório. Essa atividade era realizada inicialmente com caráter extensivo, cujo principal objetivo era extrair a carne para a fabricação do charque, o couro e tropear os animais até o centro econômico do país, naquela época, definido pelas regiões minerais, e posteriormente, cafeeiras.

A pecuária de corte<sup>7</sup> extensiva é a atividade produtiva predominante desde o período de colonização no século XVIII, sendo exercida sobre áreas de campos naturais. Segundo Pesavento (1986), há mais de 300 anos a pecuária vem fazendo parte não só da construção de uma região, mas também de sua história e das características de sua população.

A pecuária de criatório extensivo era facilitada em função da vastidão dos campos condicionando a predação do gado xucro, que determinou a seleção e aprimoramento das raças bovinas, tais como: Angus, Nelore, Herefor, Guzerá, entre outras; para o fortalecimento do criatório como atividade econômica.

A modernização da pecuária no Brasil começou antes mesmo do estabelecimento dos grandes frigoríficos através da substituição dos velhos estoques de bovinos oriundos, na maioria, das ilhas ocidentais na África por

---

<sup>7</sup> Entende-se como atividade de pecuária de corte toda atividade de criação de animais que venha a ser destinada ao consumo ou comercialização da carne, representada pela bovinocultura, ovinocultura e caprinocultura de corte, ficando de fora a bovinocultura de leite. (Matte; Waquil, 2013)

novas raças européias e indianas. Essa renovação se fez a partir da década de 1870. No Rio Grande do Sul foram introduzidos: o Hereford, Shorthorn, Polled angus, Charolês entre outros (VALVERDE, 1967, p. 251-252).

Figura 9 - Rebanho bovino criado de modo extensivo



Localidade do Seival, distrito de Carajá Seival, Caçapava do Sul.  
Fonte: Arquivo pessoal de Luiz Aristides Bitencourt Dias.

Estas atividades fizeram do Rio Grande do Sul um grande exportador de carne e couro, atividades realizadas, principalmente, pelos luso-brasileiros; nos séculos passados, porém ainda hoje, as marcas deixadas por estas atividades, fazem parte da cultura dos povos, mais precisamente, do sul do estado.

Em março de 1852 em função da expansão da pecuária: cumprindo determinação do presidente da província, a municipalidade informa que os preços correntes na vila eram: gado de corte em pé, doze mil réis, carne verde, um mil e seiscentos réis a arroba; farinha de trigo, quatro mil réis a saca; fumo, quinze mil réis a arroba e erva mate, dois mil réis a arroba (ABRÃO, 1992, p. 97).

A expansão e o desenvolvimento da agricultura ocorreram devido a crescente valorização do couro, charque e sebo, cuja multiplicação acompanhava o processo de ocupação que a pecuária desenvolvia através das estâncias. Estas se constituíam em



importantes núcleos de fixação e de irradiação do povoamento para o interior instaurando práticas agrícolas como a horticultura que ocupava peões e escravos.

No século XVIII, aproximadamente a partir dos anos de 1780 o processo de colonização adquiriu uma dualidade definida, de um lado pela organização territorial em espaços amplos e de outro pelo processo de formação de unidades agrícolas em crescimento multiplicando-se sobre novas áreas produtivas.

O gado e as guerras marcaram profundamente a formação do Rio Grande do Sul. A atividade econômica girava em torno do gado. As estâncias de criação e as charqueadas onde se processava a rudimentar industrialização da carne eram os dois polos complementares da economia. Estancieiros e charqueadores (proprietários) constituíram a classe dominante (BRUM, 1985, p. 32).

A organização social do espaço Sul-Rio-Grandense assumiu novas dimensões a partir de 1852, com a colonização açoriana na zona costeira e no chamado Escudo Rio-Grandense. A partir da irradiação do processo de colonização açoriana para o interior constituiu-se o modelo de pequena propriedade agrícola baseada na subsistência e nas relações comerciais de produção sobre o excedente.

Foi o desenvolvimento da agropecuária como atividade econômica tradicional, resultado da herança cultural de portugueses, espanhóis e indígenas que habitaram e colonizaram a região, somada aos aspectos naturais da paisagem que definiram a formação da identidade cultural do município em questão.

Porém, não se pode deixar de elucidar a bovinocultura de corte como atividade econômica de destaque, e que por anos reinou na ocupação dos campos gaúchos, pode hoje estar “ameaçada”. A concorrência do espaço físico e econômico com as lavouras pode ser desvantajosa para tal atividade na contemporaneidade.

Nesse sentido, o principal aspecto a ser ressaltado, é que na região onde hoje se encontra o município de Caçapava do Sul, entre o período de colonização no século XVII até os dias atuais, a pecuária de corte permanece sendo a principal atividade produtiva do espaço agrário (principal atividade em área ocupada e em valor agregado<sup>8</sup>) e foi a partir dessa atividade e das formas sociais coletivas, que se constituiu o apreço e valorização por tal atividade.

---

<sup>8</sup> No município, segundo dados da secretaria da Fazenda-Receita Estadual, a atividade econômica com maior porcentagem de arrecadação foi a de Produção e Extração animal e Vegetal com 25,61 % no ano de 2012; em comparação ao estado que tem 17,36 %. Em segundo lugar fica a Indústria de extração Mineral com 23,72 %; os outros setores com valores bem inferiores, agregando destaque para os citados.

Dados atuais comprovam que do total de 3.385 unidades de produção existentes no município, 2.649 possuem criatório; com o total de 171.542 cabeças de bovinos, segundo o censo agropecuário de 2006. Hoje o número estimado de cabeças é de aproximadamente 242.885, segundo o IBGE (2012).

Porém para manutenção adequada deste criatório, faz-se necessário a alimentação. As pastagens plantadas estão presentes em 314 unidades de produção numa área de 7.742 hectares, e as pastagens naturais (nativas) são 2.942 unidades de produção com o total de área de 164.861 hectares.

Segundo relatos de pessoas envolvidas na pesquisa e análise de documentos, isso se deve principalmente, a formação do solo, a vegetação, ao clima e a cultura da população que favorece a formação das paisagens culturais do lugar, das quais permitem que este tipo de atividade prevaleça e se destaque no município. Ainda hoje, se percebe o quanto a configuração da natureza é importante na formação e desenvolvimento de uma cultura específica.

## 2.2 A PECUÁRIA COMO FORMADORA DA IDENTIDADE GAÚCHA CAÇAPAVANA

A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material.

Quando nos referimos à identidade cultural, remete-se ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas.

O confronto com várias identidades culturais é traço marcante da contemporaneidade. E é interessante que ela ocorra, pois proporciona um enriquecimento de idéias e de saberes. A troca cultural de saberes é praticamente impossível de acontecer sem negar a tensão entre o global e o local, que, ideologicamente, é permeada por outros interesses, afinal, a globalização é um processo desigual.

O fenômeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais desintegrando-as, homogeneizando-as e, conseqüentemente, enfraquecendo-as. “A medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais

intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 1999, p. 74).

É fato que a sociedade moderna se caracteriza por ser uma sociedade de mudanças. Elas marcam a história do próprio homem. Ele é o grande agente e paciente das mudanças. Isso se evidencia na questão cultural e, sobretudo, na questão das identidades culturais, que mudam de acordo com a forma como o sujeito é idealizado, conforme visto em Hall (1999), e que sofrem o impacto dos fenômenos políticos e ideológicos da época, a exemplo da globalização. Mas não esqueçamos que a cultura é, sobretudo, diversidade.

A identidade cultural, conforme Souza (2007) é vista como uma forma de identidade coletiva característica de um grupo social que partilha as mesmas atitudes e está apoiada num passado com um ideal coletivo projetado. Ela se fixa como uma construção social estabelecida e faz os indivíduos se sentirem mais próximos e semelhantes.

A região sul do Rio Grande do Sul tem uma identidade específica que influencia os pecuaristas familiares na forma como definem e organizam o seu modo de vida. Os vestígios da origem perpassam o tempo como Reverbel (1986) descreve:

O Gaúcho primitivo teve origem étnica na mestiçagem entre espanhóis, portugueses e índios. A contribuição indígena nesta mescla, era mais acentuada no tipo platino. Entre as heranças portuguesas e espanholas, recebeu o cavalo e a faca, utensílio de maior importância. Seria de arma e era o único instrumento de trabalho no abate do gado e na preparação da courama. E como alimentação era quase exclusivamente a carne assada, bastava-lhe a faca para poder devorá-la, nos primeiros tempos sem sal. Do índio ficou as boleadeiras, o poncho, o mate e a “vincha”, esta usada principalmente no Pampa Rio-Platense (REVERBEL, 1986, p. 84).

Passando-se algumas décadas, Fialho (2005) fala no processo de formação do território do Rio Grande do Sul, permeado por disputas de terras, que também contribuiu para a construção de uma identidade regional que está presente, até os dias de hoje, nos hábitos e costumes do povo Sul-Rio-Grandense, obviamente se expressando conforme sua região no estado.

A identidade do gaúcho é reconhecida como algo diferenciado fruto da sua formação histórica, de sua posição geográfica de sua ocupação territorial e de sua combinação étnica e das suas condições sociais, ambientais e econômicas.

De acordo com Haesbaert (2004) o gaúcho é uma figura construída a partir de um espaço claramente definido e se referia ao “espaço latifundiário das grandes estâncias de pecuária extensiva” da campanha gaúcha. Segundo ainda o autor (p.249) o Gaúcho ligado a vida da estância e aos ideais de “liberdade” e “autonomia” impregnados na vida dos criadores de gado (RIBEIRO, 2009, p. 146).

A identidade do “Gaúcho pecuarista familiar” tem valores do Gaúcho estancieiro (em relação a terra, ao cavalo e ao gado) e, ao mesmo tempo valores do Gaúcho peão (em relação a subordinação, a subalternidade a submissão e a passividade). Trata-se de um agricultor familiar diferenciado e com características próprias, fruto de sua origem e de sua formação. Percebe-se comumente nas letras de músicas apreciadas pelos mesmos. A seguir a letra da canção deixa explícito a lida diária do Gaúcho do campo:

Sou cria da estância véia...

**(Lisandro Amaral)**

Afirma o laço, paisano, que eu embuçalo!  
Ando à cavalo muito antes das fronteiras  
E as boleadeiras que sovei correndo eguada  
São retovadas sem divisas nem bandeiras

Buçal torcido e o maneador mal sovado  
Chapéu tapeado e as marcas no tirador  
Golpe de potro que sente o peso das garras  
E uma guitarra exaltando o domador

Sou cria da estância véia  
E pro bagual que veiaqueia trago a força no garrão  
Uma estampa de fronteira batizada na mangueira  
com suor de redomão

À moda antiga ata o queixo que eu encilho  
Com este lombilho benzido à moda torena  
Em lua buena me sinto o rei na coxilha  
Se um da tropilha me pateia as nazarenas

O verso é o terço, o altar que campereio  
Donde mateio busco força pro cantar  
Que a estância antiga, companheira, o templo santo  
E quem é campo com certeza há de ficar

Sou cria da estância véia  
E pro bagual que veiaqueia trago a força no garrão  
Uma estampa de fronteira batizada na mangueira  
com suor de redomão

A identidade gaúcha também pode ser retratada nas músicas tradicionalistas com a rápida difusão dos encontros de músicas nativistas que se espalham por todo o estado e não apenas na Campanha Gaúcha. A música se constitui em um forte signo cultural e

este se faz presente, cada vez mais, nos festivais musicais que revivem e enfatizam o campo.

Destaca-se também as festas campeiras, conhecidas popularmente por “rodeios”, que na prática idealizam a estância como representação espacial dos gaúchos. Nos rodeios se pratica o “tiro de laço<sup>9</sup>”, e as “gineteadas<sup>10</sup>”; e o público que cultua e/ou admira estas atividades são presentes na platéia. São práticas bastante presente no município, bem como também, nos municípios do sul do estado.

Festas religiosas, predominantemente da Igreja Católica, ocorrem seguidamente, com o intuito de arrecadar fundos para a Igreja e também promover a reunião de moradores das comunidades. São realizadas em praticamente todas as localidades, e na maioria reverenciando o “Espírito Santo”, com as festas do Divino<sup>11</sup>.

A festa do Divino, tradição trazida pelos açorianos, foi um dos maiores acontecimentos sociais do tempo do Império, e ainda após a proclamação da República, até o princípio deste século. Celebrada no sétimo domingo depois da Páscoa, tinha, além de seu aspecto religioso, o popular, reunindo ricos e pobres, o estancieiro e o peão, na fé e na alegria, no Sacro e no Profano. Estes festejos movimentavam Caçapava toda. Durante nove dias, acudia a cidade, gente dos mais distantes locais do município. A cidade ganhava um aspecto alegre e festivo. (ABRÃO, 1992, p. 72)

Outro forte símbolo da cultura gaúcha é a carne. O churrasco é considerado o prato mais representativo da culinária do Rio Grande do Sul, também bastante reverenciado na metade Sul do estado. A prática de assar a carne é originada da mistura entre as culturas indígenas, portuguesa e espanhola.

Tendo em vista, o Rio Grande do Sul ter sido a primeira grande área de criação bovina no país, o gado faz parte da vida dos gaúchos desde o início da colonização, em meados do século XVII, e foi instintivo o processo de assar a carne sobre um fogo de chão se tornar o prato tradicional da região. Observa-se a seguir imagens das expressões da cultura gaúcha em Caçapava do Sul.

---

<sup>9</sup> Tiro de laço é uma forma de competição a cavalo característica do Rio Grande do Sul. Nesta prova, o ginete tem o espaço de 100 metros para laçar um novilho que tenta fugir. (Dicionário Aurélio)

<sup>10</sup> Espécie de provas - competição - entre ginetes, sobre o lombo de cavalos. (Dicionário Aurélio)

<sup>11</sup> A celebração do Divino Espírito Santo no planeta teve origem na promessa da rainha, D. Isabel de Aragão, por volta de 1320. A Rainha teria prometido ao Divino Espírito Santo peregrinar o mundo com uma cópia da coroa e uma pomba no alto da coroa, que é o símbolo do Divino Espírito Santo, arrecadando donativos em benefício da população pobre, caso o esposo, o rei D. Dinis, fizesse as pazes com seu filho legítimo, D. Afonso, herdeiro do trono. De acordo com os documentos, D. Isabel não se conformava com o confronto entre pai e filho legítimo em vista da herança pelo trono, pois era desejo do rei que a Coroa Portuguesa passasse, após sua morte, para seu filho bastardo, Afonso Sanches. Diante do conflito, a rainha Isabel passou a suplicar ao Divino Espírito Santo pela paz entre seu esposo e seu filho

Figura 10 - Expressão da cultura gaúcha em Caçapava do Sul



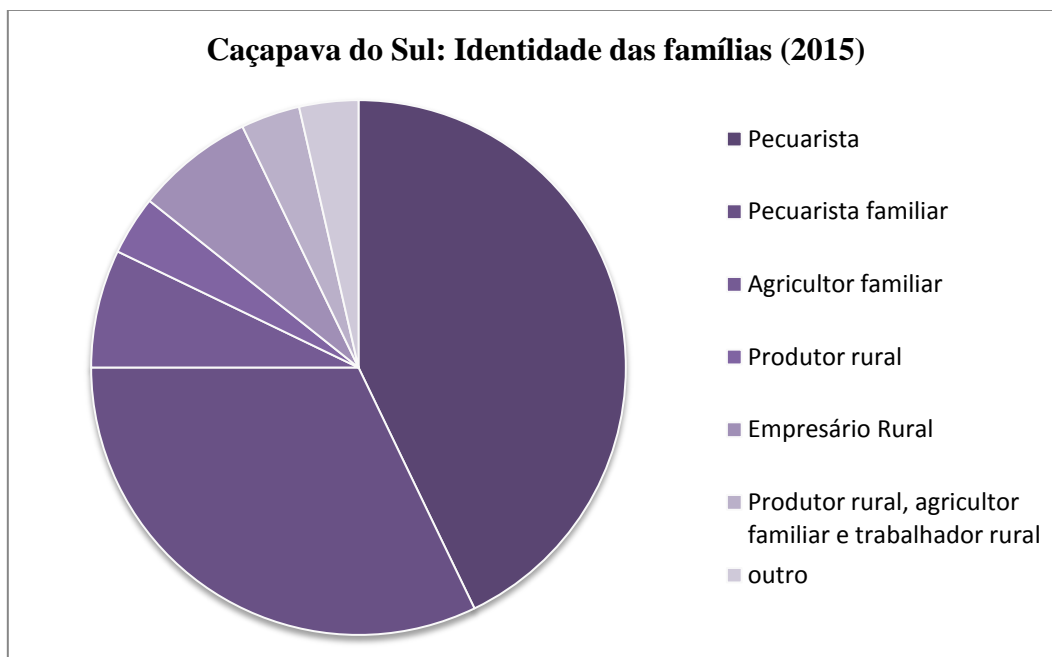
Festa do Divino Espírito Santo, culinária apreciada, Gineteadas em rodeios, Feira do Terneiro e desfile do Dia Vinte de Setembro.

Fonte: Trabalho de campo (abr. 2015).

Todos os povos e sociedades possuem sua cultura particular, desde as mais tradicionais até as mais modernas, em que os saberes são transmitidos pelas gerações sucessivas. A cultura, segundo Claval (1999, p.61), “é uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela modela os indivíduos e define o contexto da vida social que são ao mesmo tempo os meios de organizar e de dominar o espaço”. Fala ainda que, “a cultura institui o indivíduo, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos”.

No grupo de entrevistados, identificam-se como: 42,85 %, responderam que se identificam como Pecuaristas; 32,14 %, como Pecuarista Familiar; 7,14 %, como Agricultor familiar; 3,7 %, como Produtor Rural; 7,14 %, como Empresário Rural; 3,7 %, como Produtor Rural, Agricultor Familiar e Trabalhador Rural e 3,7 % como outro. Veja-se gráfico a seguir.

Figura 11 – Gráfico identidade das famílias



Fonte: Trabalho de campo (org.).

Da análise dos dados acima, é percebida a correlação entre atividade principal na unidade de produção e correspondente identificação do produtor rural. Como a maior parte deles cria animais, também se caracterizam como Pecuaristas ou Pecuaristas Familiares, configurando um sentimento de pertencimento a este sistema.

É perceptivo o quanto a correlação entre o meio e o homem, se harmonizam, para que uma cultura se crie e se faça presente; influenciando o modo de vida de seus atores. Neste caso, a economia se destaca, concretizada na atividade pecuária, pois sabe-se que um dos elos que existe para se fazer relação do homem com o meio em que vive é o trabalho.

### **3 A PAISAGEM CONTEXTUALIZANDO AS FORMAS DE VIDA E DE TRABALHO**

Neste capítulo, será tratado o conceito de paisagem, como uma das possibilidades de compreensão do espaço pecuarista local e as formas de trabalho praticadas no campo do município, bem como sua configuração atual no espaço agrário.

#### **3.1 A PAISAGEM COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO**

A paisagem é uma representação das diversas formas que expressam as marcas deixadas pela sociedade no espaço. Na Geografia, o conceito de paisagem aparece inicialmente ligado a paisagem natural, entendida através da composição dos elementos naturais (clima, vegetação, relevo, solo, entre outros); e posteriormente a paisagem humanizada compreendida como resultado das relações homem/natureza. Conforme Colavite e Passos (2010, p. 1143), “a paisagem surge na geografia como um dos primeiros conceitos bases e desenvolve-se sob variadas perspectivas teórico-conceituais e metodológicas, circunstanciadas pelo momento histórico atravessado”.

No século XIX, o estudo da paisagem estava centrado na abordagem descritiva e morfológica que abordava a natureza do ponto de vista de sua fisionomia e funcionalidade; precursores como Alexander Von Humbolt e Richthofen, tiveram um papel importante na orientação da geografia alemã.

De acordo com Passos (2000), o termo paisagem, anteriormente envolto por uma carga romântico-naturalista, no século XX passou a ter caráter científico. O autor compreende que a paisagem é produzida historicamente pelos homens, segundo a sua organização social, o seu grau de cultura e o seu aparato tecnológico. É um espaço em três dimensões: natural, social e histórico.

Ainda para o mesmo autor, natureza e paisagem são conceitos diferentes. A natureza não é paisagem, a natureza existe em si, enquanto que a paisagem existe somente em relação ao homem, na medida em que a elabora historicamente.

Assim, Vidal de La Blache volta a sua atenção para a descrição da paisagem agrícola, sobretudo os polos originários das plantas (o milho como cultura de origem americana, o trigo como de origem euroasiática, o arroz como de origem asiático-oriental e as raízes e tubérculos como de origem africana) e dos animais (a lhama, o cavalo, e o camelo) que se converteram nos gêneros de vida e regimes alimentares das civilizações. Interessa a Vidal de La Blache



mostrar a vinculação dessas paisagens com a instituição das formas de cultura e de civilização, através dos gêneros de vida por meio dos quais se organizam. Daí a detalhada descrição que faz da evolução das técnicas agrícolas, da descoberta do fogo e da origem da agricultura, da correlação das culturas com as formas do bioma e da caracterização do conjunto como um meio geográfico. A correlação entre os gêneros de vida e o meio geográfico leva-o a analisar em detalhes a distribuição dos fenômenos no espaço (PASSOS, 2000, p.144).

Atualmente, os geógrafos geralmente compreendem a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza, pois a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais, podendo persistir elementos naturais, embora já transfigurados pela ação humana, que ao longo do tempo se constitui de valores, crenças e dimensão simbólica.

Na obra de Ruy Moreira (2011), o autor faz uma análise da evolução do pensamento geográfico, e sobre os vários significados que a paisagem expressa, entre os quais destaca:

Em Vidal de La Blache são as paisagens agrárias e suas formas, o tema central da leitura geográfica. Em Reclus e Sorre, as paisagens dos arranjos criados pela técnica industrial. Em George, as indicadoras do modo de organização espacial da sociedade. Em Tricart, as ordenadoras do meio geográfico. Em Hartshorne, as que informam os estados da diferença. Mesmo quando o momento histórico e a sociedade são os mesmos, como em Vidal e Reclus, ou em George e Tricart, o que buscam atingir através dela (MOREIRA, 2011, p.144).

Ainda segundo Moreira (2011, p. 149) “as paisagens são todas organizadas com base nos arranjos. Há, assim, por trás delas, arranjos espaciais, todos estruturados de localizações que garantem sua arquitetura e fisionomia. E isso é válido seja para a paisagem agrária, seja para a paisagem urbana”.

Pode-se também interpretar a paisagem como o resultado da relação sensível das pessoas com seu entorno percebido, vivenciado ou apenas visitado. Por isso, a paisagem é elemento de afinidade e identidade territorial, e manifestação dos variados lugares do espaço geográfico. Em Santos (1986), encontramos que a paisagem é tudo o que é visível, o que a visão alcança, o que a vista abarca. É formada por cores, odores, sons e movimento.

Muitos são os autores que trabalham com o conceito de paisagem, mas poucas as metodologias que buscam abordar o conceito para além da visão, do belo, do afetivo, do físico ou do cultural.

Atualmente verificam-se na Geografia duas correntes principais preocupadas com o estudo da Paisagem. Uma enfatiza as múltiplas relações entre os elementos

naturais (clima, relevo, solo, vegetação, geologia e hidrografia) mais a ação antrópica como os fatores responsáveis pela morfologia da paisagem, foi denominada de sistêmica ou geossistêmica. A outra corrente prioriza a cultura humana e foi denominada paisagem cultural.

Fica evidente a preocupação com a relação entre a cultura e a paisagem na análise geográfica, visto que a paisagem é moldada de acordo com as técnicas e as características culturais dos diversos grupos humanos.

Compreende-se que a paisagem é um importante e dinâmico conceito no âmbito da geografia, adquirindo interpretações próprias e particulares em conformidade com os paradigmas e teorias nas quais foi gerada.

A intersecção da ação do homem junto a natureza se concretiza no espaço por meio da paisagem; a seguir, (figura 12), percebe-se a natureza como base para o espaço humanizado, dando como exemplo, a formação de uma bela paisagem cultural, bem característico do município em estudo.

Figura 12 - A presente fauna e flora enriquecendo a paisagem



Fonte: Arquivo pessoal de Luiz Aristides Bitencourt Dias.

Fica evidente a relação entre a cultura e a paisagem, visto que a paisagem é moldada de acordo com as técnicas e as características culturais dos diversos grupos humanos ao longo dos anos.

### 3.2 AS PAISAGENS DOS CAMPOS E A CRIAÇÃO DE GADO

Os campos de pastagens naturais, que servem como principal alimento para o rebanho bovino, são muito presentes na paisagem rural de Caçapava do Sul. As antigas estâncias, com suas vultuosas casas, deixam, ainda hoje, as marcas e os vestígios de tempos passados em muitas unidades de produção. Porém, em praticamente todos os locais onde ainda resistem as antigas casas de estâncias, não se pode denominá-las de “Estância”, pelo fato de não possuírem as mesmas características de origem: o tamanho de seu território diminuiu com o passar dos anos, devido à intensa subdivisão das terras por herança.

Em algumas unidades de produção, após a partilha das terras, algumas famílias ficam com o lote em que está a área construída. Tem-se, como exemplo, a imagem a seguir.

Figura 13 – Paisagem representativa do rebanho no pasto



Campo nativo no mês de abril, em uma unidade de produção no distrito do Carajá Seival. A casa é ainda preservada da época em que a unidade era considerada “Estância”.

Fonte: Pesquisa a campo (mai. 2015).

A paisagem rural transforma-se em virtude das condições socioeconômicas, as quais configuram novas formas de produzir, trabalhar e viver no campo. Ela é uma representação das diversas formas que expressam as marcas deixadas pela sociedade no

espaço, no decorrer do tempo. É, portanto, também a herança de muitos diferentes momentos, pois a paisagem não se cria de uma só vez, e sim por um conjunto de criações e desconstruções, subtrações e acréscimos.

Assim como a sociedade vive em constante transformação, a paisagem também se transforma, pois, a cada nova forma de trabalho, a cada nova configuração do território, mudam-se as formas de interpretação da paisagem.

... a lógica pela qual se faz um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai se tornando cada vez mais complexo, exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através das novas técnicas, vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra (SANTOS, 2008, p. 74).

Mudam-se as formas de se relacionar com a paisagem, com a comunidade, com a terra, com o trabalho, enfim, com o meio. Tratam-se de transformações, principalmente de ordem econômica, que afetaram profundamente a forma de produzir das populações do campo, fato provocado, principalmente, pela progressiva modernização da agricultura, assim como pelos processos mais globais, como a urbanização e a industrialização.

Para exemplificar essas transformações, destaca-se a fala de um pecuarista entrevistado:

Pra ti vê como a soja impacta nossos campos, te falo que até os bichos sofrem: tinha um vizinho meu com um cachorro para doar, porque o morador foi embora pra cidade, depois que arrendou pra soja; aí não tinha onde deixar o cachorro, aí deixou ali no meu vizinho. Daí fiquei com pena e peguei o cachorro. Então até o coitado teve que mudar de sistema, né? (Risos).

Como forma de representar uma paisagem bastante comum entre os pecuaristas familiares do município, elucidada-se a figura 14. A imagem mostra tanto aspectos naturais como culturais de uma forma simples, porém significativa; em destaque, a topografia e a vegetação emoldurando as construções e a criação do gado.

Figura 14 – Paisagem da pecuária familiar



Fonte: Arquivo pessoal de Carla Dias.

A configuração dos campos, com sua exuberante vegetação do mês de outubro, destaca a parceria dos companheiros de trabalho no campo, na “campereada”, com os cães e os cavalos, animais indispensáveis à lida com o gado.

Figura 15 – Paisagem do início da “campereada”



Paisagem do trabalho no campo; os cavalos e os cachorros, fiéis companheiros dos peões, constituindo a rica paisagem dos campos de criação.

Fonte: Arquivo pessoal de Carla Dias.

Sempre é bem-vinda a ajuda de uma segunda pessoa nas “campereadas”, pois o trabalho é árduo e, em muitas situações, quando realizado por somente uma pessoa, apresenta dificuldades de execução. Porém, em algumas unidades de produção familiar, a ajuda no trabalho torna-se rara ou impossível, pelo fato de não residirem na propriedade outros membros da família.

Entretanto, as parcerias surgem em muitos lugares. É frequente que os vizinhos se ajudem nas “campereadas<sup>12</sup>”, que virem dos vizinhos de localidade. Há trocas de serviço quando necessário, configurando ajudas mútuas sempre que o árduo serviço do campo exige, uma vez que é comum morar somente o casal na unidade de produção, haja vista a saída dos filhos para morar nas cidades.

Na análise dos resultados das entrevistas, referentes ao número de pessoas da família que reside na unidade de produção, das 28 unidades visitadas, tem-se que: em 50 % das unidades, não mora nenhum membro da família (todos são moradores da cidade); em 17,85 %, somente uma pessoa reside na unidade; em 17,85 %, duas pessoas

<sup>12</sup> Ato de camperear. Cavalgada pelo campo para ver o gado, separar algumas cabeças para venda, abate ou transferência para outra internada. (Dicionário Gaúcho, p. 61).

da família residem na unidade; em 3,7 %, três pessoas da família residem na unidade; em 3,7 %, cinco pessoas da família residem na unidade; em 3,7 %, seis pessoas da família residem na unidade; e, em 3,7 %, sete pessoas da família residem na unidade de produção. Veja-se o quadro a seguir.

Quadro 1 - Moradores no campo

<b>Em 14 unidades de produção: nenhuma pessoa</b>
<b>Em 5 unidades de produção: 1 pessoa</b>
<b>Em 5 unidades de produção: 2 pessoas</b>
<b>Em 1 unidade de produção: 3 pessoas</b>
<b>Em 1 unidade de produção: 5 pessoas</b>
<b>Em 1 unidade de produção: 6 pessoas</b>
<b>Em 1 unidade de produção: 7 pessoas</b>

Fonte: Trabalho de campo (set. 2015).

Pode-se perceber que são poucas as pessoas que residem nos estabelecimentos rurais. Em 50 % das unidades, ninguém reside, o que é um fato importante e marcante. Isso deve-se por essa população possuir casas na área urbana, onde residem, obrigando-os ao deslocamento diário entre a cidade e o campo para a realização das tarefas cotidianas. Com isso, fica evidente o reflexo do êxodo que ocorreu em anos passados. É comum, também, somente o casal, já idoso, residir na unidade, e/ou o casal e um filho que escolheu dedicar-se às atividades do campo para sua vida.

Perante a análise dos dados coletados, percebe-se que, em maior parte, as famílias são pequenas, e que somente 10,7 % dos entrevistados não possuem integrantes de sua família, residindo na cidade.

Aqueles que residem em suas unidades têm um cuidado especial em suas atividades diárias. A seguir, tem-se uma imagem que traduz uma bela representação de vida e reprodução no campo. A imagem mostra, na parte de trás, uma horta para subsistência dos moradores da unidade de produção; trabalho realizado, geralmente, pelas mulheres. Usam-se os cuidados do “sombrite”, a fim de protegê-la dos raios fortes do sol. Produzem-se verduras e alguns legumes. À frente, na imagem, mostra-se, na sombra de uma árvore “taleira”, uma égua descansando e vigiando sua cria, esta com dois meses de vida aproximadamente. O potro, com o passar do tempo, será destinado à “doma”, para, posteriormente, substituir sua mãe na lida. Veja-se a figura 16.

Figura 16 – Égua em cuidados com sua cria



Fonte: Trabalho de campo (out. 2015).

Na imagem a seguir, descansa a cachorra na sombra de um “limoeiro”. Ela repara para seu dono as “ramas de mandioca”, para o plantio da lavoura, enquanto ele, juntamente com sua esposa, prepara o solo para receber as plantas. A lavoura é cercada para proteção contra os animais bovinos, equinos e ovinos. A produção é destinada para o consumo próprio, e o excedente destina-se como complemento na alimentação dos animais da unidade. No último plano da imagem, percebe-se uma parte do rebanho no pasto do mês de dezembro. A imagem apresenta uma situação comum em uma unidade de produção familiar. Veja-se a figura 17.



Figura 17 – Pecuarista familiar no preparo da lavoura para o plantio de mandioca



Fonte: Trabalho de campo (out. 2015).

### 3.2.1 A lida do gado

Na esfera da produção e reprodução, o produtor precisa coordenar suas tarefas, traçando, assim, diversas estratégias para a organização do processo de trabalho e o desenvolvimento da produção agropecuária.

Normalmente, a partir de dois anos, as novilhas começam a ser entouradas (colocar o touro em rebanho, no período de reprodução). É comum, para cada quarenta vacas, ter-se um touro no trabalho de reprodução do rebanho, sem perda da qualidade de vida do macho. A gestação bovina possui a duração de nove meses; e, após dar cria, a vaca pode entrar em cio novamente após três meses.

Geralmente, as vacas são entouradas no período de novembro a fevereiro, pois a primavera torna-se uma boa estação para o nascimento dos animais.

Os nascidos fêmeas são, comumente, preservados nas unidades de produção, com a finalidade de procriar e aumentar o rebanho; e os nascidos machos são, comumente, castrados na idade de um a seis meses e, após, deixados ao pasto para crescimento e engorde, para, no período em que deseja o pecuarista, serem vendidos para abate.

Segundo relatos dos pecuaristas, a castração é realizada por eles mesmos, respeitando o tempo de lua minguante. O instrumento utilizado é a faca, e tem-se, como objetivo principal, o controle da reprodução nos campos e o controle racial, além de a castração facilitar o manejo do gado. A seguir, nota-se uma imagem do trabalho familiar tradicional e comum nas unidades de produção, nas quais se tem a pecuária bovina como atividade.

Figura 18 – Pai e filho no trabalho com o rebanho bovino – dia de castração



Fonte: Arquivo pessoal de Luiz Aristides Bitencourt Dias.

A metade sul do Rio Grande do Sul (RS), por sua história e características ambientais, tem, na pecuária de corte, uma das atividades de maior importância econômica. Segundo a Emater/RS (2004), existem mais de 40.000 pecuaristas familiares no RS, sendo proprietários de 3.000.000 de bovinos aproximadamente.

A seguir, tem-se exemplos de unidades de produção, tendo como área entre 50 e 150 hectares, em que os pecuaristas utilizam medicamentos caseiros e industrializados no tratamento do rebanho. A “dosagem” (medicação) é considerada indispensável para a boa saúde do animal, também como forma de controle sobre a qualidade da carne que ele proporcionará.

O governo, por intermédio da Inspeção Veterinária do município, fornece, durante o ano, dois medicamentos obrigatórios para pecuaristas que declaram ter até trinta cabeças, sendo que os demais pecuaristas, que não se enquadram nessa

especificidade, deverão comprá-los. Esses medicamentos são para a “febre aftosa”<sup>13</sup> e para a “brucelose”<sup>14</sup> em terneiros de até três meses.

Há, também, outros medicamentos aplicados no gado, por meio de vacinação e/ou banho, porém somente quando apresentam parasitas externos, como bernes e carrapatos. Na imagem a seguir, os bovinos de corte recebem tratamento, pois serão destinados, ao tempo certo, para venda em frigoríficos.

Figura 19 – Dosagem do rebanho em uma unidade de produção familiar



Fonte: Trabalho de campo (fev. 2015).

Para que o rebanho chegue à mangueira a fim de receber os devidos cuidados, é preciso que o peão localize o cavalo/égua, encilhe-o e vá ao recrutamento dos animais no campo, com o auxílio do seu cachorro. O cachorro ajuda para que os animais não se dispersem e sigam o caminho desejado até a mangueira e/ou local em que se faz o trabalho de dosagem, entre outros.

<sup>13</sup> A febre aftosa é uma doença viral altamente contagiosa provocada por vírus da família Picornaviridae, gênero Aphthovirus. Canal Rural - Leia mais no link: <http://www.canalrural.com.br/noticias/febre-aftosa/saiba-que-febre-aftosa-como-ela-age-organismo-dos-animais-7199>.

<sup>14</sup> Infecção causada por bactérias do gênero Brucella, que, nas fêmeas dos animais domésticos (bovinos, ovinos, caprinos, porcinos), pode levar ao abortamento, sem este ser patognomônico; aborto contagioso das vacas, aborto epizoótico, aborto infeccioso.

A seguir, veem-se representados os ajudantes do peão no trabalho com o gado. Na imagem da esquerda, percebe-se o peão, em um dia de verão, após a lida, e o desencilhamento do cavalo; além disso, como recompensa, um banho para aliviar o suor do animal em um dia quente. Em seguida, o cavalo será solto no campo para sua rotina normal de pasto e descanso. O cachorro acompanha-o, pois sempre segue os passos do seu dono.

Já na imagem, à direita, percebe-se o peão, em um dia de inverno, iniciando sua lida à procura do cavalo para encilhá-lo e, em seguida, iniciar suas atividades com os animais. O cachorro também o acompanha em todos os momentos.

Figura 20 – Lida do pecuarista no campo com o auxílio indispensável do cavalo e do cachorro (fiéis ajudantes)



Fonte: Trabalho de campo (fev. 2015). Arquivo pessoal de Emerson Pereira.

Sobre o modo de vida dos pecuaristas familiares, tem-se em vista que o ambiente natural é um fator importante quanto à reprodução do sistema de produção que utilizam. A região, originalmente, era formada por “savanas”, ou seja, por vegetação de pequeno e médio porte, mas que, por meio da ação antrópica, tornou-se campo. Os solos rasos da região, de certa forma, estabeleceram um melhor desempenho da atividade pecuária. Assim, pode-se observar que a natureza está intimamente relacionada com a reprodução social do pecuarista familiar.

### 3.2.2. Formas de reprodução e melhoramentos

Segundo Ribeiro (2004), os sistemas de produção utilizados pelos pecuaristas familiares são adaptações das formas de produção nas grandes estâncias para áreas menores, seguindo lógicas não apenas de produção mas também de segurança, em que o gado é visto como mercadoria de reserva, comercializado de acordo com as necessidades, expectativas e desejos da família. A seguir, tem-se uma imagem que reproduz o transporte do gado em perfeitas condições para o abate.

Figura 21 – Bovinos a serem transportados para o abate



Fonte: Arquivo pessoal de Luiz Aristides Bitencourt Dias.

Outra alternativa que a pecuária familiar encontra como característica da produção, no município, é o melhoramento genético. Segundo Barbosa (1997), o melhoramento animal é uma atividade envolvida nos processos de criação (práticas de alimentação, manejo e sanidade), seleção e acasalamento dos animais, com o objetivo básico de alterar, continuamente, as características dos animais produzidos nas gerações seguintes, na direção desejada pelo homem.

Na agricultura familiar, o melhoramento genético dos rebanhos bovinos de corte apresenta-se da seguinte forma: de acordo com os resultados de pesquisa do “Projeto de Melhoramento Genético para a Pecuária Familiar”, conduzido pela Embrapa Pecuária Sul e Emater/RS, a experiência prática e as observações empíricas dos produtores, chegou-se a um consenso: para a maioria dos casos, o animal adequado para os sistemas de produção da pecuária familiar deve ter composição genética com predominância de raças britânicas (Angus, Hereford ou Devon), para atender à demanda de qualidade do mercado de carneiros, porém com cerca de 1/3 de sangue de raças zebuínas (Nelore, Guzará etc.) ou taurinas adaptadas (Caracu), para prover rusticidade, resistência a endoparasitas e ectoparasitas (verminose, carrapatos etc.) e heterose, que são fundamentais para a adaptação das vacas ao ambiente de criação.

O processo de melhoramento genético não ocorre de forma generalizada nas unidades de produção. Ele depende de fatores, tais como o conhecimento prévio dessa tecnologia e também o recurso financeiro por parte do pecuarista. Porém, na maioria dos casos, a experiência com tal atividade proporciona o conhecimento de qual raça melhor se adapta à sua unidade de produção e ao seu objetivo proposto com o animal, que levam o pecuarista a selecionar e cruzar os animais, a fim de gerar melhores crias. Ele busca sempre adquirir um rebanho de boa qualidade, conforme suas capacidades e recursos, sejam eles financeiros e/ou administrativos.

O melhoramento dá-se por meio da inseminação artificial, a qual consiste no conjunto de eventos que acontecem desde a colheita do sêmen, sua análise e processamento em laboratório, a manutenção por períodos variáveis em condições extracorpóreas, até a sua introdução no trato genital da fêmea. Geralmente, é feita por um técnico inseminador ou qualquer pessoa que tenha o curso de inseminação, sendo este contratado.

Esse tipo de serviço é ofertado por empresas especializadas que fornecem sêmen na região, e estas são contatadas pelos *sites* ou nas casas veterinárias do município.

As tecnologias hoje inseridas no campo, expressas com o melhoramento genético descrito acima, apresentam um processo de modernização das atividades agropecuárias por meio da mundialização do capital presente em diferentes lugares. Harvey (2011), em sua obra *O enigma do capital e as crises do capitalismo*, mostra os interesses do sistema capitalista na contemporaneidade, mensurando a importância de saber as dinâmicas dos diferentes lugares na interpretação da paisagem:

A Geografia da acumulação do capital e da destruição criativa da terra não pode ser introduzida com qualquer tipo de olhar, nem é possível sem uma análise cuidadosa da dinâmica do aperfeiçoamento do controle sobre a coevolução em diferentes lugares. E sem isso não podemos avaliar o grau em que a relação com a natureza constitui um limite para a acumulação do capital, que não pode ser superado ou contornado, independentemente das soluções tecnológicas, sociais e culturais que se possam apresentar (HARVEY, 2011, p. 153).

Compreende-se que a paisagem é um importante e dinâmico conceito no âmbito da geografia, adquirindo interpretações próprias e particulares em conformidade com os paradigmas e teorias em que foi gerada. Por meio da paisagem, pode-se compreender o porquê das atividades exercidas no município de Caçapava do Sul.

### 3.3 GESTÃO DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO NA PERSPECTIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR

Referenciando o Convênio FAO/Incrá (1996), pode-se definir a agricultura familiar a partir de três características centrais:

- (a) a gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento;
- (b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família;
- (c) a propriedade dos meios de produção, embora nem sempre da terra, pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva (FAO/INCRA, 1996, p. 4).

A agricultura familiar, enquanto diversidade de sistemas deve integrar-se e adaptar-se para ter condições de suportar as tensões, como grupo social, causadas entre o que se pode e o que se deseja ser, e o que a sociedade cobra de seus comportamentos.

Wanderley (1999) faz referência às formas modernas de agricultura familiar inseridas no contexto dos mercados e agroindústrias, em que se percebe uma racionalidade própria desses agricultores, alocados em realidades distintas de outros grupos. Ela considera que a agricultura familiar necessita de níveis "mínimos vitais" para que as fragilidades do sistema não venham a desestabilizar essa forma de produção.

Segundo Sandrini (2005), o caso dos pecuaristas familiares que, além de decidir quanto ao processo de trabalho na unidade de produção, terão também que definir as relações socioeconômicas a serem mantidas fora da esfera da unidade de produção,



entre elas, as relacionadas ao processo de compra de insumo, venda da produção, participação em associação/cooperativa, necessidade de empréstimos, etc.

Uma constatação que contraria o senso comum é o envolvimento de um enorme contingente de agricultores familiares dedicados à pecuária de corte. Em 1985, 68% das unidades de produção rural no País, cuja atividade principal era a pecuária, tinham menos de 50 hectares, apesar de deterem apenas 16,7% do rebanho. No outro extremo, as unidades de produção superiores a 500 hectares detinham 66,49% da área, representavam 3,66% do universo destas dedicadas à pecuária e possuíam 45,6% do rebanho. Isso evidencia que não é, necessariamente, verdadeira a identidade que se estabelece entre a pecuária e as grandes unidades de produção, apesar de caber a estas a maior parcela pelo abastecimento de carne no mercado. Outra constatação é a de que, partindo de uma pecuária praticada em moldes extensivos por todo o país, as inovações tomaram trajetórias diferentes e, às vezes, complementares entre as diferentes regiões. No RS, é mais frequente a produção em ciclo completo, e as inovações basearam-se no cultivo de pastagens forrageiras, principalmente de inverno para apascentamento a campo (MIELITZ NETTO, 1994).

Segundo a EMATER 2000a o “pecuarista familiar” seria aquele produtor que:

- A) Tem como sua principal fonte de renda a criação de bovinos-ovinos de corte ou que tenha estas atividades ocupando a expressiva maior parte da área do seu estabelecimento rural;
- B) Atenda cumulativamente os seguintes critérios:
  - resida na propriedade rural ou em aglomerado urbano próximo
  - tenha no mínimo 80% da renda gerada na atividade agropecuária
  - use mão-de-obra familiar, considerando-se os critérios normalmente adotados para caracterizar a agricultura familiar (adotados pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura PRONAF)
  - tenha renda bruta anual não superior a \$ 40.000 excluídos os benefícios previdenciários decorrentes das atividades rurais
  - seja proprietário ou arrendatário de estabelecimento (área contínua ou não) com área não superior a 300 hectares.

No Rio Grande do Sul são o total de 45.000 famílias de pecuaristas familiares, contabilizando 10% dos proprietários rurais do estado, segundo dados da EMATER (2000a, p. 64)

Mais recentemente, entretanto, alguns trabalhos (primeiramente realizados por técnicos da EMATER-RS) passaram a identificar e descrever no estado (e de forma significativa na metade sul) um grupo numeroso de produtores com pequenas áreas, com características de agricultura familiar que tem como atividade principal a bovinocultura

de corte. Apesar de pequenas áreas estes estabelecimentos, se dedicam á bovinocultura de corte em combinação com outras atividades com a utilização, predominantemente, de mão-de-obra da família. Assim, passou-se a identificar este tipo diferenciado de agricultores familiares como “pecuaristas familiares” (RIBEIRO, 2009, p.19-20).

Sobre a análise da agricultura familiar e da pecuária familiar, pode-se concluir que não existe um sistema padrão, em que todas as unidades devem seguir a rigor, com o intuito de obter maiores e melhores resultados, pois há uma grande diversidade tanto da fauna como da flora de acordo com características locais, e também do nível de organização dos produtores.

O pecuarista familiar hoje pode perpassar por um período de vulnerabilidade, haja vista, que os avanços das monoculturas colocam em risco a continuidade da pecuária familiar, pois as lavouras cada vez mais ocupam o espaço dos campos, em um momento de super valorização destes perante setores da economia local, nacional e até mesmo mundial.

### 3.4 OS CAMPOS CEDEM LUGAR AS LAVOURAS

#### 3.4.1 Origem da soja no Brasil

A Soja é uma planta originária do Extremo Oriente. É uma leguminosa domesticada pelos chineses a cerca de cinco mil anos. Sua espécie mais antiga, a soja selvagem, crescia principalmente nas terras baixas e úmidas, junto aos juncos nas proximidades dos lagos e rios da China Central.

Há três mil anos a soja se espalhou pela Ásia onde começou a ser utilizada como alimento. Foi no início do século XX que passou a ser cultivada comercialmente nos Estados Unidos.

Segundo Mattos (1986), a soja aportou no Brasil em 1882, através da Bahia por Gustavo Dutra, sem alcançar êxito. Em São Paulo, começou a ser cultivada por imigrantes japoneses, por volta de 1908, e foi introduzida oficialmente no Rio Grande do Sul em 1914.

O primeiro registro de cultivo de soja no Brasil tem data em 1914 no município de Santa Rosa, RS. Mas somente a partir dos anos de 1940 que adquiriu alguma importância econômica, merecendo o primeiro registro estatístico nacional em 1941, no Anuário Agrícola do RS: área cultivada de 640 alqueires,

produção de 450 toneladas (ton) e rendimento de 700 kg/ha. Nesse mesmo ano instalou-se a primeira indústria processadora de soja do País (Santa Rosa, RS) e, em 1949, com produção de 25.000 toneladas o Brasil figurou pela primeira vez, como produtor de soja, nas estatísticas internacionais (EMBRAPA, 2004).

Até os anos 40, foi cultivada principalmente em instituições de pesquisa, com fins experimentais e por colonos japoneses, em pequena escala. A partir de então, começou a ganhar certa importância como alimento de animais e ocorreram as primeiras exportações, em 1949, no estado do Rio Grande do Sul.

O grande impulso ao cultivo da soja se originou na sucessão “trigo-soja”, adotada no Rio Grande do Sul na década de 60, época em que a política governamental estimulou a expansão da cultura do trigo. Até os anos 50, a pequena produção da oleaginosa era consumida como forragem para bovinos ou como grão para o engorde de suínos nas pequenas unidades produtoras do interior gaúcho.

Atualmente a produção da soja aumenta em praticamente todas as regiões do Brasil, não sendo diferente no Rio Grande do Sul, onde Caçapava do Sul apresenta, nos últimos anos um aumento da produtividade. Juntamente com a produção do eucalipto para celulose, a soja vem ocupando parte dos campos no município.

Dentre uma das consequências do aumento de lavouras de soja e de eucaliptos no município, temos a reconfiguração da paisagem rural.

### **3.4.2 A demanda internacional por soja e sua expansão no território**

Para entender a expressividade da cultura da soja no Brasil, é necessário analisar aspectos da história econômica brasileira e averiguar quais agentes e ações foram responsáveis pelo processo de modernização da agricultura que impôs a substituição de culturas e a expansão de outras, com destaque para a soja.

A soja foi a cultura privilegiada pelas mudanças na base técnica da produção, desencadeada a partir de meados da década de 1960. Sua expansão teve suporte estatal bastante significativo no Brasil, por meio de oferta de crédito abundante para a compra de máquinas e insumos.

A expansão da demanda internacional por soja, posteriormente, avançou para o mercado interno, substituindo os óleos de amendoim e algodão, a gordura de coco e a banha de porco. O início dos anos 1970 marca também a instalação de sistemas de

produção industrial de aves de corte no Brasil, provocando o aumento da demanda de farelo de soja para ração animal, necessária para atender o mercado interno nascente.

Cabe destacar que alguns fatores, em escala mundial, tiveram impactos diretos no aumento da produção de soja brasileira segundo Campos (2010):

a) desde o final da década de 1940 e início de 1950, houve um efetivo crescimento da produção de carnes no mundo: aves, suínos e bovinos, que passaram a utilizar o farelo de soja, como base para a produção de ração;

b) o uso de óleo de soja, a partir de meados da década de 1940, teve um efetivo aumento: entre os anos de 1947 e 1964, o seu consumo passou de 23 % para 61 %; e as substâncias graxas registraram 11 % de aumento nesse período, a margarina 73 % e o acréscimo do uso do óleo de soja na composição das margarinas subiu de 35 % para 76%. (BERTRAN; LAURENT; LECLERCQ, 1987);

c) a redução no início dos anos 1970 da produção mundial de farinha de peixe, utilizada na composição de rações para animais. O farelo de soja surgiu como importante substituto na composição de rações, a preços competitivos, tanto em relação à farinha de peixe como em relação aos farelos substitutos;

d) o crescimento da economia internacional no início dos anos 1970. Durante esse período, houve aumento significativo nos preços de commodities, principalmente após 1970; e

e) os países que dependiam da importação de petróleo e eram grandes produtores de commodities, como é o caso do Brasil, tiveram de aumentar as exportações após a alta no preço do petróleo em 1973 e, posteriormente, em 1979.

f) o Sistema Nacional de Crédito Agrícola de 1965; os subsídios às exportações, sob a forma de isenções, créditos fiscais e taxas de juros favorecidas; a vasta legislação de decretos e portarias subsequentes; e o sistema de minidesvalorização de 1968.

O interesse do Governo brasileiro pela expansão na produção da soja<sup>15</sup> para atender à indústria fez com que a leguminosa ganhasse cada vez mais incentivos. Sua principal meta era conquistar a independência tecnológica para a produção brasileira, que até então estava concentrada nos estados do Sul do País, aproveitando a entressafra da cultura do trigo que, na época, recebia incentivos do governo.

---

<sup>15</sup> Para atender às exigências de produção de uma cultura altamente tecnificada foi criado, em 1975, o Centro Nacional de Pesquisa de Soja, como uma das unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), estrategicamente localizada, para que pudesse atender às demandas da produção nacional.

A boa adaptação da soja nas terras do Sul do país e a crescente demanda dos mercados internos e externos deram estabilidade aos preços do produto no mercado, o que incentivou o aumento de área plantada.

Até 1975, toda a produção brasileira de soja era realizada com cultivares<sup>16</sup> e técnicas importadas dos Estados Unidos, onde as condições climáticas e os solos são diferentes do Brasil. Assim, a soja só produzia bem, em escala comercial, nos estados do Sul, onde as cultivares americanas encontravam condições semelhantes a seu país de origem. A criação de novas cultivares pelos pesquisadores da “Embrapa Soja” levou a soja para as regiões de clima tropical no Brasil (Centro-Oeste, Nordeste e Norte).

No período compreendido entre 1998/1999 e 2008/2009, a área plantada com soja no Brasil cresceu 8,75 milhões de ha, passando de 12,99 milhões de ha para 21,74 milhões de ha. Nesse período, merece destaque o aumento da área plantada com soja na região Centro-Oeste (+ 4,9 milhões de ha), representando a consolidação dessa região como as da fronteira agrícola da soja (CONAB, 2010).

O crescimento da produção mundial da soja de 1935-39 a 1985, foi de 795 %, com maior expressividade para o Brasil; na sequência, sofreu um desenvolvimento extraordinário entre 1945/49 a 1985 indicado pela taxa de 166.163,63 %.

A produção de soja no Brasil, conforme a distribuição por estado, nos anos de 2004 até 2006 segundo o (IBGE, 2015), apresentou um acréscimo significativo no estado de Mato Grosso. Também ocorreu aumento da produção nos estados de Tocantins e Piauí em relação também aos anos anteriores. Confirmando assim, o crescente aumento da produção de soja nos últimos anos no Brasil.

Já no período entre os anos de 2004 e 2006, houve um aumento significativo na produção da soja no estado de Mato Grosso, avançando pela chamada “fronteira agrícola<sup>17</sup>”. Esta maior produção se deve, ao maior estudo e manejo do solo, já que a produção está mais intensa e contínua nas áreas, que consiste num conjunto de

---

<sup>16</sup> Segundo a Lei de Proteção de Cultivares, Lei n.º 9.456/1997, cultivares são espécies de plantas que foram melhoradas devido à alteração ou introdução, pelo homem, de uma característica que antes não possuíam. Elas se distinguem das outras variedades da mesma espécie de planta por sua homogeneidade, estabilidade e novidade. As cultivares desenvolvidas em território nacional e caracterizadas como novas cultivares, depois de cadastradas junto ao Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), passam a compor o Patrimônio Genético Nacional.

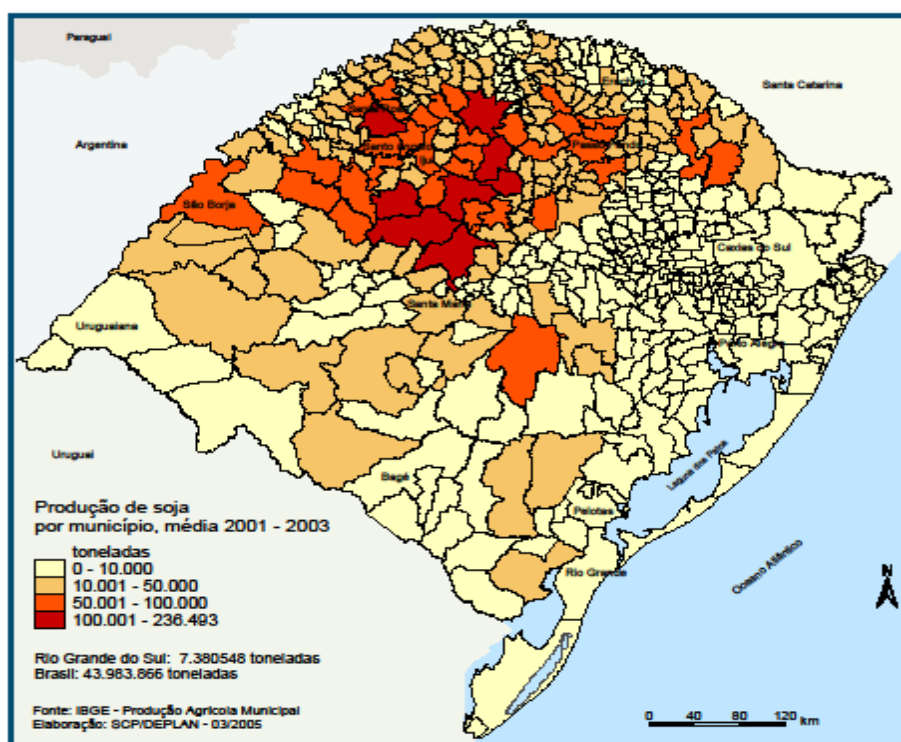
<sup>17</sup> A Fronteira Agrícola é o avanço da unidade de produção capitalista sobre o meio ambiente, terras cultiváveis e/ou terras de agricultura familiar. Para aumentar a produção de cereais e carne, agricultores e pecuaristas estendem a fronteira de suas fazendas adquirindo mais terras, a chamada **fronteira agrícola**. (fonte: Amazônia Legal- Fronteira Agrícola)

operações realizadas com objetivos de propiciar condições favoráveis à semeadura, ao desenvolvimento e à produção das plantas cultivadas, por tempo ilimitado.

Atualmente, entre as unidades da federação, o Rio Grande do Sul é o terceiro maior produtor de soja em grão do Brasil, superado apenas pelos estados de Mato Grosso e Paraná.

A seguir vê-se a distribuição da produção de soja no estado, distribuídos por municípios. Nota-se que a maior produção de soja ocorre, mais intensamente, nos municípios do norte do estado. Observa-se a seguir (figura 22), a ocorrência do cultivo de soja no período de 2001 a 2003.

Figura 22 – Mapa da produção de soja no RS distribuída por município no período de 2001-2003



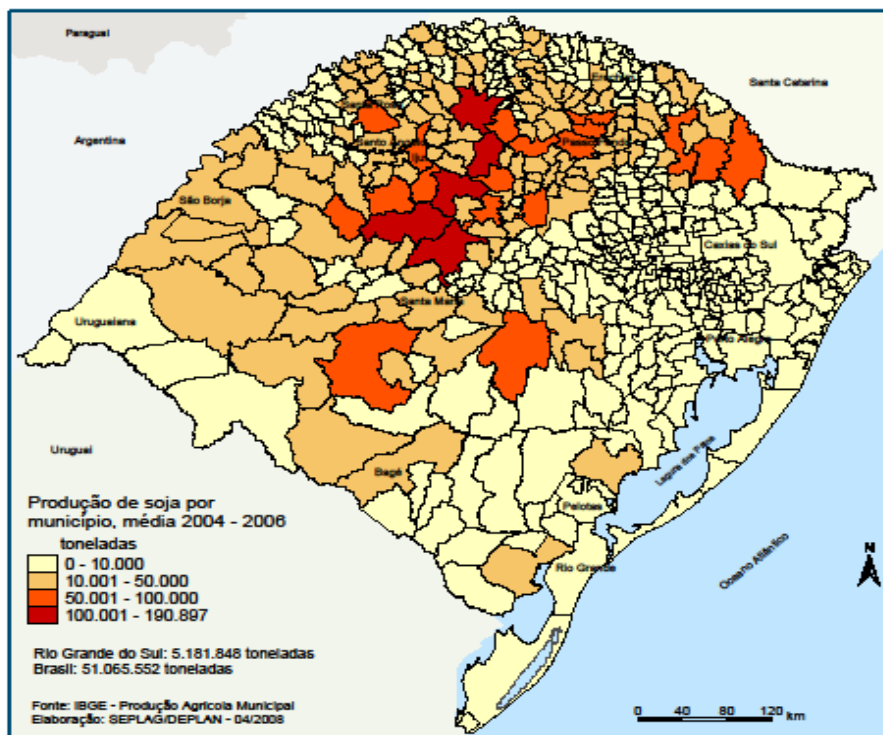
Fonte: IBGE (2014).

O município de Caçapava do Sul, na análise dos anos 2001 a 2003, está na faixa de dados onde se produz em menor quantidade em comparação aos outros municípios.

A área plantada no estado do Rio Grande do Sul, com a cultura de soja, apresentou aumento de cerca de 1 milhão de hectares no período de 2001 a 2005, quando atingiu 4 milhões de hectares. Porém apresentou decréscimo no período

seguinte, nos anos de 2004 a 2006, principalmente por influência da ocorrência de condições climáticas desfavoráveis. Veja-se (figura 23) a seguir:

Figura 23 - Mapa da produção da soja no RS distribuída por município no período de 2004-2006



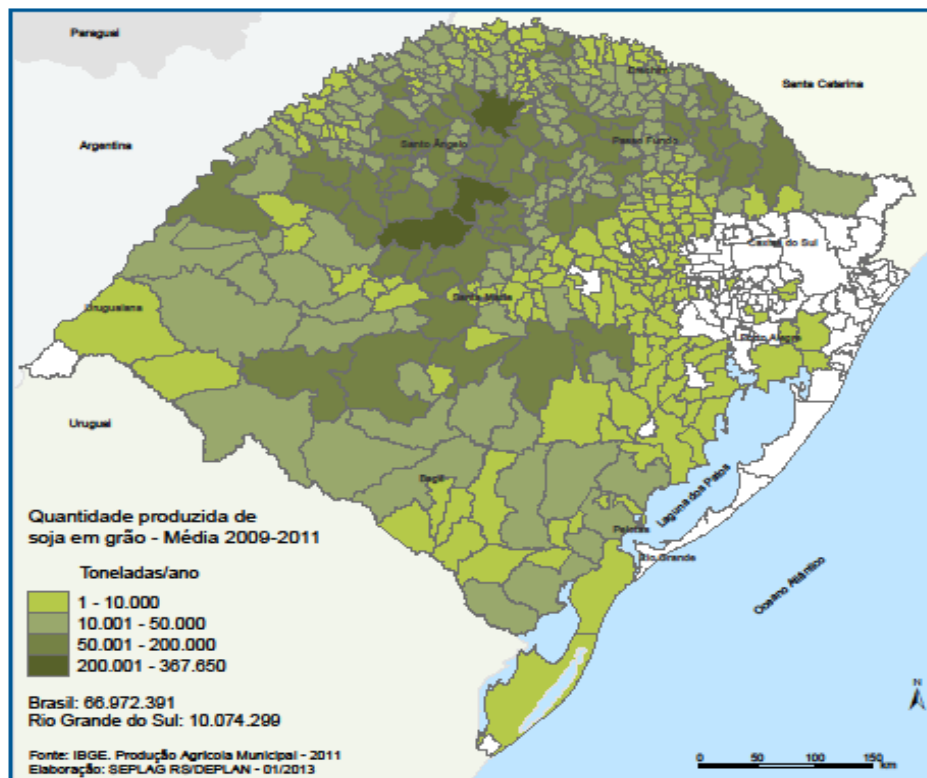
Fonte: IBGE (2014).

Ainda analisando os anos de 2004 a 2006 para o município de Caçapava do Sul, este, continua na faixa dos municípios que menos produzem soja, apesar de sabermos que o quadro esta mudando lentamente com o passar dos anos.

Segundo o Atlas Socioeconômico (2015) estes três municípios, visto no mapa a seguir, sendo eles: Palmeira das Missões, Cruz Alta e Tupanciretã, somados a 56 outros municípios que apresentam produção média superior a 50.000 toneladas, respondem por aproximadamente 56% do total da quantidade produzida de soja do Estado. Os principais municípios produtores ainda se encontram na porção norte do Rio Grande do Sul.

No período 2009 a 2011, 18 municípios apresentaram produção média superior a 100.000 toneladas/ano. Três deles apresentaram produção média variando de 211.574 toneladas a 367.650 toneladas. Veja-se (figura 24) a seguir:

Figura 24 - Mapa da produção de soja no RS distribuída por município no período de 2009 a 2011



Fonte : IBGE (2014).

Assim, com base na relação quantidades produzidas - área plantada, na última década, pode-se afirmar que houve importante ganho de produtividade no Rio Grande do Sul através do emprego de novas tecnologias e do manejo do solo, como por exemplo, a transgenia e o método de plantio direto.

Caçapava do Sul ainda se encontra numa faixa distante da considerada a maior produtora, porém, não mais pertencente a faixa de menores produtores de soja do Rio Grande do Sul; contudo ultimamente cresce a quantidade de área destinada a esta cultura segundos relatos de pessoas envolvidas na pesquisa, sendo estes, moradores do campo, representantes da EMATER, presidente de associações de produtores rurais, secretário da agricultura do município, trabalhadores intermediários entre campo e cidade, como por exemplo, motoristas de caminhões de frete, dos quais transportam insumos agrícolas e animais; entre outros.



Dados da Secretaria da Fazenda do município a produção da soja no intervalo dos anos de 2000 à 2013 foi de 236.162.996 kg, totalizando 103.629.053,63 reais de faturamento.

Sob um panorama geral, analisamos a produção de soja no estado na última década, e afirmamos que o estado do Rio Grande do Sul praticamente duplicou a quantidade produzida, passando de uma média de 5.782.081 toneladas no período de 2000-2002 para uma média de 10.074.299 no período 2009-2011. Este aumento do plantio de soja na região Sul-Rio Grande do Sul, só está sendo possível através da estratégia adotada pelos fazendeiros de substituir pastagens e áreas de outros cultivos na safra de verão pelo cultivo da soja.

Assim como houve expansão na cultura de soja, também houve vastas áreas utilizadas hoje com a atividade da silvicultura no estado.

### **3.4.3 Faces do eucalipto: como se apresenta a planta**

Até o princípio do século XX, o eucalipto foi plantado como árvore decorativa, pelo seu extraordinário desenvolvimento como quebra-vento ou por supostas propriedades sanitárias. Pouquíssimas foram as plantações com fins industriais e caráter florestal, segundo Revista da Madeira (2001).

Na América do Sul, admite-se que o Chile tenha sido o primeiro país a introduzir o eucalipto, por volta de 1823. Logo a seguir, também a Argentina e o Uruguai iniciaram o plantio, porém no Brasil a data é ainda imprecisa.

É difícil se determinar, com segurança, a data de introdução do eucalipto no Brasil. Até há algum tempo, tinha-se como certo que os primeiros plantios aconteceram no Rio Grande do Sul, em 1868, por Frederico de Albuquerque. Tal pioneirismo é questionado, uma vez que, em 1869, chegara a Paris uma correspondência de Frederico de Albuquerque, solicitando sementes de eucalipto e que realizara tentativas de introdução de eucalipto no Brasil. No ano de 1868, o tenente Pereira da Cunha plantou alguns exemplares na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. O acadêmico Osório Duque Estrada afirmou que, em 1875, na antiga propriedade de seu pai, mais tarde transformada em Sanatório da Gávea, havia exemplares de *Eucalyptus globulus* que, pelo seu porte gigantesco, não deviam contar menos de vinte anos, o que faz recuar a data de sua introdução no Brasil para 1855. (Revista da Madeira, 2001)

Desde o início do presente século, o contínuo crescimento da população e o crescente aumento na demanda de madeira foram responsáveis pelo surgimento do interesse e da necessidade do uso de espécies de eucalipto para a produção de madeira, lenha, moirões, dormentes etc., em muitos países.

A partir de 1945, a crescente demanda de madeira para fins de produção de celulose, compensados, chapas, assim como o rápido desenvolvimento tecnológico verificado, resultou em aumento adicional na área plantada com eucalipto.

O eucalipto adquiriu, rapidamente, a característica marcante de ser a espécie florestal mais plantada no mundo, apresentando condições de crescer e se desenvolver onde quer que as condições climáticas fossem tais que a temperatura mínima do solo não fosse limitante.

Em 1966 o governo federal estabeleceu o programa de incentivos fiscais, a fim de atender a crescente demanda de uma incipiente, porém, agressiva indústria baseada na utilização de madeira como matéria-prima para produção principalmente de carvão, papel e celulose, principalmente nas regiões sul e sudeste do país, as quais estavam, já naquela época, significativamente destituídas de cobertura florestal natural. Com o advento do programa de incentivos fiscais, a área plantada aumentou consideravelmente.

Segundo Bertola, os reflorestamentos estabelecidos inicialmente, no Brasil, não apresentaram os resultados esperados quanto à produtividade. O insucesso desses reflorestamentos se deveu principalmente aos seguintes fatores:

- Insuficiência de trabalhos científicos que permitissem nortear o estabelecimento dessas florestas com técnicas de manejo adequadas, tornando-as mais produtivas e, portanto, reduzindo a pressão sobre as florestas nativas;
- Planejamento inadequado de uso da terra, pois sendo o eucalipto considerado adaptado a solos marginais e próprio para secar o solo, o mesmo foi utilizado tanto em áreas com afloramento rochoso, quanto em áreas com elevada deficiência e excedente hídrico;
- Escolha inadequada da espécie/procedência, pois em razão da alta produtividade nos reflorestamentos iniciais, principalmente de *E. grandis* e *E. saligna*, essas espécies foram consideradas adequadas para o plantio em quaisquer condições ambientais, ocorrendo então, um desastre ecológico quando do seu estabelecimento na região de cerrado, em especial na região do São Francisco e Jequitinhonha;
- Uso de técnicas inadequadas de implantação, destacando-se o uso insuficiente e inadequado de fertilizantes e a falta de uso de técnicas conservacionistas;

- Falhas na política, legislação e fiscalização, uma vez que, dentre outros, permitiu-se a substituição total da floresta nativa pela plantada e, a fiscalização era realizada apenas até o segundo ano, deixando o investidor inescrupuloso, que tinha apenas interesse em obter lucro imediato, abandonar os plantios às pragas e ao fogo.

No município de Caçapava do Sul, a empresa responsável pela produção de eucaliptos é a antiga Fibria, hoje denominada CMPC.

Sendo líder mundial na produção de celulose de eucalipto, a CMPC é um grupo chileno controlado pela família Matte e que foi criado no dia 12 de março de 1920. A Celulose Riograndense, parte do grupo CMPC, é uma empresa gaúcha presente no mercado internacional de celulose de fibra curta de eucalipto. Ela conta com uma fábrica no município de Guaíba que ocupa hoje uma área de 106 hectares e investe no cultivo de florestas como fonte de suprimento de matéria-prima sustentável.

Fundada no ano de 1920, a CMPC é pioneira no Chile na fabricação de celulose e papel. Com mais de 25 fábricas, conta com aproximadamente 8 mil colaboradores operando em 5 áreas de negócios, através das seguintes empresas: CMPC Florestal, CMPC Celulose, CMPC Papéis, CMPC Tissue e CMPC Produtos de Papel.

No Brasil os sistemas de produção de mudas mais utilizados são: mudas a partir de sementes e através do enraizamento de estacas (plantios clonais). No sistema onde as mudas são produzidas por sementes, estas podem ser obtidas de plantios comerciais, áreas de produção ou de pomares porta sementes melhorados geneticamente através de seleções.

O primeiro passo para a formação de mudas, consiste na escolha da espécie/procedência que mais se adapte às condições locais em termo de crescimento e de uso. Como exemplo, na parte central do Brasil, as espécies mais utilizadas em reflorestamento são: *E. grandis*, *E. urophylla*, *C. citriodora*, *E. cloeziana* e *E. camaldulensis*.

Num processo maior de refinamento, procura-se selecionar dentro das espécies, as procedências de maior destaque e que melhor se adaptem às condições climáticas e edáficas locais, que permitam a obtenção de ganhos excepcionais em produtividade, e que sejam resistentes a pragas e doenças.

Porém no município de Caçapava do Sul, nos últimos, as áreas plantadas não aumentaram. Mantiveram-se sem expansão da produção. Este fato deve-se a falta de interesse por parte dos donos das terras em cultivá-las com este tipo de cultura; por a empresa responsável pelas plantações ter passado por um momento instável

administravelmente e também ao momento econômico do Rio Grande do Sul perante ao interesse pela produção de celulose.

## 4 PAISAGENS RURAIS CAÇAPAVANAS

Este capítulo constitui-se do levantamento de dados quantitativos e qualitativos que permitem a caracterização das paisagens rurais contemporâneas caçapavanas sobre a influência da atividade pecuária e também descrever como se apresenta as culturas de soja e eucalipto na perspectiva de seu avanço no espaço agrário do município.

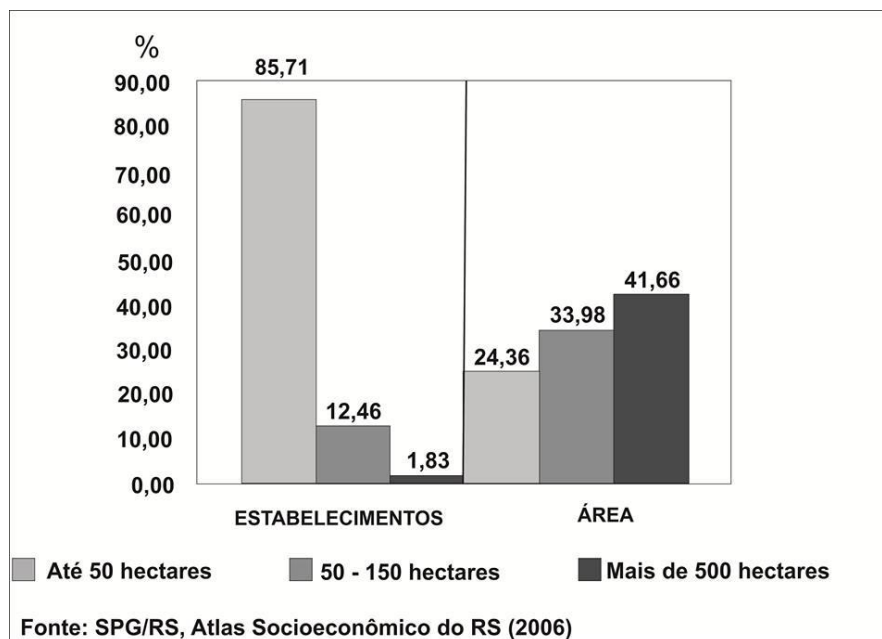
### 4.1 ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Segundo dados do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2015), a estrutura fundiária do estado se diferencia de acordo com a região, alternando predomínio de grandes e médias propriedades com médias e pequenas “unidades de produção<sup>18</sup>”. Do total das unidades de produção do estado, 85,8 % possuem menos de 50 hectares, ocupando 24,4 % da área utilizada pela agropecuária. As unidades de produção entre 50 e 500 hectares representam 12,46 % do número total de estabelecimentos ocupando 32,8 % do total da área. E as com mais de 500 hectares representam 1,83 % dos estabelecimentos, ocupando 41,9 % da área rural (figura 25):

---

<sup>18</sup> Para fins deste trabalho, considerar-se-á "unidade de produção" como sinônimo de "estabelecimento agropecuário". Segundo o IBGE, estabelecimento agropecuário é toda unidade produtiva dedicada, total ou parcialmente, a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas, subordinada a uma única administração: a do produtor ou a do administrador; independente de seu tamanho, sua forma jurídica ou de sua localização em área urbana ou rural, tendo como objetivo a produção para subsistência e/ou para venda. Portanto, para essa investigação será considerada a "unidade de produção", seja o produtor proprietário ou não da área (parceiro, arrendatário, posseiro, meeiro, etc.) sem fazer distinção, a priori. A verificação a campo é que dará conta desse aspecto, baseado na realidade dos produtores através do levantamento dos dados e posterior análise dos resultados.

Figura 25 – Gráfico da comparação em porcentagem do número de estabelecimentos e área das unidades de produção no RS



Fonte: Atlas Socioeconômico do RS (2014).

Em Caçapava do Sul a estrutura fundiária hoje, é baseada nos estabelecimentos menores, pois 76 % tem menos de 100 hectares ocupando cerca de 18 % da área. Apenas 5 % dos estabelecimentos rurais tem mais de 500 hectares, segundo o IBGE (2014).

No Brasil, a pecuária surgiu como o latifúndio por ser praticada com o mínimo de tecnologia e mão de obra, sobre enormes extensões de terra. A partir dos anos 1960, conforme Fundação de Economia e Estatística FEE (1978), no Rio Grande do Sul existe três formas distintas de organização da produção agropastoril: a propriedade latifundiária, a propriedade capitalista e a pequena propriedade, elas caracterizam uma classificação específica da posse e uso da terra no estado.

A nova fase de ocupação do território por meio das colônias originou a pequena propriedade familiar, que com uma produção diversificada criou um novo modelo econômico e sociocultural no RS com uma distribuição de renda menos concentrada. Esse novo padrão sugere uma divisão concreta da organização do espaço agrário e demonstra que existem duas sociedades distintas. Uma sociedade de grandes proprietários (agricultura patronal) que praticam a pecuária extensiva em áreas de campo nativo e uma sociedade de pequenos agricultores (agricultura familiar), que desmataram a floresta e criaram seus sistemas de produção diversificados. As diferenças das estruturas fundiárias decorrem em maior densidade demográfica no norte em contraposição ao sul e produzem reflexos em aspectos sociais, culturais, ambientais e econômicos até hoje (ELIAS, 2006, p.38).

Ainda, conforme a FEE (1978), a propriedade latifundiária é característica das unidades de produção conhecidas como latifúndios, ou estâncias, trata-se de uma das formas de organização da produção introduzida pelos portugueses constituindo-se na mais antiga forma de organização pastoril do estado.

Junto as grandes extensões de terra iniciou-se com a política do desenvolvimento agrícola atrelado ao desenvolvimento industrial, as grandes lavouras monocultoras de trigo, soja e arroz, que determinaram a formação de estabelecimentos definidos por empresas rurais e/ou propriedades capitalistas por estarem atreladas com os mercados internos e externos.

Nas grandes lavouras monocultoras predomina o fator “capital” em relação aos fatores “terra” e “força de trabalho”, a qual é predominantemente assalariada. Este tipo de estabelecimento localiza-se ao sul e ao oeste do Rio Grande do Sul, mediante o arrendamento da terra e/ou compra de terras.

Segundo o Incra (2000), a primeira classe, descrita acima, corresponde as grandes propriedades, a segunda classe, corresponde a média propriedade. Por fim, terceira classe, tem-se a pequena propriedade familiar, definida por uma exploração exclusiva ou principalmente de base no trabalho familiar; atualmente, a terceira classe, constitui uma significativa parte do espaço agrário gaúcho e ocupa a maioria da população rural.

Esses conceitos remetem ao enquadramento dos produtores rurais de acordo com sua área, utilização da força de trabalho e produtividade entre outros elementos a serem considerados para formar as categorias produtivas das diferentes regiões fisiográficas do Rio Grande do Sul.

Outras realidades desencadeadas a partir da formação das pequenas propriedades e o processo de minifundialização<sup>19</sup> surgido da repartição das terras dos imigrantes, os quais, por meio da fragmentação provocaram o surgimento desta nova forma no espaço agrário gaúcho.

Nas décadas de 1950 a 1970 emergiu uma fase que definiu o modelo econômico brasileiro que abriu o espaço para o novo modelo que iniciou nos anos 1980 e liderou na década de 1990 e se projetou para o futuro, a abertura das economias (neoliberais)

---

<sup>19</sup> Este processo de partição das terras denominado de minifundização foi acompanhado de uma diversificação das relações de produção, já averiguadas quando a implantação das primeiras colônias<sup>19</sup> de imigrantes as quais primavam pela diversificação da produção.

seguida do processo de globalização da economia internacional sobre novos espaços determinados por aquelas áreas de economia frágil ou em processo de desenvolvimento.

Ao assumir o modelo agroexportador a soja promoveu uma nova forma de organização da economia do Rio Grande do Sul. A crescente demanda estimulou a produção da soja, fazendo com que o estado cumprisse a função importante no quadro de acumulador de grãos, e tendo sua parte no quadro das grandes exportações.

#### 4.2 AS PAISAGENS DA PECUÁRIA

Se de um lado, constata-se uma presente pesquisa sobre a cadeia produtiva da carne bovina, percebe-se a falta de informações acerca do perfil e da situação socioeconômica dos produtores rurais envolvidos com a atividade. Esse relativo desconhecimento de certa forma preocupa, dada a heterogeneidade de situações encontradas entre os pecuaristas gaúchos.

Fontoura (2005) descreve ainda o surgimento de uma nova categoria de estancieiros na metade sul que são os profissionais liberais (médicos, dentistas, advogados e pequenos empresários). Estes passariam a investir na bovinocultura de corte quase como uma atividade lúdica transferindo recursos das outras atividades e mantendo, conforme o autor, na sua maioria, o gerenciamento dos negócios conforme ensinamentos da pecuária tradicional. (RIBEIRO, 2009, p. 132)

O presente estudo parte do pressuposto de que a pecuária familiar representa um segmento peculiar e relevante no âmbito da pecuária extensiva, a qual vem sendo reconhecida por estudos que estimam esse contingente em 12% do universo da pecuária no RS (Sebrae/Farsul/Senar, 2005).

Segundo o Sindicato Rural do município, dos 269 associados, 90% são pecuaristas; vivem bem no seu modo de vida, com sua cultura e costumes. Foi a forma de vida que escolheram desenvolver por incentivo familiar, para dar continuidade aos costumes da família e também porque se identificam com a atividade e modo de vida do gaúcho. Fazem porque é o que sabem fazer, conforme muitos pecuaristas relataram nas entrevistas.

Quando feita a pergunta do “porquê pratica esta atividade”: dentre os 28 entrevistados; 7,14 %, alegam ser a mais lucrativa; 10,7 %, falam que cresceram trabalhando neste ramo e se identificam com a atividade; 3,6 %, fala que por estar acostumado a praticá-la; 14,3 %, alegam ser mais lucrativa; 18,5 %, fala que por



influência familiar; 18,5 %, pratica por ser prazeroso; 10,7 %, seria o que o terreno permite; 7,14 %, porque tens maior conhecimento; 3,7 %, é a que a situação financeira permite e 7,14 %, fala que é um processo cultural e é o que o terreno permite. A seguir o quadro ilustrativo desta análise:

Quadro 2 – Motivo de praticar a pecuária bovina

<b>Em 2 (7,14%) entrevistados: mais lucrativa e da menos trabalho</b>
<b>Em 3 (10,7%) entrevistados: cresci trabalhando neste ramo e me identifico</b>
<b>Em 1 (3,7%) entrevistados: está acostumado.</b>
<b>Em 4 (14,28%)entrevistados: mais lucratividade</b>
<b>Em 5 (18,5%) entrevistados: influência familiar</b>
<b>Em 5 (18,5%) entrevistados: por prazer</b>
<b>Em 3 (10, 7%) entrevistados: porque o terreno permite</b>
<b>Em 2 (7,14%) entrevistados: porque tens maior conhecimento</b>
<b>Em 1 (3,7%) entrevistados: a situação financeira permite</b>
<b>Em 2 (7,14%) entrevistados: um processo cultura e o terreno permite</b>

Fonte: Trabalho de campo (set. 2015).

A análise acima permite-nos concluir que as atividades se desenvolvem conforme se harmonizam no espaço; fica evidente a força cultural marcado pelas influencias familiares, passadas de geração em geração; as condições ambientais traduzida neste caso, pelas formas de relevo e também se faz importante neste processo mantenedor da atividade o resultado financeiro alcançado.

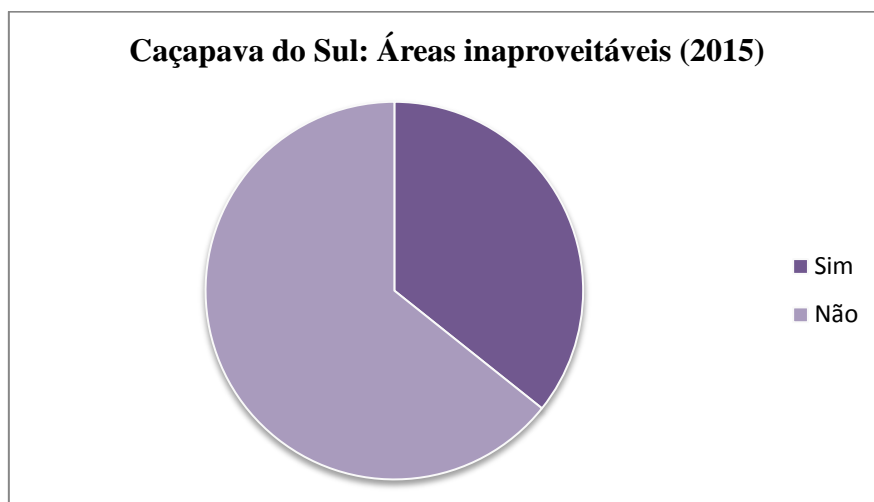
O Sindicato Rural de Caçapava do Sul caracteriza o campo no município como essencialmente agrário, com foco na pecuária. Antes criadores, hoje, invernadores (terminadores de gado). Isso ao longo dos últimos 30 anos segundo o presidente do sindicato.

Também afirma que nos campos de Caçapava do Sul, 92 % são de campos nativos e 8 % de lavouras; o município tem aproximadamente 305.000 hectares, destes, 280.000 são de campo nativo e 25.000 hectares de lavouras;

As unidades visitadas mostraram-se bem produtivas, de suas maneiras particulares, haja vista, que as localidades variavam, portanto as características físicas também, o que marca a possibilidade de melhor atividade a exercer na área. Com relação as áreas inaproveitáveis na unidade de produção, as situações foram as

seguintes: das 28 unidades, 35,7 %, responderam que possuem área inaproveitável e 64,3 %, falaram que não possuem. Veja-se o gráfico a seguir.

Figura 26 – Gráfico das áreas inaproveitáveis



Fonte: Trabalho de campo (org.).

As unidades que responderam ter áreas inaproveitáveis são as de relevo íngreme, estas áreas, geralmente os pecuaristas deixam reservadas para a reserva legal de suas unidades. Este fato viabiliza um menor grau de derrubadas de mato nativo para transformação em pastagens ou lavouras. Pois sabemos a importância que traz a parte de mata preservada em aspectos ambientais para a unidade de produção, haja vista a boa qualidade a curto e longo prazo da água, solo, fauna e flora locais do mesmo.

Quanto as que responderam ser praticamente todas as áreas aproveitáveis, se destacam em virtude dos campos serem de boas qualidades possibilitando ao gado se utilizar de todas as áreas para pasto ou locais de repouso.

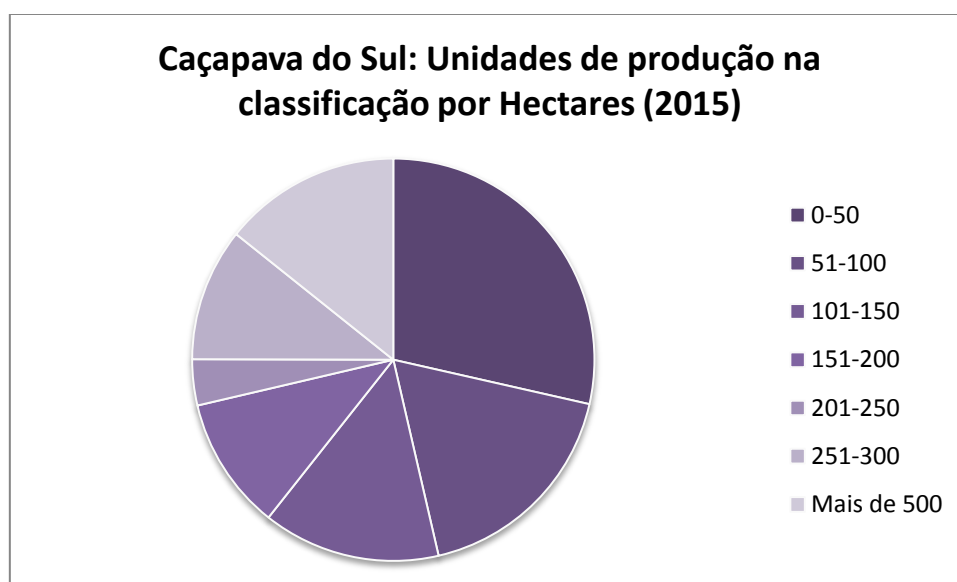
Quanto as benfeitorias das unidades, destacam-se: a casa presente em 78,5 % das unidades pesquisadas; galpão presente em 67,8 %; açude em 21,4 %; mangueira em 71,4 %; banheiro de banhar em 3,7 %; galinheiro em 7,14 % e em 3,7 % não há nenhuma benfeitoria.

Na análise identifica-se o quanto a presença da mangueira, para estas, é significativa. Isso só confirma o quanto a atividade da pecuária é a “peça motor” do sistema de produção das famílias estudadas.

Na determinação do módulo fiscal da cada município o INCRA aplicará metodologia, aprovada pelo Ministro da Agricultura, utilizando-se dos dados constantes do Sistema Nacional de Cadastro Rural. O módulo fiscal do município de Caçapava do Sul é de 35 hectares.

Referente ao tamanho das unidades de produção: das 28 entrevistas aplicadas, 28,57 %, possuem de 0 a 50 hectares; 17,85 %, possuem de 51 a 100 hectares; 14,28 %, possuem de 101 a 150 hectares; 10,7 %, possuem de 151 a 200 hectares; 3,7 %, possui de 201 a 250 hectares; 10,7 %, possuem de 251 a 300 hectares e 14,28 %, possuem mais de 500 hectares. Veja-se o gráfico a seguir.

Figura 27 – Gráfico das unidades de produção classificadas por tamanho



Fonte: Trabalho de campo (org.).

Da análise verifica-se que a maior quantidade de entrevistados possui pequenas unidades, haja vista, que o maior número de unidades se concentrou no intervalo até 150 hectares. Dados estes confirmados no capítulo 2, onde se tratou da estrutura fundiária do município.

Para a informação de como foram obtidas as terras: tem-se dos 28 entrevistados, 39,3 %, foi obtida através de herança; 3,7 %, arrendamento e compra de terceiros; 14,28 %, por herança e compra de parentes; 7,14 %, compra de parentes; 10,7 %, compra de parentes, compra de terceiros, arrendamento e herança; 14,28 %, compra de terceiros;

3,7 %, arrendamento e 7,14 %, obteve as terras por herança, compra de parentes e compra de terceiros. Veja-se quadro ilustrativo a seguir.

Quadro 3 – Obtenção das terras

<b>Onze entrevistados (39,3%): Herança</b>
<b>Um entrevistado (3,7%): Arrendamento e compra de terceiros</b>
<b>Quatro entrevistados (14,28%): herança e compra de parentes</b>
<b>Dois entrevistados (7,14%): compra de parentes</b>
<b>Três entrevistados (10,7%): herança, compra de parentes de terceiros e arrendamento</b>
<b>Quatro entrevistados (14,28%): compra de terceiros</b>
<b>Um entrevistado (3,7%): Arrendamento</b>
<b>Dois entrevistados (7,14%): herança, compra de parentes e compra de terceiros</b>

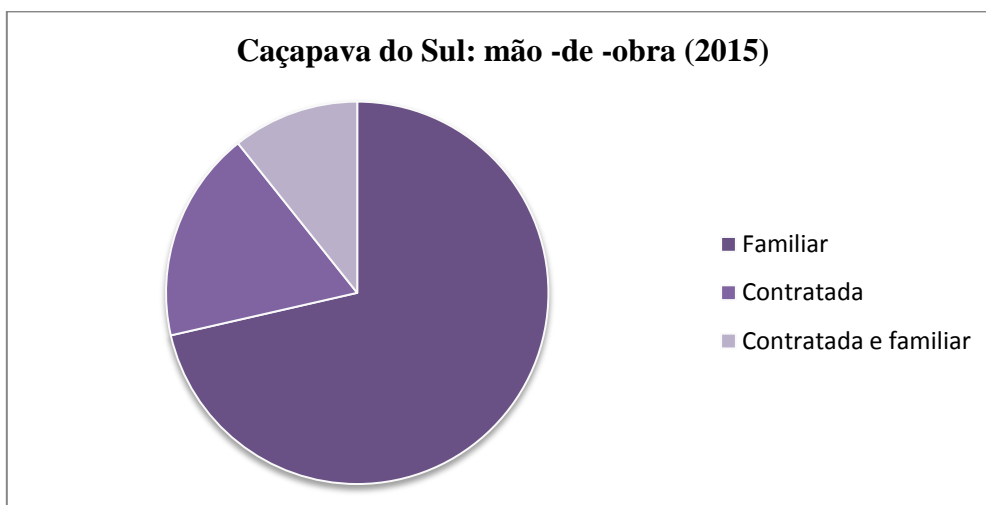
Fonte: trabalho de campo (set. 2015).

Da análise dos dados acima, percebe-se o quanto é presente o fator família referente a como adquiriu as terras. Dentre os entrevistados, 39,3 % obtiveram as terras por meio de herança; e somente 14,28 % dos entrevistados, obtiveram as terras através de compras de terceiros, estes, sem vínculos de parentesco.

Culturalmente no município, é presente a característica de obtenção de terras por vínculos familiares através de heranças. Estas, são passadas de pai para filhos, (divididos igualmente entre todos) com o passar dos anos, e é bastante comum seguirem trabalhando no mesmo sistema de produção.

Para a análise dos dados quanto a mão de obra utilizada na unidade, das 28 unidades: 71,42 %, responderam que é familiar; 17,85 %, responderam que a mão de obra é contratada e 10,7 % falaram que a mão de obra é contratada e familiar. Veja-se o gráfico a seguir.

Figura 28 – Gráfico da mão-de-obra

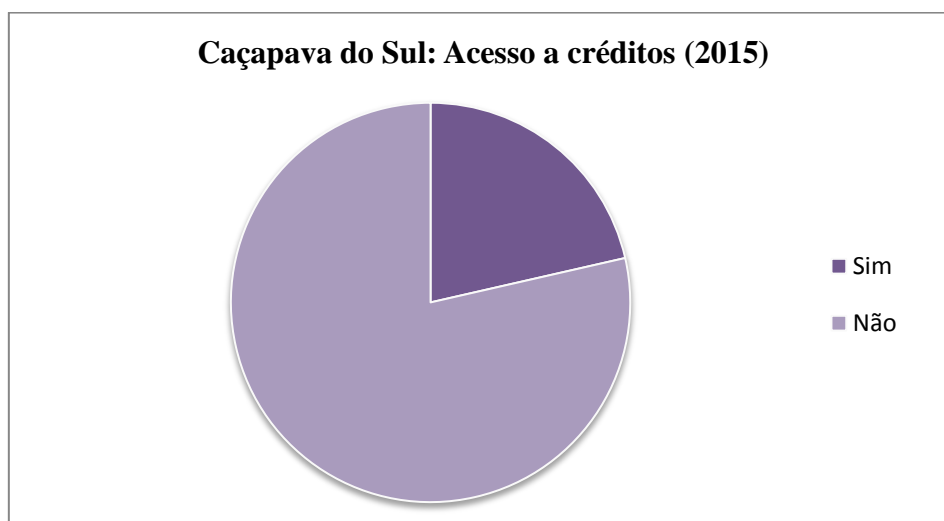


Fonte: Trabalho de campo (org.).

Verifica-se a relação de como há um maior número de unidades pequenas, é comum que a mão de obra utilizada, seja, somente a familiar, com 71,42 % dos entrevistados.

Quanto ao acesso a créditos, dos 28 entrevistados, 21,4 % dos entrevistados responderam que se utilizam de créditos de agências oficiais do Estado e 78,57 % dos entrevistados responderam que não necessitam de crédito para financiar suas atividades. Veja-se o gráfico a seguir.

Figura 29 – Gráfico do acesso a créditos



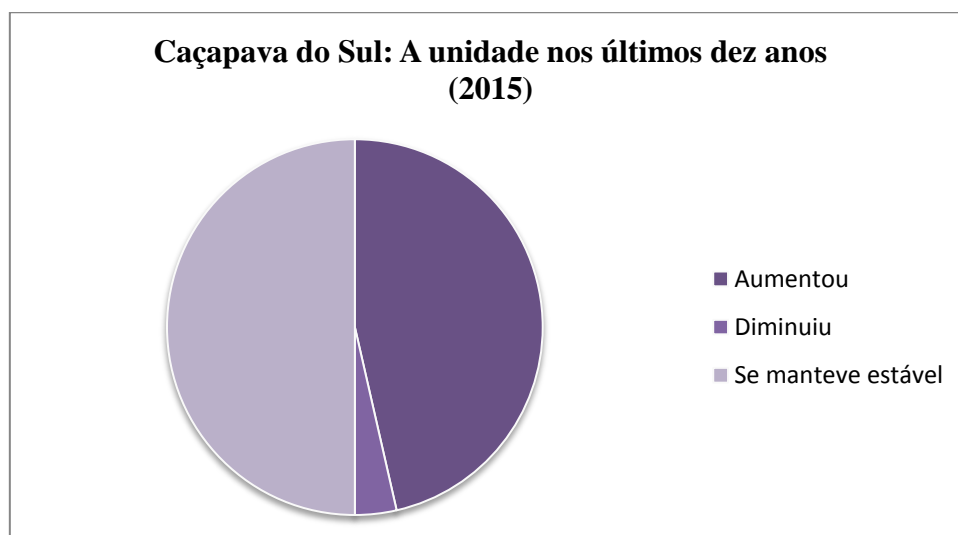
Fonte: Trabalho de campo (org.).

Percebe-se que um número pequeno de pessoas utilizam os créditos oferecidos pelo governo. Porém as explicações foram porque no momento não estavam precisando, ou pelo fato de conseguirem realizar seus investimentos com o capital próprio ou por não estarem necessitando investir. Os participantes que utilizam os créditos falaram muito bem das políticas públicas de financiamento:

Olha hoje o governo é muito bom pra nós, eles nos deram a luz, nos oferecem dinheiro pra comprar equipamentos, animais e veículos a juros que um pai não faz para um filho. Então não podemos nos queixar. Só o que não nos ajuda é a prefeitura que não nos dá estradas. (entrevistado do Distrito de Serro do Martin)

Sobre como vem sendo as atividades no período de aproximadamente dez últimos anos, quanto ao tamanho, destacamos: dos 28 entrevistados, 3,7 %, falou que sua unidade diminuiu; 46,42 %, falaram que aumentou e 50 %, falaram que sua unidade manteve-se estável. Veja-se gráfico a seguir.

Figura 30 – Gráfico do tamanho das unidades nos últimos dez anos



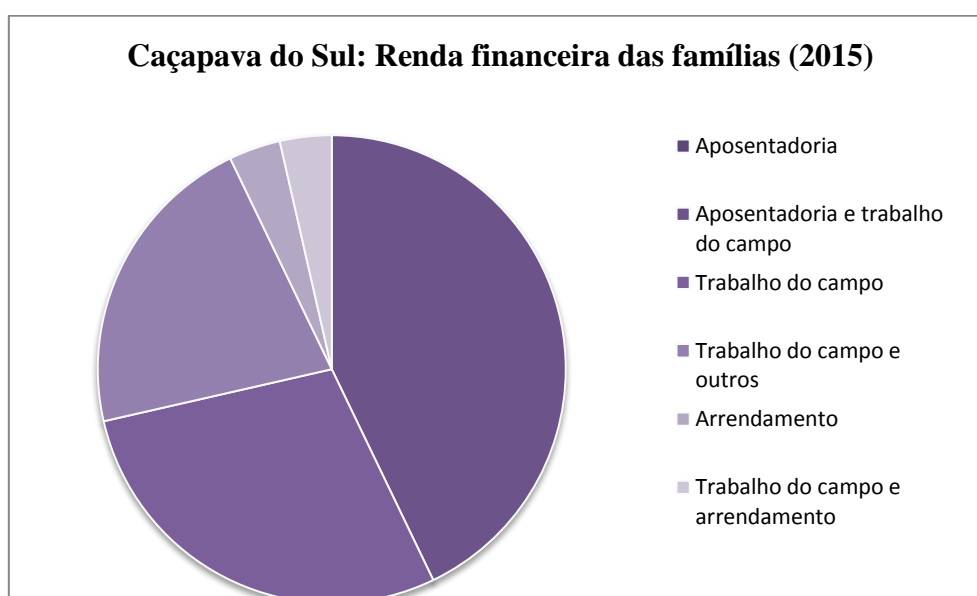
Fonte: Trabalho de campo (org.).

Percebe-se, nestes dados o grau de dedicação e/ou apego a unidade de produção. Sendo que a maior parte respondeu que não houve compra nem venda de suas terras, os que responderam que diminuiu, foi pelo fato de serem fragmentadas pela divisão de

heranças. O fato de vendas de suas terras praticamente não existe, pois as pessoas são cientes do valor econômico que possui e em maior intensidade pelo valor sentimental.

Sobre a renda da família dos entrevistados: dos 28 questionados, 42,85 %, responderam que sua renda é da aposentadoria e do trabalho do campo; 28,57 %, responderam que sua renda é do trabalho do campo; 21,42 %, responderam que é do trabalho do campo e outros; 3,7 %, responderam que é do arrendamento e 3,7 % responderam que é do arrendamento e trabalho do campo. Veja-se gráfico a seguir.

Figura 31 – Gráfico da renda das famílias



Fonte: Trabalho de campo (org.).

Nota-se o quanto o campo abrange moradores aposentados. Em muitos casos, as famílias preferem esperar se aposentar para depois ir morar no campo, pois se sentem mais seguros quanto a renda, caso o trabalho do campo não seja tão rentável, nos casos de unidades familiares. Também há casos em que os mais jovens moram na cidade e trabalham na cidade, mas mantem também a produção rural como forma de apoio a renda mensal ou até mesmo anual, uma vez que as atividades do campo, nem sempre proporcionam renda todos os meses.

Quanto os animais mais presentes nas unidades de produção, destacam-se: os bovinos, presente em 96,4 % das unidades; os ovinos em 39,3 % das unidades; os

caprinos em 17,85 % das unidades; os eqüinos em 96,4 % das unidades e os suínos em 10,7 % das unidades.

A atividade da bovinocultura está presente na maioria das unidades pesquisadas, com participação de 96,4 %. Sobre a presença dos eqüinos, houve um equívoco na hora de interpretação, pois os eqüinos estão presentes em praticamente todas as unidades que praticam a bovinocultura, pois estes são essenciais para o manejo com os bovinos, porém não houve presença em nenhuma unidade de produção a criação de eqüinos com o cunho lucrativo.

Quanto, aos outros animais (suínos, caprinos e ovinos), são mais raras as atividades, pois alegam ser mais trabalhoso ou menos lucrativo a atividade com estes. Apesar de ser presente nas unidades, criam, mais precisamente, para subsistência.

### 4.3 A SOJA E A SILVICULTURA AVANÇAM NOS CAMPOS

A soja em Caçapava do Sul é produzida em 60 estabelecimentos rurais, com produção de 11.674 toneladas segundo o Censo Agropecuário de 2006, porém hoje o número é maior, pois a cada ano que passa aumenta o número de interessados em fazer o plantio deste vegetal, fato este facilmente percebido, porém com dados concretos ainda carentes dos últimos anos. Dados atuais do Sindicato Rural (2015), do município classifica a área plantada de aproximadamente 30.000 hectares.

Figura 32 - Cultivo de soja em Caçapava do Sul





Uso de máquinas e implementos agrícolas.  
Fonte: Trabalho de campo (dez. 2014).

Segundo dados disponíveis pela Emater de Caçapava do Sul, atualmente o município possui 30.000 hectares ocupadas pelo plantio de soja, dado este que, em à aproximadamente dez anos atrás se dava em 15.000 hectares. A expansão deste cultivo hoje ocupa lugares onde antes havia campo nativo não utilizado e também em áreas onde anteriormente se criava gado. Veja-se (figura 33) a seguir.

Figura 33 - Plantação de soja, ocupando espaços da pecuária



Fonte: Trabalho de campo (dez. 2014).

Na primeira imagem acima, vê-se que a plantação de soja está ocupando uma vasta área, inclusive cercado um lote pequeno de pastagem onde o gado poderia ainda ocupar. A imagem nos permite perceber que em alguns locais a atividade de criatório cede espaço para outras formas de utilização do solo, mais rentáveis para os proprietários.

Nas duas outras imagens abaixo da descrita acima, vê-se que o curral de grande porte e bem estruturado, utilizado antes para o manejo de atividades pecuárias,

praticamente, foi deixado de lado, pois a plantação da soja, neste caso, impossibilita suas funções originais.

Apesar de conhecer dados que mostram o aumento das unidades de produção destinadas ao cultivo da soja, ainda predominam os campos nativos, onde são aproveitados para a atividade da pecuária bovina. Veja-se a seguir, o quadro demonstrativo do aproveitamento da terra:

Quadro 4 – Aproveitamento da terra

<b>Lavouras: 1 (3,7%) das unidades</b>
<b>Pastagens plantadas: 1 (3,7%) das unidades</b>
<b>Campo nativo: 21 (77,7%) das unidades</b>
<b>Florestas plantadas: 1 (3,7%) das unidades</b>
<b>Florestas naturais: 0</b>
<b>Campo nativo e pastagens plantadas: 4 (14,8%) das unidades</b>

Fonte: Trabalho de campo (set. 2015).

É importante destacar que 77,7 % das unidades de produção responderam que a área predominante é com pastagem nativa, fato este, que agrega valores ao meio ambiente. Nestes dados se confirma o fato da Serra do Sudeste, onde localiza Caçapava, estar ainda pouco degradada antropicamente, possuindo ainda, várias espécies bem preservadas. Há pouca área com lavouras, pois em muitos casos o terreno não favorece e ha casos também de não saberem trabalhar nas lavouras<sup>20</sup>, pois é um processo cultural, haja vista o histórico da região, ser predominantemente de atividade pecuária; e outras áreas predominantes variam entre pastagens naturais e pastagens plantadas, estas, com função de alimentar o gado, já que a pecuária é a atividade predominante no município.

O quadro que se apresenta hoje demonstra que o estado do Rio Grande do Sul, possui uma expansão das atividades silvícolas. Conforme salientado no Plano de Desenvolvimento Econômico (PDE) de Bagé:

Mais recentemente, a expansão da silvicultura no estado avançou sobre a região. De certa forma, o desenvolvimento desta atividade, associada à crise

<sup>20</sup> Em relatos de alguns entrevistados, se mostram receosos na atividade lavoreira, pelo motivo de o clima interferir significadamente no processo final, podendo ser peça chave no desenvolver da planta, fazendo com isso um impedimento da produção por medo de perda da produção e consequentemente da renda final do produto.

porque passa a metade sul do Estado, está alimentando um debate sobre as possibilidades de crescimento da região versus a preservação do Bioma Pampa e da cultura gaúcha. Nesse caminho, propostas como o fomento à pecuária e ao turismo na região têm ganhado espaço como fatores para a promoção do desenvolvimento sustentável (PDE, 2011, p. 66).

O Pampa e a produção pecuária extensiva bovina estão estreitamente imbricados com o modo de vida do gaúcho e seu vínculo com a terra. Nesse sentido, a expansão da silvicultura sobre os campos pode significar uma ruptura cultural e uma ameaça aos costumes e tradições que caracterizam o modo de vida daqueles que vivem nestes lugares.

Originário da Austrália e da Indonésia, o eucalipto chegou ao Brasil no ano de 1825 como planta ornamental. Sua utilização para fins econômicos só teve início em 1903, quando passou a ser empregado na produção de dormentes ferroviários e lenha para alimentar as locomotivas da época. (FAO, 1981)

Em 1966 o governo federal estabeleceu o programa de incentivos fiscais, a fim de atender a crescente demanda de uma incipiente, porém, agressiva indústria baseada na utilização de madeira como matéria-prima para produção principalmente de carvão e papel e celulose, principalmente nas regiões sul e sudeste, as quais estavam, já naquela época, completamente destituídas de cobertura florestal natural.

O gênero *Eucalyptus* L'Herit. (popularmente conhecido como "eucalipto") conta com mais de 600 espécies originárias da Austrália, Tasmânia, Papua-Nova-Guiné, Timor e arquipélagos indonésicos (MARCHIORI, SOBRAL 1997).

Trazendo para a escala local, no município estudado, o eucalipto é cultivado em 271 unidades de produção, em uma área de 2.510 hectares, segundo dados do Censo Agropecuário de 2006. Geralmente, na unidade onde se produz o eucalipto, também se praticam outras atividades; os produtores alegam ser o eucalipto, uma renda extra para sua família, haja vista, que anteriormente havia áreas improdutivas. Veja-se imagem a seguir:

Figura 34 - Plantação de eucalipto em Caçapava do Sul



Localizada nas proximidades com o município de Lavras do Sul-RS.  
Fonte: Trabalho de campo (Abr. 2015).

## **5 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM RURAL CAÇAPAVANA**

Este capítulo tratará dos conflitos e impactos deixados nos espaços da produção de soja e de eucalipto no município, os impactos ambientais sofridos nos campos e as perspectivas para o futuro.

### **5.1 CONFLITO ENTRE A PECUÁRIA E AS NOVAS CULTURAS DA SOJA E DO EUCALIPTO**

Geralmente, o plantio de soja está sendo realizado por produtores originários de outros municípios, os quais têm, no arrendamento, a forma de acesso às terras. No município, a mão de obra aumentou no setor. O número de empregados só não é maior pela falta de qualificação da população que poderia vir a ocupar as vagas (operadores de máquinas em lavouras e técnicos de manutenção de máquinas agrícolas).

Com o aumento das lavouras de soja, aumentou o poder aquisitivo da população, daqueles que trocaram a atividade da pecuária para a prática do cultivo de soja.

A entrevista realizada com o presidente da Cooperativa Tritícola Cotrisul, no dia 13 de outubro de 2015, permitiu destacar que a formação geomorfológica dos campos da região da Serra do Sudeste dificulta a expansão da cultura, porém, nos últimos dez anos, houve um aumento de, aproximadamente, 300 % da área plantada, o equivalente a, mais ou menos, 10.000 hectares.

O presidente do sindicato descreve que o município tem, aproximadamente, 305.000 hectares de área total e que somente 9,8 % da área é ocupada pela soja. Afirma, ainda, que a soja incrementa a produtividade da pecuária. Assim, tem-se um sistema integrado lavoura/pecuária, que ganha em tecnologia e em nutrição do solo. A nutrição fica por conta da fixação de uma bactéria no solo, em uma relação de simbiose, da qual se obtém o solo com maior porcentagem de nitrogênio, aumentando a produtividade da pastagem de inverno.

O presidente relata, ainda, que praticamente todas as lavouras de soja do município fazem a adequação do sistema integrado: o azevém cresce dois meses, e, após, coloca-se o rebanho para pastar, que permanece na pastagem até a segunda quinzena de setembro aproximadamente. Após isso, o rebanho é retirado para o plantio da soja. Esse processo chama-se, localmente, de produção de “Campo cheio”, em que a

terra é trabalhada durante todo o ano, e tem-se, com ela, três períodos de rentabilidade financeira.

Geralmente, a soja é plantada nos meses de novembro. A colheita é realizada em fevereiro e março, e, logo após a colheita, planta-se o azevém<sup>21</sup>, que permanece por três meses, e, após, aplica-se o dessecante<sup>22</sup>. Com isso, forma-se uma palha, que serve de cobertura para o solo.

Ainda fala, que o solo do município é bom e fértil. Porém, um solo em que se retira o gado e, em seguida, planta-se a soja, levaria aproximadamente, oito anos para retornar a ser um bom campo para o gado.

Segundo a Emater/RS (2003), embora existam grandes unidades de produção na região, as mudanças históricas provocaram a formação de um contingente de produtores rurais que, apesar de possuírem áreas menores, continuaram com a pecuária de corte como sua principal atividade produtiva.

A pecuária familiar, na maioria dos casos, encontra-se entremeada às unidades de produção maiores. Essa é uma característica do município que acaba dificultando a identificação da categoria social, de modo a não se dar tanta importância à mesma e não se reconhecer sua existência. Entretanto, grande parte dos produtores vivem em unidades de produção constituídas de pouca dimensão física (terra), utilizam mão de obra essencialmente familiar e têm, na pecuária de corte, uma fração significativa de sua fonte de renda.

Entre os principais indicadores agropecuários do estado do RS, está o fato de que 45 % de seu Produto Interno Bruto (PIB) está vinculado ao setor primário da economia. A pecuária ocupa ao redor de 16 milhões de hectares, representando 56 % da área total do estado (Secretaria de Agricultura, Pecuária e Agronegócio/RS, 2006).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007), o rebanho gaúcho de bovinos soma 14.239.906 cabeças, participando com um percentual de 6,87 % do nacional. O rebanho de ovinos, por sua vez, corresponde a 3.732.917 cabeças, ou a 24 % do brasileiro. A exploração pecuária no Rio Grande do Sul, de forma geral, é desenvolvida, basicamente, pelo pastoreio contínuo de campos nativos e cultivados.

---

<sup>21</sup> Erva cespitosa (*Lolium perene*) da fam. das gramíneas, nativa da Europa e da Ásia, de até 60 cm, folhas planas, lineares, espiguetas lanceoladas e cultivada como excelente forragem.

<sup>22</sup> Que elimina a umidade. Os dessecantes podem também ter incorporadas substâncias secundárias, de maneira a adquirir propriedades antibióticas e outras. Elas podem ter origem mineral, sintética ou herbácea e variar sua toxicidade em relação a humanos e outros.

Referente ao cultivo de eucaliptos, destaca-se o Programa Poupança Florestal, implantado em novembro de 2005, que engloba 280 produtores rurais e uma área de floresta de eucaliptos com mais de 13 mil hectares, nas regiões da Campanha, Sul e Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul. A produção beneficia mais de 20 produtores do município de Caçapava do Sul.

De acordo com o engenheiro agrônomo da Emater/RS, Ascar Oswaldo Louzada, a discussão sobre um programa de silvicultura na região começou em 1984, com a criação da Área Piloto, a qual abrangia os municípios de Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista. Para a escolha do local, o programa considerava o tipo de solo, a topografia e o alto consumo de madeira. Após um período, surgiu a possibilidade de implantação do programa Poupança Florestal, permitindo aos produtores diversificar a matriz produtiva, que até então era a pecuária.

Para Louzada, essa diversificação permitiu agregar valores à unidade produtiva, com a possibilidade de, após sete anos, o produtor investir, na propriedade, os recursos oriundos da venda da madeira.

Na unidade de produção, a floresta possui 9,58 hectares e uma produção de 382 m<sup>3</sup>/ha, com idade de 7 anos e meio. “Vi, na plantação dos eucaliptos, uma alternativa de renda, já que os solos têm baixa fertilidade e eu não conseguiria aproveitar para outras culturas”, afirma o produtor. Além disso, ressalta que houve uma valorização da propriedade e que a pecuária e a agricultura não dariam os mesmos lucros que se está tendo com os eucaliptos. “Foram utilizadas áreas ruins, então não me prejudicou em nada. Continuei com a mesma lotação de gado e de ovinos”, finaliza o agricultor.

O primeiro pagamento realizado pela Fibria aos produtores corresponde a 75 % da produção de madeira da floresta. No caso do produtor entrevistado, o rendimento foi R\$ 761,00 ha/ano, em uma área de 9,58 hectares. Já para outro produtor, com área de madeira plantada de 10,54 hectares, o rendimento chegou a R\$ 975,00 ha/ano. O restante do pagamento ocorrerá na colheita da madeira, que poderá acontecer em até três anos.

No segundo pagamento, houve o reajuste de 9% ao ano sobre o valor acertado pela madeira. A expectativa é que, em três anos, quando a floresta estiver com dez anos e meio e for retirada, a produção de madeira na propriedade seja de 470 m<sup>3</sup>/ha. Dessa forma, a projeção é que o rendimento chegue a R\$ 1.034,00 ha/ano, uma vez que o financiamento já foi abatido no primeiro pagamento.

A produção mundial de soja (em média 125 milhões de toneladas), cujo volume participa do mercado internacional na formação da oferta e demanda pelo produto, está restrita, principalmente, a três países: Estados Unidos, Brasil e Argentina.

Em relação ao aumento da produção desses países, o Brasil pode ser o maior produtor de soja do mundo, pois é o único com áreas ainda disponíveis para a monocultura, representadas, em sua maioria, pelo Cerrado, apresentando solos e clima adaptados para o seu desenvolvimento.

## 5.2 OS IMPACTOS AMBIENTAIS

Conforme o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA), os campos do Rio Grande do Sul são denominados de maneira genérica de Pampa.

“formou-se um cenário complexo em torno da questão da expansão da silvicultura do RS, onde os principais atores sociais mobilizados eram o próprio Estado, as empresas florestadoras e os grupos ambientalistas. Posteriormente, os “movimentos sociais” agregaram-se à “luta”, polemizando o debate e anunciando que a questão da expansão dos cultivos na “Metade Sul” do RS não poderia ser vista apenas em termos de desenvolvimento econômico e que a sociedade deveria estar ciente dos riscos sociais que esses cultivos poderiam ocasionar à população do Pampa gaúcho” (BINKOWSKI, 2009, p.21).

A flora e fauna dos campos do Pampa apresentam uma grande riqueza de espécies, as quais estão muito bem adaptadas aos ambientes campestres, sendo muitas delas endêmicas, ou seja, não são encontradas em nenhum outro lugar no mundo. O Bioma Pampa apresenta uma área de 17,64 milhões de hectares, sendo que, destes, 572.910 ha estão protegidos em Unidades de Conservação (UCs) (BRANDÃO et al. 2007).

As alterações na paisagem do ambiente nativo, causadas pelo plantio de lavouras arbóreas, por si só afetam negativamente a fauna. O ambiente nativo é estruturalmente complexo, ou seja, possui inúmeros microambientes que propiciam a ocupação de determinada área por diversas espécies. Por vezes, o Pampa Gaúcho pode parecer um ambiente simplificado e homogêneo, mas não o é.

Até então, as atividades econômicas presentes, baseadas na pecuária, possibilitaram, embora com alteração, a manutenção da paisagem, a exemplo do predomínio do campo sobre a formação florestal, além da conservação da



cultura local. Em contrapartida, “nunca na história desse bioma, a inserção de uma monocultura de espécies exóticas foi capaz de produzir tamanhas alterações na paisagem, dificultando sua capacidade de recuperação, visto que atividades desta natureza não possibilitam nem a manutenção dos campos e, tampouco o avanço das formações florestais nativas. Assim, a sua inserção altera profundamente tanto os elementos bióticos, abióticos quanto os antrópicos, suprimindo a diversidade ambiental e cultural do lugar. (WANDERLEY, 1996).

O município de Caçapava do Sul está localizado em uma região, juntamente com os municípios de Lavras do Sul, Santana da Boa Vista e Pinheiro Machado, que são consideradas, ainda hoje, como a biodiversidade mais preservada<sup>23</sup> do Rio Grande do Sul. Possui espécies endógenas de extrema importância para o ecossistema.

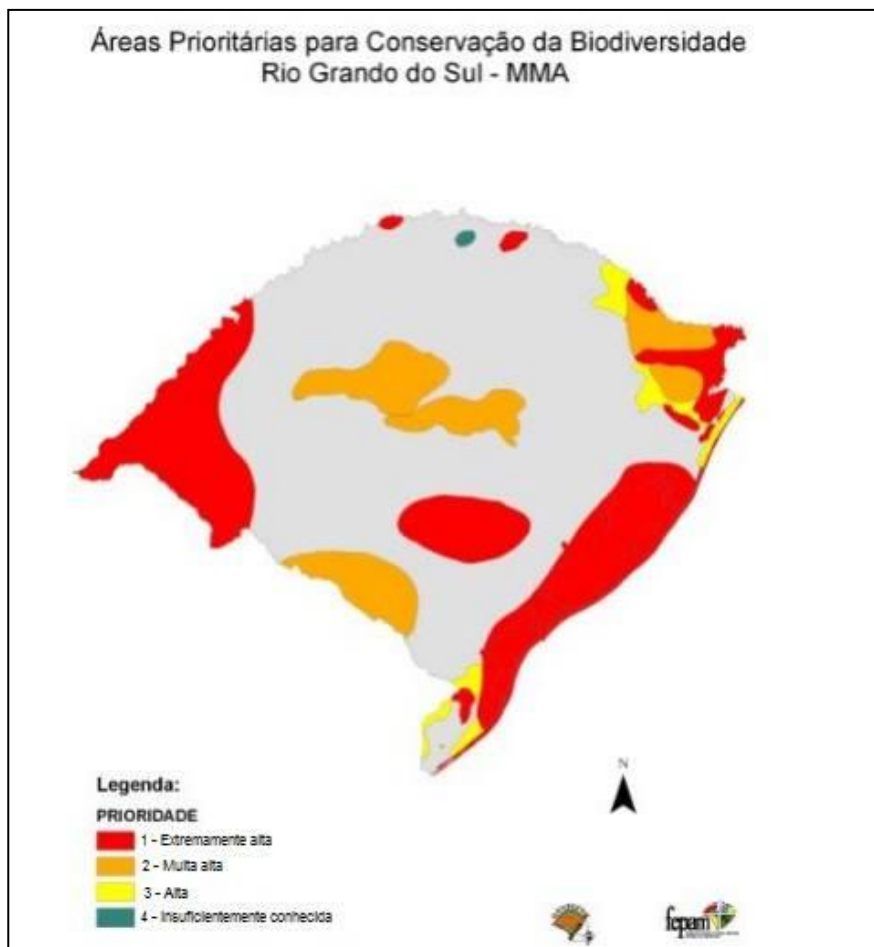
Cabe a reflexão de que onde, a intensa interferência de alta tecnologia age de forma amena e/ou gradual no ambiente natural, consegue-se manter mais preservado o espaço. A configuração física da região local favorece atividades mais tradicionais, sendo estas menos tecnológicas e, tendo como consequência, poucas alterações ou alteração mais lentas; sendo neste caso, um aspecto positivo na preservação do Bioma Pampa.

A seguir temos um mapa das áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade no estado, produzido pela Fepam (Fundação Estadual de Proteção Ambiental).

---

<sup>23</sup> Do ponto de vista dos aspectos naturais do Bioma Pampa, revela uma combinação particular de elementos abióticos (rochas, solo, clima, relevo, etc) com uma diversidade biológica muito presente (fauna, flora), sendo a associação destas características responsável por uma beleza paisagística inusitada.

Figura 35 - Áreas prioritárias para conservação da biodiversidade da mata atlântica e campos sulinos



Fonte: MMA, (2000) Disponível em:  
<https://www.google.com.br/search?q=MMA&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=>

A Secretaria Estadual de Planejamento e Gestão do RS – SEPLAG menciona que a porção do estado onde se localiza Caçapava do Sul é:

(...) o conjunto florístico é peculiar e apresenta influências pampeana, chaquenha e andina, com muitos endemismos, principalmente com relação às Cactáceas e Bromeliáceas rupícolas. As formações vegetais apresentam escleromorfismo acentuado em decorrência de condições climáticas (inverno com temperaturas muito baixas e verão seco) e edáficas (SEPLAG, 2005b, p. 53).

A possível expansão e desenvolvimento das culturas de soja e eucalipto, pode colocar em risco a sobrevivência de muitas espécies de importância científica e induzir à perda de potencialidades de usos dos recursos locais para o desenvolvimento de outras

atividades econômicas que estejam de acordo com a preservação e conservação dessa paisagem e melhoria da qualidade de vida das populações locais.

Se por um olhar percebe-se o pouco e lento desenvolvimento econômico da região, tem-se como sua consequência, esta natureza ainda preservada. Esta análise nos permite, sobre uma perspectiva crítica, notar os prós e contras da intensificação da modernização da contemporaneidade.

No Rio Grande do Sul, de acordo com Binkowski (2009), no início de 2004 o governo do estado começou uma política pública para atrair empresas do setor florestal, objetivando expandir a produção florestal<sup>24</sup> e desenvolver a região da “Metade Sul” do estado. No início de 2005:

“[...] tais empresas iniciaram os primeiros investimentos através de compras e arrendamento de terras, efetuaram também os primeiros plantios de eucalipto em novas áreas; ainda existia a previsão de construção de duas fábricas de celulose, além da duplicação da fábrica já existente no RS. Na ótica do Estado essa política florestal iria reerguer a economia estadual” (BINKOWSKI, 2009, p.20).

Desde então, uma polêmica em torno deste assunto começou no estado, uma vez que as plantações estariam sendo direcionadas para a área do Bioma Pampa, que tem grande importância na biodiversidade do estado.

Hoje em Caçapava do Sul, 4.000 hectares estão plantados com eucaliptos. Uma empresa possui a maior parte de área plantada com aproximadamente 3.050 hectares, sendo esta a Fibria, hoje com o nome de CMPC.

Na análise das entrevistas aplicadas, quando questionado “como vê a natureza em sua unidade de produção”, as respostas foram as seguintes: 7,14 % falaram que tentam preservar; 10,7 % falaram que é muito boa com bons recursos hídricos; 32,14 % falaram estar tudo tranqüilo em sua unidade; 7,14 % falaram que a preservação da natureza é muito importante para a reprodução e 7,14 % que acham importante preservar o campo nativo.

---

<sup>24</sup> “Poupança Florestal” é um programa de incentivo à plantação de eucalipto para agricultores que possuem propriedades rurais na Metade Sul do Rio Grande do Sul. Além do Rio Grande do Sul, o programa contempla os estados da Bahia (Extremo Sul), Espírito Santo e São Paulo. Na região, a Fibria realizou uma parceria com a Emater/RS-Ascar. A empresa possibilitou aos produtores acesso a financiamento bancário, mudas de qualidade genética, garantia de comercialização da madeira e educação ambiental. A Emater/RS-Ascar realizou o projeto para acesso ao financiamento, capacitação de produtores e prestadores de serviço e a assistência técnica e teve apoio da prefeitura de Caçapava do Sul. O objetivo do programa é a geração de renda, preservação do meio ambiente e a sustentabilidade no campo, já que permite a diversificação nas propriedades, com a implantação da floresta e a continuidade na produção de alimentos e pecuária.

Individualmente se destacam outras falas, entre elas:

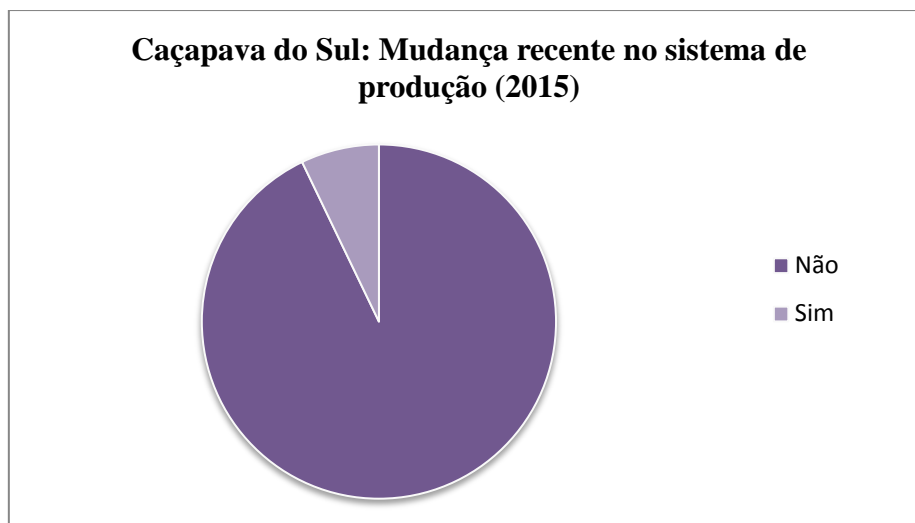
- Tem lavouras de soja que carregam veneno para as águas;
- Sempre olho com cuidado a questão da natureza. Nossa atividade respeita ao máximo a natureza;
- Aqui a natureza é bem preservada;
- Há desmoronamentos de taludes;
- Temos um açude que antes dava peixe, hoje não dá mais por causa da lavoura de soja que tem aqui no campo vizinho;
- É bem respeitada, pois preservo várias espécies;
- Vejo o capimannoni como praga no meu campo;
- Possui campo nativo e não desmata;
- Depois do aumento da soja nas “beradas” dos campos, percebeu mais animais selvagens se acolhendo no campo preservado.

### 5.3 PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Torna-se de fundamental relevância identificar as perspectivas para o futuro das unidades de produção e para a vida social dos sujeitos do campo. Pois, assim, pode-se identificar possíveis alterações no seu modo de vida.

Entre os entrevistados, quando questionados se “houve, recentemente, mudança no sistema de produção da unidade”, dos 28 participantes, 92,8 % responderam que não houve mudança, e 7,14 % responderam houve. Veja-se o gráfico a seguir.

Figura 36 – Mudanças recentes no sistema de produção

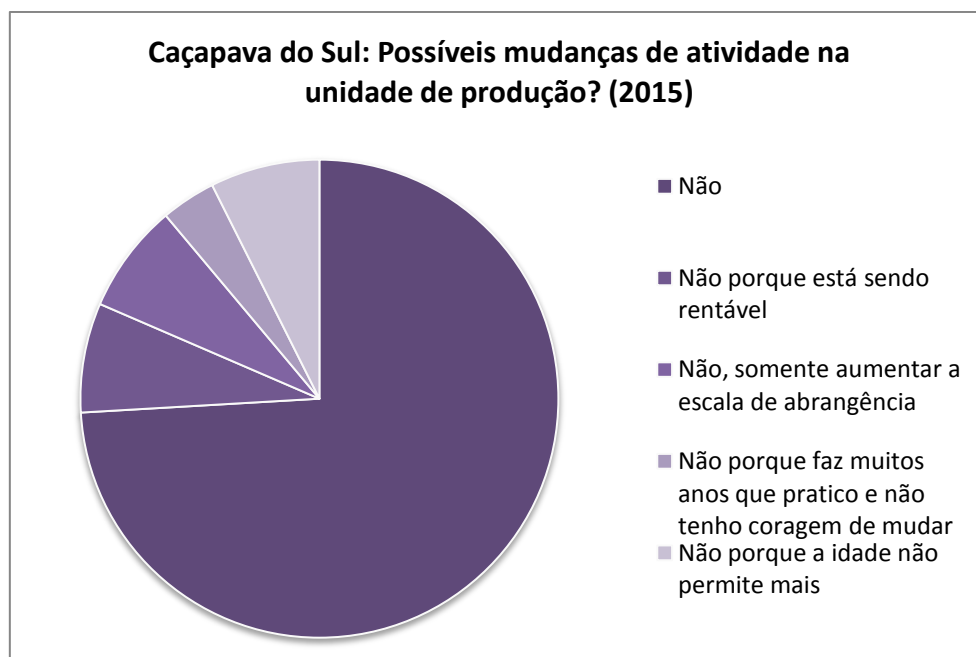


Fonte: Trabalho de campo (org.).

A falta de interesse de mudança, no sistema de produção contido nas unidades, dá-se, principalmente, devido à satisfação na atividade que desenvolve, e, em parte, por pensar ser o suficiente para sua qualidade de vida; se a atividade desenvolve-se com resultados satisfatórios, não existe motivo para trocar de sistema. Logo abaixo, pode-se identificar as justificativas do porquê praticam a pecuária bovina como principal atividade.

Quando questionado aos entrevistados se “pretendes mudar de atividade na unidade de produção e o por quê”, dos 28 entrevistados, 7,6 % responderam que não e que somente querem aumentar a escala de abrangência; 10,7 % falaram que não mudariam porque está sendo rentável; 71,4 % falaram que não teriam motivos para mudar; 7,14 % falaram que a idade não os permite mais; e 3,7 % alegaram já terem passado muitos anos nessa atividade e que não teriam coragem de trocar por qualquer outra. Veja-se o gráfico a seguir.

Figura 37 – Possíveis mudanças de atividade na unidade de produção



Fonte: Trabalho de campo (org.).

Ao questionar se “há possível sucessor do trabalho na unidade de produção”, as respostas foram as seguintes: 14,3 % dos entrevistados responderam que não sabem; 7,14 % responderam que sim, que possuem três filhos; 17,85 % dos entrevistados responderam que não possuem sucessor; 3,7 % responderam que não, porque seu filho irá vender; 42,85 % dos entrevistados responderam que sim; e 14,3 % dos entrevistados responderam que sim, pois têm dois filhos.

Ainda sobre a análise de possível sucessor no trabalho da unidade de produção, destaca-se o número de entrevistados cuja resposta foi não; dos 28 entrevistados, 6 responderam que não haverá possível sucessor. Isso é um dado importante e relevante, pois mostra o quanto é possível haver uma troca de sistema de produção após a substituição de dono da unidade, tornando-se vulnerável a preservação da cultura anteriormente presente.

Quando questionados sobre “o que pensam para o futuro da unidade de produção”, dos 28 entrevistados, 3,7 % falaram que irão entregar para seus filhos; 25 % falaram que querem expandir a produção; 7,14 % querem seguir trabalhando até quando o corpo físico aguentar; 3,14 % desejam seguir, mas porque não veem outra alternativa, pois não se interessam pelo trabalho desenvolvido; 3,7 % querem tentar desenvolver um

trabalho em conjunto com os vizinhos para melhorar algumas atividades; 21,4 % desejam melhorar e aperfeiçoar; 10,7 % querem continuar no mesmo sistema; 7,14 % desejam seguir, pois têm qualidade de vida; 7,14 % desejam continuar, pois, futuramente, aspiram morar na unidade de produção; 3,7 % falaram que esperam mais incentivos dos governantes; e 3,7 % falaram que pretendem continuar arrendando, pois não saberiam como administrar, tampouco trabalhar na unidade.

Destaca-se que, com 25 % das respostas, o maior número de pecuaristas entrevistados deseja expandir a produção e que, com 21,4 %, desejam melhorar e aperfeiçoar a produção. Essas respostas foram mais comuns entre os entrevistados que têm menor idade, haja vista que os pecuaristas com idade mais avançada desejam continuar no mesmo sistema, pois são felizes e satisfeitos com o modo como vivem, e/ou vão entregar a produção para seus filhos, quando não conseguirem mais conduzir os trabalhos por conta própria.

No questionamento sobre se “é feliz no seu modo de vida”, dos 28 entrevistados, 96,4 % responderam que sim, e 3,7 % responderam que trabalham somente porque têm a terra.

A felicidade é formada por diversas emoções e sentimentos, que podem ser por um motivo específico, como um sonho realizado, um desejo atendido, ou as pessoas podem ser conhecidas por estarem sempre felizes e de bom humor. Ainda assim, não se pode procurá-la em momentos constantes de nossas vidas, pois ela é feita de momentos passageiros. Contudo, a interpretação do questionamento feito deveria ser sobre uma visão geral de sua forma de vida relacionada ao trabalho desenvolvido no campo. Isso resultou na unanimidade das respostas, cujos entrevistados responderam ser bastante satisfeitos e viverem muito bem com suas atividades e em seu modo de vida.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é uma contribuição para o entendimento da lógica da pecuária familiar como uma especificidade da agricultura familiar, além da identificação de elementos característicos dessa categoria social presentes no município de Caçapava do Sul.

Os principais aspectos da pecuária familiar, em Caçapava do Sul/RS, são: (a) a atividade produtiva mais representativa é a bovinocultura de corte, constatando-se a identidade cultural de “pecuaristas”, de pessoas que trabalham com a pecuária, sendo o gado o animal que lhes dá segurança – o mesmo gado é visto como mercadoria de reserva e comercializado de acordo com as necessidades, expectativas e desejos da família; (b) a mão de obra é predominantemente familiar, havendo também troca de serviços entre os produtores (vizinhos e parentes) em determinadas épocas; (c) a pecuária de corte ocupa a maior parte da área das unidades de produção, embora não responda pela maior fonte de renda dos produtores; e (d) os pecuaristas familiares tem, na aposentadoria rural, sua principal fonte de renda não agrícola, a qual é bastante representativa na renda total para gastos em geral e manutenção da atividade produtiva.

A atividade da pecuária bovina de corte apresenta relevante importância socioeconômica e ambiental para a região, fundamental para a manutenção dos produtores e suas famílias no campo, contribuindo, significativamente, com a produção pecuária e, conseqüentemente, com a produção de alimentos.

Sobre o aspecto ambiental, a atividade da pecuária de corte faz-se necessária e importante para a manutenção da fauna e flora locais, haja vista o grau de preservação do bioma Pampa na região. Apesar da expansão da soja e do eucalipto, ainda se conservam grandes áreas de campo nativo ocupadas por gado.

A paisagem transforma-se na medida em que as atividades mudam no espaço. A cultura local ainda se mantém com poucas alterações, porém, com o passar dos anos, não se pode garantir tal fato, visto que, paulatinamente, mudam-se as necessidades econômicas e sociais da população em geral, tanto no contexto mundial como local.

O município não é imparcial em suas características. Assim como a sociedade evolui em todos os aspectos, é notável a transformação também em seu espaço. Se é possível considerar as mudanças boas ou ruins para a população que ali vive, não cabe o julgamento visto por um só viés. Há complexidade na forma de interpretação do espaço,



pois a ciência estudada é uma Ciência Humana. Há, nesse caso, ambiguidade de sentido nas diferentes análises referentes às relações do homem com a natureza.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, N. S. **História do município de Caçapava do Sul**. Ed.3, Martins Livreiro, 1992.
- BARBOSA, R. T.; ESTEVES, S. N. **Intensificação da bovinocultura de corte: estratégias de melhoramento genético**. São Carlos: EMBRAPA-CPPSE, 1997, 41-62, p. (EMBRAPA-CPPSE. Documentos, 25).
- BERTOLA, A. Material técnico. Disponível em: [http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Eucalipto\\_100%20anos%20de%20Brasil\\_Alexandre\\_Bertola.pdf](http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Eucalipto_100%20anos%20de%20Brasil_Alexandre_Bertola.pdf) . Acesso em: 10/07/2016
- BERTRAND, J.; LAURENT, C.; LECLERCQ, V. **O mundo da soja**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BINKOWSKI, P. **Conflitos ambientais e significados sociais em torno da expansão da silvicultura de eucalipto na “Metade Sul” do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- BOAVISTA, L. da R. **Estudo de Comunidades vegetais Campestres na Região do Alto Camaquã, Rio Grande do Sul**. 2012. 85 f. Dissertação (Mestrado em Agrobiologia) – Universidade Federal de Santa Maria, 2012.
- BOLDRINI, I. I. A flora dos campos do Rio Grande do Sul. In: PILLAR, V. P. et al. (org.). **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. MMA, Brasília/DF, 2009. 63-77, p.
- BORBA, M. Projeto incentiva atividade de pecuaristas familiares. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 27 ago. 2014. Disponível em: [jcrs.uol.com.br/site/notícia](http://jcrs.uol.com.br/site/notícia). Acesso em: 04 jan. 2016.
- BRANDÃO, A. S. P.; REZENDE, G. C.; MARQUES, R. W. C. **Crescimento agrícola no período 1999/2004: explosão da área plantada com soja e meio ambiente no Brasil**. IPEA, Textos para discussão 1062, Rio de Janeiro, 2005.
- BRANDÃO, T.; TREVISAN, R.; BOTH, R. Unidades de Conservação e os campos do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, nº 1 [supl.1], 2007. 843-845, p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA. **Cadeia produtiva da soja**. Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Brasília: IICA: MAPA/SPA, 2007.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA. **Sumário executivo-soja**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 15 dez. 2014.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA. **Sumário executivo-complexo carnes**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 15 dez. 2014.

BRASIL. Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). Disponível em: <http://www.conab.gov.br/conab-quemSomos.php?a=11>. Acesso em: 12 maio 2014.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Biodiversidade brasileira** – avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade brasileira. MMA/SBF, Brasília, 2002.

BRILHA, J. **Patrimônio Geológico e Geoconservação: A Conservação da Natureza na sua vertente Geológica**. Palimage: Braga/Pt, 188p. 2005. Disponível em: [http://www.dct.uminho.pt/docentes/pdfs/jb\\_livro.pdf](http://www.dct.uminho.pt/docentes/pdfs/jb_livro.pdf). Acesso em: 25 ago. 2014.

BRUM, A. J. **Modernização da Agricultura** - Trigo e Soja. Fidene: Ijuí/RS, 1985.

CAMPOS, M. C. Expansão da soja no território nacional: o papel da demanda internacional e da demanda interna. **Revista Geografares**, Vitória, n° 8, 2010. Disponível em: [periodicos.ufes.br/geografares/article/download/1295/977](http://periodicos.ufes.br/geografares/article/download/1295/977). Acesso em: 06 set. 2014.

CARDOSO, F. F. Melhoramento Genético Participativo de Bovinos de Corte: Estratégias para Pecuaristas Familiares – Bagé/RS. **EMBRAPA**, Bagé/RS, Circular Técnica 36, 2009. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/55807/1/CT36.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

CAVALCANTI, M. R. **Mercado mundial da carne bovina** – perspectivas para o Brasil. 30 out. 2008. <http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produtiva/editorial/mercado-mundial-da-carne-bovina-perspectivas-para-o-brasil-49274/>. Acesso dia: 20 jan. 2016.

CHELOTTI, M. C. **A estância metamorfoseou-se: (re)configurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na campanha gaúcha (1990-2007)**, 2009. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia. 2009.

CHOMENKO, L. Pampa: um bioma em risco de extinção. O Pampa e o monocultivo do eucalipto. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos (IHU – on-line)**. São Leopoldo, n° 247, dez. 2007. Disponível em: [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Acesso em: 25 out. 2014.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

COLLE, C. A. Negociações multilaterais e políticas agrícolas dos estados Unidos, União Européia e Brasil. **Emater/RS**. Série realidade rural-volume 51. Porto Alegre. 2008.

DALL`AGNOL, A. D. 2007. O complexo agroindustrial da soja brasileira. Circular Técnica 43, ISSN 1516 – 7860, EMBRAPA, Londrina, PR.

EMATER. Rio Grande do Sul/ASCAR. **Projeto Área Piloto: Dez anos de ações participativa na construção do desenvolvimento territorial sustentável. EMATER/RS-ASCAR**, Porto Alegre, 2004.

EMATER. Rio Grande do Sul/ASCAR. **Programa Estadual de Pecuária Familiar**. Porto Alegre, 2004. p. 12

FIALHO, M. A. V. **Rincões de Pobreza e desenvolvimento**: interpretações sobre o comportamento coletivo. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p. 302.

FIGUEIRÓ, A. S. et al. Compreensão da Paisagem do Alto Camaquã: debate ambiental sobre o Bioma Pampa. **Mercator**, Ceará, v. 10, n. 23, p. 147-158, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/517/375>>. Acesso em: 05 mai. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed. 6. São Paulo. Editora Atlas. 2008.

GUIMARÃES, A. P. **Quatro Séculos de Latifúndio**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977. 255, p.

HAESBAEST, R. Dês-caminhos e perspectivas do território. In: **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

HARVEY, D. A destruição criativa da Terra. In.: **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Boitempo. São Paulo. 2011. 153, p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HISTÓRIA da soja no Brasil. **Gestão no Campo**. Disponível em: <<http://www.gestaonocampo.com.br/biblioteca/historia-da-soja-no-brasil/>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, (Manuais técnicos em Geociências, n. 1), 1992. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/vegetacao/manual\\_vegetacao.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/vegetacao/manual_vegetacao.shtm)>. Acesso em: 26 ago. 2014.

IBGE. **Sala de imprensa**. Comunicação social. 8 out. 2015. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=3006>. Acesso dia: 09 out. 2015.

LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar**. Campinas: Unicamp, 1993. 336, p.

MATTE, A.; WAQUIL, P. D. **Vulnerabilidade social e a construção de estratégias de enfrentamento e adaptação para pecuaristas de corte no Rio Grande do Sul**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, V 28, p. 107 - 125, jul. / dez. 2013. Editora UFPR. Disponível em: file:///C:/Users/OI/Downloads/31460-128233-1-PB.pdf. Acesso dia: 10 jul. 2015.

MIELITZ NETTO, C. G. A. **Modernização e diferenciação na bovinocultura de corte brasileira**. 1994. 224 f. Tese (Doutorado em Economia)–Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

MMA. **Biodiversidade brasileira**—avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade brasileira. MMA/SBF, Brasília, 2002.

MOREIRA, R. **Sociedade e espaço geográfico no Brasil. Constituição e problemas de relação**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

OLIVEIRA, S. L. **Tratando de metodologia científica**. São Paulo SP. Pioneira Thomason Learning. 2002.

OVERBECK, G. E. et al. Os campos sulinos: um bioma negligenciado. In: PILLAR, V. D.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z.; JAQUES, A.V.A (Org.). **Campos Sulinos – conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA. 2009. 26-41, p.

PASSOS, V. T. R. Unidades de paisagens biofísicas. In: **Zoneamento Ecológico-Econômico: recursos naturais e meio ambiente, (Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre – Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Estado do Acre)**. Documento Final. V.1, p. 97-116, 2000.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 7. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

PESAVENTO, S. J. **Pecuária e indústria: formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha do século XIX**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.

REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1986. 109, p.

REVISTA DA MADEIRA. Disponível em:  
[http://www.remade.com.br/br/revistadamadeira\\_materia.php?num=20](http://www.remade.com.br/br/revistadamadeira_materia.php?num=20) Acesso em: 10 jul. 2016.

RIBEIRO, C. M. Pecuária familiar na região da Campanha do Rio Grande do Sul. In: **Pecuária Familiar**. EMATER. Rio Grande do Sul/ASCAR (Série Realidade Rural, 34), Porto Alegre, 2004. 12, p.

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. 300f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANDRINI, G. B. D. **Processos de inserção dos pecuaristas familiares do Rio Grande do Sul na cadeia produtiva da carne**. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS- PGDR, 2005. 178, p.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica de geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, T.; TREVISAN, R. **Eucaliptos versus bioma pampa**: compreendendo as diferenças entre lavouras de arbóreas e o campo nativo. Disponível em: <http://www.painelflorestal.com.br/noticias/celulose-e-papel/produtores-investem-na-producao-de-eucaliptos-em-cacapava-do-sul-rs>. Acesso dia: 05 mar. 2014.

SILVA, A. C. P. da. **Concepções e abordagens socioespaciais sobre o rural**: alguns referenciais analíticos para a gestão de territórios. terra@plural, Ponta Grossa, 1(1): 23-38, jan.-jul., 2007.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço Geográfico uno e múltiplo**. Scripta Nova. n. 93, 15 de julho de 2001.

STRETCH, P. et al. **Solos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

VALVERDE, O. Geografia da pecuária no Brasil. **Finisterra**. [S.L], V. 2, n. 4. p. 244-260. 1967.

VIEIRA, E. F. **Rio Grande do Sul**: geografia física e vegetação. Porto Alegre: Sagra, 1984.

VIEIRA, E. F.; RANGEL S. S. **Geografia econômica do Rio Grande do Sul**-Espacialidade/temporalidade na organização econômica Rio-grandense. Porto Alegre. Sagra-DC luzzatto.1993.

WANDERLEY, M. N. **Olhares sobre o “rural” brasileiro**. Fotocópia. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

ZONEAMENTO DO EUCALIPTO PARA O RIO GRANDE DO SUL. **Redução de Riscos na Agricultura**. Disponível em: <<http://www.cpact.embrapa.br/agromet/zoneamento/eucalipto/resultado.php>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

**Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de  
Santa Maria  
Mestranda: Carla Silveira**

Data:

Local (Distrito):

### I – CARACTERIZAÇÃO

1. Quantas pessoas da família residem na propriedade?

2. Tem membros que residem na área urbana do município?

3. Quantas pessoas trabalham na propriedade?

( ) Contratada: Esporádica \_\_\_\_ N° pessoas.      Permanente \_\_\_\_ N° pessoas.

4. Qual o seu nível de escolaridade?

( ) Nunca estudou

( ) Ensino fundamental incompleto

( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino médio completo

( ) Superior Incompleto

( ) Superior

### II - IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE DE PRODUÇÃO

Entrevistado:

( ) proprietário

( ) filho

( ) outro

Localidade – distrito:

Frequencia com que vai na cidade:

### III - ORIGEM DA UNIDADE

1. Como foi obtida as terras:

( ) herança

( ) compra de parentes

( ) compra de terceiros

doações       arrendamento       outras

2. Quantidade da área (ha) –

3. Quanto tempo pratica a atividade de pecuária de corte;

4. A atividade é satisfatória para sua renda familiar;

5. A unidade nos últimos anos:

aumentou       diminuiu       estável

#### IV - COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA

a. Possui mão-de-obra

contratada       familiar

b. Quantas pessoas moram na unidade de produção;

c. A renda:

aposentadoria       trabalho do campo       arrendamento  
 doações       outros

#### V - IDENTIDADE DAS FAMÍLIAS

a. Com que termo se identifica mais:

agricultor       agricultor familiar       empresário rural  
 pecuarista       pecuarista familiar       trabalhador rural  
 produtor rural       outro

b. Se não pudesse criar gado o que você faria;

c. Quem contribui mais para a tomada de decisões na unidade de produção;

d. Qual principal meio de comunicação para sua formação;

rádio       tv       ler material técnico  
 palestras,cursos       internet       jornais, revistas

e. Os membros da família costumam participar de atividades na comunidade local e ou no município;

Sim. Qual;       não



## VI - USO DA TERRA

Área com lavouras -  
 Área com pastagens plantadas -  
 Área com campo nativo -  
 Área com florestas plantadas -  
 Áreas com florestas naturais -  
 Área com benfeitorias -  
 Área inaproveitáveis -  
 Hortas e pomares -

Terra: relevo predominante

plano       ondulado       fortemente ondulado

Recurso hídrico

acude       barrage       sangas       arroios

Máquinas e equipamentos

trator       veículo       reboque       roçadeira  
 carroça       outros

Acesso a crédito

tem acesso       não tem acesso

## VII - ATIVIDADES

Lavouras:

Cultura -  
 Área (ha) -

Horta:

Cultura -  
 Área (ha) -

Criações:

bovinos       ovinos       caprinos       cavalos       outros

## VIII - PROCESSOS MERCANTIS

Aquisição de insumos

Categoria:  
De quem compra:  
Critérios para a compra:

Compra de animais  
Categoria:  
De quem compra:  
Critérios para a compra:

Venda de animais  
Categoria:  
Para quem vende:  
Critérios para a venda:

## IX - FORMA PRODUTIVA

- a. Houve mudança recentemente no sistema de produção; Porque;
- b. Recebe assistência técnica; Qual a periodicidade;
- c. O que você pensa para o futuro da unidade de produção;
- d. Você é feliz no seu modo de vida;
- e. Há possível sucessor do trabalho na unidade de produção;